



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
CAMPUS FORTALEZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

BRUNA CARNEIRO DE OLIVEIRA

E DEPOIS DO 3º ANO? PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES APÓS A
CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO

FORTALEZA

2021

BRUNA CARNEIRO DE OLIVEIRA

**E DEPOIS DO 3º ANO? PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES APÓS A
CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Fortaleza do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Patrícia Ribeiro Feitosa Lima

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Instituto Federal do Ceará - IFCE

Sistema de Bibliotecas - SIBI

Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D278e de Oliveira, Bruna Carneiro.

E Depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio : E Depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio / Bruna Carneiro de Oliveira. - 2022.

118 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Ribeiro Feitosa Lima .

1. Ensino Médio. 2. Juventude. 3. Trabalho. I. Título.

CDD 378.013

BRUNA CARNEIRO DE OLIVEIRA

**E DEPOIS DO 3º ANO? PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES APÓS A
CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Fortaleza do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em ____ de dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Patrícia Ribeiro Feitosa Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE
Orientadora

Prof.^a Dr.^a. Heloísa Beatriz Cordeiro Moreira
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof. Dr. Nilson Vieira Pinto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof. Dr. Emmanuel Wassermann Moraes e Luz
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

À minha filha.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu sobreviver entre tantas perdas vividas nos últimos dois anos. Agradeço também por sustentar minha esperança entre tantas vezes em que desenvolver a pesquisa parecia algo inconcebível.

Aos meus pais que são meu abrigo.

Ao meu esposo, Evamar, que faz da nossa casa um lar e que transforma os nossos sonhos em realidade.

À minha filha, razão de tudo.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Patrícia Ribeiro Feitosa Lima, a quem muito admiro pela sabedoria e, sobretudo, pela delicadeza, carinho e cuidado nos gestos e nas palavras.

Às minhas amigas Brena, Lara e Rejane que considero um dos grandes presentes dessa trajetória. Agradeço por toda cumplicidade e apoio.

Aos docentes do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), em especial ao Coordenador Acadêmico Local, Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva por todo o valioso aprendizado.

À Banca Examinadora, por ter aceitado o convite e por auxiliar na construção da pesquisa.

A todos os sujeitos que compõe a Escola de Ensino Médio Edson Correa que viabilizaram a realização dessa pesquisa.

Aos jovens estudantes que aceitaram compor essa pesquisa, atribuindo-a sentido e materialidade.

Que é muito difícil você vencer a injustiça secular, que dilacera o Brasil em dois países distintos: o país dos privilegiados e o país dos despossuídos.

(Ariano Suassuna, 1990)

RESUMO

O presente estudo objetivou analisar, de acordo com os estudantes do 3º ano do ensino médio, perspectivas e possibilidades profissionais e acadêmicas após a conclusão do ensino básico. Nesse sentido, dialoga sobre dois pontos que atravessam a juventude de quem frequenta a escola pública no Brasil: trabalho e projetos de vida. O referencial teórico apresenta a categoria juventude, tendo como referência a corrente sociológica que a compreende enquanto produto das relações de classe, além de pontuar a juventude enquanto categoria social e historicamente construída. Nessa direção, apresenta-se o conceito de projetos de vida para a juventude no contexto do ensino médio. Com o objetivo de discutir o espaço privilegiado de inserção da juventude, o aporte teórico também discorre sobre a historicidade das reformas da Educação Básica no Brasil, culminando com a reforma do ensino médio, pela lei 13.415/17, o que permite discutir sobre o atual cenário em que a escola se insere. Desse modo, o cenário escolhido para a realização da pesquisa foi a Escola de Ensino Médio Edson Correa, caracterizada como uma escola pública estadual localizada no município de Caucaia-CE. Como percurso metodológico, a pesquisa se orienta pela concepção teórica do materialismo histórico-dialético para análise da realidade social, utilizando a abordagem qualitativa. A coleta de dados ocorreu através da realização de um Encontro Virtual para apresentação do produto educacional dessa pesquisa, o e-book *E Depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* e aplicação de um questionário composto por quatro questões. A fase de coleta de dados contou com a contribuição de dez (10) estudantes, regularmente matriculados no 3º ano do ensino médio. Os resultados da pesquisa evidenciam que a escola ainda não se constitui enquanto espaço que proporciona aos estudantes discutir acerca dos projetos de vida, além de apresenta-los somente a perspectiva do trabalho, tendo como referência a sociedade do capital. O produto educacional, portanto, possibilitou dialogar com os estudantes sobre seus projetos de vida, sejam eles vinculados à continuidade dos estudos ou a inserção no trabalho; ademais, apresentou-lhes a categoria trabalho a partir dos fundamentos ontológicos e científico-tecnológicos na perspectiva onto-histórica.

Palavras-chave: Ensino Médio; Juventude; Trabalho.

ABSTRACT

This study aims to analyze, according to the students of the 3rd year of high school, professional and academic perspectives, and possibilities after completing basic education. In this sense, we talk about two points that cross the youth who attend public schools in Brazil: work and life project. The theoretical framework presents the youth category, having as reference the sociological current that understands it as a product of class relations, in addition to pointing out, youth as a social and historically constructed category. In this direction, we present the concept of life projects for youth in the context of high school. In order to discuss the privileged space for the insertion of youth, the theoretical approach also discusses the historicity of the reforms of Basic Education in Brazil, culminating with the reform of high school by law 13. 415/17, which brings a discussion about the current scenario in which the school is inserted. Thus, the chosen setting for the research was the Edson Correa High School, characterized as a state public school located in the city of Caucaia - Ceará. As a methodological path, the research is guided by the theoretical conception of historical-dialectical materialism for the analysis of social reality, using a qualitative approach. Data collection took place during a virtual meeting to present the educational product of this research, the e-book "And after the 3rd? Perspectives and possibilities after high school graduation" and the application of a four-question questionnaire. The data collection phase had the contribution of ten (10) students regularly enrolled in the 3rd year of high school. The research results show that the school is not yet constituted as a space that provides students with a discussion about life projects, in addition to presenting them only the perspective of work having as a reference the society of capital. The educational product, therefore, made it possible to dialogue with students about their life projects, whether they were linked to the continuation of studies or insertion into work. Furthermore, it introduced the students to the category of work from the ontological and scientific-technological foundations in an onto-historical perspective.

Keywords: High School; Youth; Work.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fases da coleta de dados.....	42
Figura 2 –	Questionário aplicado aos estudantes.....	51
Figura 3 –	Resposta do E2 à questão 01.....	52
Figura 4 –	Resposta do E3 à questão 01.....	52
Figura 5 –	Resposta do E7 à questão 01.....	53
Figura 6 –	Resposta do E1 à questão 01.....	54
Figura 7 –	Resposta do E10 à questão 01.....	54
Figura 8 –	Resposta do E4 à questão 02.....	56
Figura 9 –	Resposta do E5 à questão 02.....	56
Figura 10 –	Resposta do E9 à questão 02.....	57
Figura 11 –	Resposta do E8 à questão 02.....	58
Figura 12 –	Resposta do E6 à questão 02.....	58
Figura 13 –	Resposta do E7 à questão 02.....	59
Figura 14 –	Resposta do E1 à questão 03.....	60
Figura 15 –	Resposta do E4 à questão 03.....	60
Figura 16 –	Resposta do E4 à questão 03.....	61
Figura 17 –	Resposta do E7 à questão 04.....	62
Figura 18 –	Resposta do E9 à questão 04.....	62
Figura 19 –	Resposta do E5 à questão 04.....	63

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	OBJETIVOS.....	17
2.1	Objetivo Geral.....	17
2.2	Objetivos Específicos.....	17
3	APORTE TEÓRICO.....	18
3.1	A historicidade das reformas da Educação Básica no Brasil.....	18
3.2	Concepções sobre Juventude.....	22
3.3	Juventude e Projetos de Vida.....	28
3.4	As Direções do Ensino Médio a partir da Lei 13. 415/17.....	31
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	38
4.1	Tipo de Estudo.....	39
4.2	Cenário de Pesquisa.....	39
4.3	Participantes do Estudo.....	41
4.3.1	<i>Critérios de Inclusão</i>	41
4.3.2	<i>Critérios de Exclusão</i>	41
4.4	Coleta de Dados.....	41
4.5	Considerações sobre Ética na Pesquisa.....	43
4.6	Análise dos Dados.....	44
5	A PESQUISA COMO CONTRIBUIÇÃO SOCIAL E PEDAGÓGICA: O FAZIMENTO DO E-BOOK “E DEPOIS DO 3º?: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO”.....	45
5.1	Construção do E-book.....	45
5.2	A Validação do Produto Educacional.....	48
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	51
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS.....	68
	APÊNDICE A.....	73
	APÊNDICE B.....	106
	ANEXO A.....	110
	ANEXO B.....	115
	ANEXO C.....	118

1 INTRODUÇÃO

A escola pública, de acordo com Libâneo (2016, p. 60), “continua sendo o melhor lugar e o melhor caminho para a luta política pela igualdade e inclusão social”. Tal afirmação justifica o espaço em que este estudo se desenvolveu. Como pontua Dayrell (2013), a partir da expansão do ensino médio na década de 1990, espaço antes ocupado pelas classes abastadas, é produzido um novo perfil de jovens que passa a figurar a escola no Brasil. Sposito (2008) contribui afirmando que essa expansão da escola também significou a ampliação das experiências de vida dos jovens até o alcance do mundo do trabalho. Acresce-se a isso a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (Lei 9.394/96) que localiza o ensino médio como última etapa da educação básica e, portanto, fase de preparação para o mercado de trabalho e para o exercício da cidadania.

O perfil dos jovens que frequentam a escola pública se torna central para essa pesquisa e para a educação de um modo geral, pelo fato de que esse grupo “é marcado pelo contexto de uma sociedade desigual, com altos índices de pobreza e violência, que delimitam os horizontes possíveis de ação dos jovens na sua relação com a escola” (DAYRELL, 2013, p. 65). Desse modo, ao falar sobre os estudantes da escola pública, é imprescindível reconhecer os sujeitos que compõem as salas de aula enquanto indivíduos perpassados pelas desigualdades sociais e pelos limites impostos às perspectivas e possibilidades de vida na sociedade do capital.

Desse modo, o presente estudo pretende discutir a juventude na sua relação com a escola, espaço em que a criança e o adolescente passam grande parte de seu tempo tendo como referência a categoria trabalho, que se vincula ao projeto de vida, ao passo que no imaginário social, após a conclusão da etapa escolar, o indivíduo ingressa na etapa laboral. Entretanto, para os jovens estudantes da escola pública, falar da construção de projetos de vida é também dialogar sobre a realidade material vivenciada por esses sujeitos e, além disso, refletir sobre as ações educativas que permitam aos jovens pensar o futuro.

Nesse processo, permeado de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, o jovem se defronta com perguntas como: “Quem sou eu?”, “Para onde vou?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?”. São questões cruciais que remetem ao projeto de vida, uma dimensão decisiva no seu processo de amadurecimento. Contudo, para sua elaboração, o jovem, principalmente aquele que frequenta o ensino médio, demanda espaços e tempos de reflexão sobre seus desejos, suas habilidades, mas também informações

sobre o contexto social onde se insere, a realidade da universidade e do mundo do trabalho, entre outros, de maneira que possa ter elementos para construir um rumo para sua vida (DAYRELL, 2011, p. 1069).

Apesar de esperada, a transição do ambiente escolar para o mundo do trabalho, a partir do século XX com a universalização da escola (DUBAR, 2005), a permanência na escola e o acesso ao trabalho são permeados por dificuldades que fazem parte da realidade dos jovens, sobretudo para as classes mais empobrecidas (MAIA; MANCEBO, 2010).

O pressuposto fundamental para se entender a questão da relação entre juventude, escola, trabalho e sociedade é de que as condições e trajetórias do jovem se articulam à desigual estruturação econômica, social e política historicamente dada como capitais sócio/político/econômico/culturais (FALEIROS, 2008, p. 65).

É preciso pontuar que os estudantes que integram essa pesquisa são compreendidos a partir da categoria juventude, pois “Levar em conta o jovem existente no aluno implica reconhecer que a vivência da juventude, desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social” (DAYRELL, 2011, p. 1068). Sobre a categoria juventude, essa pesquisa opta pela narrativa que a concebe enquanto grupo socialmente construído, marcado sobretudo pelas condições de classe, além da idade. Portanto, concordando com Pais (1990, p. 146), que afirma que “A juventude, quando aparece referida a uma fase da vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo”. Ademais, também importa a opção por compreender a juventude a partir da sua condição de classe e que, portanto, o jovem é sujeito fruto das relações de classe.

Em relação a inserção dos jovens no mundo do trabalho podemos citar as contribuições de Frigotto (2011), Pochmann (2001) e Sposito (2008), salientando a relevância e atualidade da temática. Além disso, considerando, também, o trabalho e a sua centralidade enquanto categoria estruturante da subjetividade (ANTUNES, 2000), pontua-se a importância que a inserção na vida produtiva exerce para a construção de novos projetos de vida para a juventude.

Compreende-se que as problemáticas que envolvem amplos aspectos na vida dos jovens estudantes das escolas públicas e oriundos das periferias das capitais não

se encerram nas questões acerca da oferta de educação de qualidade ou inserção no mercado de trabalho formal, entretanto, essas são as alternativas disponíveis na realidade do capitalismo periférico.

O princípio que move as ações em favor da educação como instrumento de combate à pobreza integra-se à preocupação neoliberal com a manutenção da estabilidade política, diante das medidas de ajuste às dificuldades de reprodução do lucro e implementadas pelo capital que vem avançando sobre o trabalho, sendo incluída até mesmo a educação. Para deixar intactas as estruturas do capital, desvia-se o foco das causas das questões sociais, direcionando para a educação suas soluções (CARVALHO, 2011, p. 172).

Entretanto, segundo Carvalho (2011), para a população pobre marcada pela desigualdade na distribuição dos bens socialmente produzidos, precarização do trabalho e subordinação ao capital internacional, “a educação torna-se ponto-chave para o combate à pobreza e à desigualdade de resultados e, também, fundamental para a mobilidade e inserção social dos jovens” (CARVALHO, 2011, p. 173). Desse modo, o presente estudo se justifica pela necessidade em enxergar o estudante da escola pública a sua dimensão de jovem, além de fornecer elementos para auxiliar na construção de projetos educativos que acolham as expectativas e inquietudes dos estudantes, fornecendo elementos para a construção de projetos de vida.

Em relação à delimitação da temática deste estudo, as experiências vivenciadas pela pesquisadora no exercício da profissão enquanto assistente social foram decisivas. Em um trabalho realizado numa Organização da Sociedade Civil, foi possível constatar que a gerência da instituição optou por desvincular os jovens dos programas assistenciais ofertados, alegando ser “muito difícil” trabalhar com jovens. O desligamento dos sujeitos acima de 15 anos da instituição representou o fechamento de uma porta fundamental no contexto em que portas abertas são escassas. Alguns meses depois, chegaram as notícias de jovens conhecidos que encontraram nas facções as portas abertas e, com isso, as famílias reivindicavam a volta dos jovens para a instituição, alegando que o ingresso nas facções se devia ao excesso de tempo nas ruas e a falta de oportunidades.

Uma segunda experiência influenciou o recorte da pesquisa ao evidenciar a escola como espaço privilegiado para a juventude. A vivência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) permitiu a aproximação com o espaço escolar de maneira crítica e reflexiva. Durante esse percurso, foi possível perceber as inquietações dos jovens estudantes do 3º ano do

ensino médio quando questionados sobre os projetos de vida após a conclusão da última etapa da educação básica.

Os jovens evidenciaram as dificuldades em construir planos para essa etapa, revelando desconhecer as alternativas disponíveis para além da escola, sobretudo no âmbito acadêmico, pois grande parcela dos estudantes desconhecia a existência e formas de ingresso nas universidades públicas no Ceará. Alguns estudantes também já se inseriam no mercado de trabalho, através de empregos precarizados, mal remunerados e destituídos de direitos trabalhistas, como: entregador de água, auxiliar de borracharia, empacotador de mercadorias e cuidador de crianças.

Após o ingresso da pesquisadora no programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, que forneceu referencial teórico que permitiu refletir sobre essa realidade, surgiram questões como: Como é possível auxiliar a escola na concepção de ações pedagógicas que fomentem reflexão sobre projetos de vida com os jovens? Os jovens estudantes conseguem apreender uma nova concepção acerca do trabalho vinculada a perspectiva onto-histórica?

Desse modo, o produto educacional faz o regresso ao campo onde foram encontradas as problemáticas para esse estudo. Entretanto, o retorno é feito de maneira propositiva, uma vez que se constrói um produto educacional que pretende se inserir na escola como um recurso pedagógico que viabiliza dialogar com os estudantes perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio, além de apresentá-los a categoria trabalho a partir dos fundamentos ontológicos e científico-tecnológicos na perspectiva onto-histórica.

A presente pesquisa está estruturada em 7 capítulos: A Introdução que apresenta a problemática que justifica a realização deste estudo pela necessidade em reconhecer o estudante da escola pública como um jovem imerso na contraditória realidade social e que necessita encontrar na escola o espaço para a construção de projetos de vida. Logo após a Introdução, são expostos os Objetivos Geral e Específicos que delineiam a pesquisa. O Aporte Teórico é composto por 5 subcapítulos: A historicidade das reformas da Educação Básica no Brasil; Concepções sobre Juventude; Juventude e Projetos de Vida; e As Direções do Ensino Médio a partir da Lei 13. 415/17. Os subcapítulos acima mencionados trazem as contribuições de Motta e Frigotto (2017) sobre as direções das reformas educacionais no Brasil.

Com relação à juventude, o estudo se respalda em Dayrell (2003), Groppo (2016) e Frigotto (2004) analisando a categoria situada histórica e socialmente. O

estudo também menciona o conceito de projetos de vida, tendo como aporte Machado (2006). Em referência à reforma do ensino médio, a partir da Lei 13. 415/17, apoia-se nos escritos de Mota e Frigotto (2017) e Kuenzer (2017). Em seguida, é apresentado o Percorso Metodológico, capítulo 4 da pesquisa que analisa o tipo de estudo, os atores e a coleta dos dados. No capítulo 5, é abordado o processo de construção do *e-book E depois do 3º? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio*, sendo sua validação apresentada no subtópico.

O capítulo 6 explana os resultados e a discussão da pesquisa baseado nas respostas dos estudantes ao questionário. A dissertação é encerrada com as Considerações Finais, no Capítulo 7, apontando a contribuição do produto educacional como ferramenta didática que possibilitou a inserção da categoria “Trabalho”, segundo a concepção onto-histórica, e permitiu refletir com os estudantes acerca dos seus projetos de vida para depois da conclusão do ensino médio.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar, de acordo com estudantes do 3º ano do ensino médio, perspectivas e possibilidades profissionais e acadêmicas após a conclusão do ensino básico.

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer a historicidade da educação básica no Brasil, culminando com a Reforma do Ensino Médio e discutir a categoria juventude no contexto do século XXI;
- Elaborar um produto educacional que possibilite a inserção da categoria trabalho na escola, a partir dos fundamentos ontológicos e científico-tecnológicos na perspectiva onto-histórica e da discussão acerca dos projetos de vida dos jovens estudantes.
- Avaliar as reflexões e ponderações originadas a partir da inserção pedagógica do produto educacional com estudantes do 3º ano do ensino médio.

3 APORTE TEÓRICO

O presente capítulo dispõe sobre o referencial teórico da pesquisa, norteadas pelas categorias: juventude e ensino médio. Nesse sentido, é abordada a historicidade das reformas da Educação Básica no Brasil com o objetivo de compreender o campo no qual esse estudo debruça. Posteriormente, são apresentadas as principais concepções acerca da juventude, com base nas contribuições de Dayrell (2003), Groppo (2016) e Frigotto (2004), pontuando a pluralidade da categoria e o reconhecimento dos jovens enquanto sujeitos históricos. Nesse sentido, também é enunciado o conceito de projetos de vida, de acordo com Machado (2006). Finalmente, intencionando compreender os espaços que a juventude que ocupa atualmente, neste caso, a escola, discute-se a reforma do ensino médio a partir da Lei 13. 415/17, respaldando-se nos escritos de Mota e Frigotto (2017) e Kuenzer (2017).

3.1 A historicidade das reformas da Educação Básica no Brasil

Analisar a historicidade das reformas educacionais que se desenrolam no Brasil é desvendar que esses projetos de mudanças atendem aos interesses econômicos e políticos, revelando a educação pública como um fértil campo de disputas. No caso brasileiro, o Estado desempenha importante papel para que “[...] o grupo ou a classe dominante exerça a hegemonia sobre o conjunto da sociedade” (FERRETI; SILVA, 2017, p. 388). Frigotto (2014) afirma que, por ser a Educação Básica constituída na sociedade e também produzida por ela, somente é possível pensar suas problemáticas a partir de sua conexão orgânica com o tecido estrutural da sociedade.

[...] a escola moderna não nasce como direito, mas como recurso estratégico de um Estado em constituição que, para firmar-se como instituição política em uma nova escala (a escala dos Estados nacionais) e segundo novas formas de legitimação do exercício de poder (fundamentais em pressupostos racionais legais) precisa desenvolver instituições que realizem com efetividade novas e mais complexas funções de dominação e controle da população e do território (ALGEBAILLE, 2016, p. 56-57).

Dessa maneira, as reformas educacionais que se fazem presentes no bojo da educação brasileira atendem ao projeto ético-político e social da classe dominante. A face mais reveladora desses projetos é a pontualidade de tais reformas, que não

alcançam a complexidade social, mas apostam somente nas políticas educacionais como o grande motor da transformação social (CARVALHO; NOMA, 2011).

Nesse sentido, Motta e Frigotto (2017, p. 364) afirmam que organismos multilaterais atuam na realidade brasileira e sugerem, desde os anos de 1980, o investimento em políticas públicas voltadas à escolarização, pois “difundem a ideia de que os pobres atravancam o crescimento econômico, pois podem criar instabilidades políticas que afetam as boas condições de acumulação do capital”. Portanto, o sentido dessas políticas educacionais aponta para o controle das questões sociais e para a manutenção das condições de existência da burguesia dominante, afastando-se da criação de uma conjuntura que vislumbre a transformação social.

Tomando como ponto de análise o Brasil a partir de 1990, quando assume a orientação pelas políticas neoliberais, que, de acordo com Oliveira, Libâneo, Toschi (2017), atrelam o desenvolvimento social ao desempenho econômico, influenciado pelo desenvolvimento técnico-científico, que desconsidera as consequências da expansão desse sistema, é possível situar a intencionalidade da reforma dos sistemas educativos. As reformas educacionais realizadas no Brasil durante a vigência do mandato de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) evidenciam a adequação às necessidades do mercado, principalmente com foco no currículo.

No primeiro mandato, o presidente eleito apresentou um programa denominado Acorda Brasil: Está na Hora da Escola, no qual se destacaram cinco pontos: a) distribuição de verbas diretamente para as escolas; b) melhoria da qualidade dos livros didáticos; c) formação de professores por meio da educação a distância; d) reforma curricular (estabelecimento de parâmetros curriculares nacionais - PCN - e diretrizes curriculares nacionais - DCN); e) avaliação das escolas. Observam-se nesses pontos os mesmos itens das reformas ocorridas no plano internacional, uma vez que eles cumprem orientações de organismos multilaterais: financiamento, formação de professores, currículo, avaliação e gestão (OLIVEIRA; LIBANEO; TOSCHI, 2017, p. 186-187).

A direção dessas mudanças sinaliza claramente as adequações aos interesses do mercado, sobretudo atuando na lógica de formação de mão-de-obra e na gerência das consequências negativas da mundialização do capital. Segundo Libâneo (2016, p. 47), a educação fundamental se torna um setor indispensável para o sucesso econômico global e para a manutenção do potencial produtivo das camadas pauperizadas, “daí que a aprendizagem e a escola se prestam, em primeira instância, à solução de problemas sociais e econômicos dentro dos critérios do mercado global”.

Ainda que o percurso histórico das políticas educacionais no Brasil demarque

continuamente a satisfação dos interesses das classes dominantes, o ordenamento neoliberal processa essas transformações de maneira estratégica sobre os currículos, material didático, gestão escolar e na formação de docentes, focando, sobretudo, nos parâmetros de avaliação. Ferreti e Silva (2017) apresentam que logo após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/1996 o Ministério da Educação concentra esforços em implementar os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM- 1998) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM-1998) assentadas nos princípios de formação de competências e habilidades para as demandas do mercado.

É possível registrar significativas mudanças no campo educacional a partir do governo Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010), como aponta Libâneo (2016). No primeiro mandato, pode-se destacar o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), já no segundo governo, ampliam-se as ações expressivas como a ampliação dos recursos para a educação básica, a criação do piso salarial dos professores, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica e, de maneira mais relevante, a implementação da Emenda Constitucional nº 59 que torna obrigatório o ensino para a faixa etária entre 04 e 17 anos.

Embora Oliveira, Libâneo, Toschi (2017) ressaltem que as ações, a partir do governo Lula, alinharam-se à política econômica internacional e às exigências dos organismos financeiros internacionais, Ferreti e Silva (2017) apontam uma intencionalidade de transformação significativa em relação à educação profissional e de nível médio. Se no governo FHC se registra a desvinculação entre o ensino médio e técnico, no governo Lula, assinala-se a oferta do ensino médio integrado ou concomitante com a educação técnico/profissional.

É possível pontuar a criação da DCNEM através do Parecer CNE/Câmara de Educação Básica (CEB) 05/2011 e Resolução nº CNE/CEB 02/2012 como marco dessa diferença governamental, uma vez que as primeiras DCNEM se assentavam na premissa de que era “necessário adequar a educação às mudanças no setor produtivo e preparar os jovens para a flexibilização das relações e do mercado de trabalho; as segundas propõem que a formação leve à compreensão crítica do trabalho e da sociedade” (FERRETI; SILVA, 2017, p. 391). Em relação ao governo Dilma Rousseff (2011-2016), sucessora política de Lula, afirma-se uma continuidade da intencionalidade política e adoção de medidas voltadas para o ensino médio, “[...] o processo de revogação do Decreto n.º 2.208/1997 e o processo de construção do

Decreto n.º 5.154/2004; a 90 criação do Proemi /2009; a elaboração das DCNEM de 2012; e a criação do Pacto pelo Fortalecimento do Ensino Médio/2013” (OLIVEIRA, 2017, p. 203). Entretanto, é necessário pontuar que:

Observou-se [...] uma abertura maior que a verificada no governo Lula em relação a articulações com a iniciativa privada no que se refere à educação básica, em particular à educação profissional. Neste caso, o programa símbolo foi, como se sabe, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) (FERRETI; SILVA, 2017, p. 391).

A atual conjuntura da educação básica é marcada pela reforma do ensino médio que golpeou o árduo terreno de conquista de garantias de direitos para a classe trabalhadora. Além de redirecionar o campo da educação para atender plenamente aos interesses da hegemonia burguesa, para o principal objetivo de, como afirma Frigotto (2014), mercantilizar todas as esferas da vida.

Como consequência do golpe parlamentar em 2016 que culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff, “quebrou-se a institucionalidade democrática deixando de existir o Estado Democrático de Direito. E passamos a viver num Estado de exceção com uma sequência de atos discricionários [...] num estado de golpe contínuo” (SAVIANI, 2018, p. 30).

O cenário atual parece indicar que não há possibilidades de ganhos para a classe trabalhadora quando os interesses do capital estão em pauta e, apesar do caminho histórico da educação e até mesmo de todos os direitos fundamentais do trabalhador no Brasil nos evidenciar sucessivas desventuras quando se consegue o direito ao mínimo, há um caminho para a mudança: a esperança. Freire (1996, p. 29) afirma que a desesperança é um mecanismo desmobilizador, que impede a resistência aos obstáculos que atravancam a construção de futuros, como por exemplo, neste caso, de melhores possibilidades de vida para a juventude, e impõe a perspectiva de um futuro já determinado. Diante disso, “a luta por um futuro assim ‘a priori’” conhecido, prescinde da esperança.

Desvendar os significados dos projetos educacionais na educação brasileira é caminhar para além de conceber as críticas a esse sistema, pois, somente dispondo desses conhecimentos, é possível planejar e executar ações que confrontem a realidade posta. As iniciativas precisam emergir no cotidiano escolar, de maneira coletiva, uma vez que “a resistência, alimentada por princípios éticos-políticos, e construída pela práxis social, nos espaços organizados politicamente, e, em nossa

ação cotidiana, em especial, como educadores, poderá frear o movimento historicamente regressivo” (RAMOS, 2017, p. 43).

Na atual crise a educação é desafiada duplamente: por um lado, cabe-lhe resistir, exercendo o direito de desobediência civil, às iniciativas de seu próprio abastardamento por parte de um governo que se instaurou por meio da usurpação da soberania popular sobre a qual se funda o regime político democrático. Por outro lado, cumpre lutar para transformar a situação atual debelando a crise e assegurando às novas gerações uma formação sólida que lhes possibilite o pleno exercício da cidadania tendo em vista não apenas a restauração da democracia formal, mas avançando para sua transformação em democracia real (SAVIANI, 2018, p. 38).

Na intenção de encontrar caminhos que viabilizem mudanças em favor da classe trabalhadora, Kuenzer (2000) aponta que, dadas as condições sócio-históricas, as resistências podem se construir no Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP). Construído coletivamente e democraticamente entre os membros da comunidade escolar. O PPP é também um projeto político, pois se alinha aos interesses reais e coletivos dos sujeitos (VEIGA, 2013).

Considerando a educação um ato político que envolve amplas dimensões da vida social, a alternativa que se apresenta para aqueles que acreditam na educação pública no Brasil é encontrar no cotidiano escolar os meios para garantir que a escola tenha outros sentidos para a juventude. Assim, Gadotti (2000, p. 39) afirma que “Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores”.

3.2 Concepções sobre Juventude

O conceito de juventude enquanto categoria sociológica foi construído historicamente, uma vez que se pode pontuar sua compreensão mutável a partir de diferentes tempos, sociedade e culturas e até mesmo orientações ideológicas. De acordo com Groppo (2016), a juventude costumou percorrer as ciências Humanas, Biomédicas e Psicológicas e, no campo da sociologia, esteve presente desde o seu início no século XVIII, alcançando maior relevância a partir do século XIX.

O tema “juventude” irá atravessar quase todas as teorias sociológicas, especialmente as que enfatizam menos as estruturas e mais as ações sociais, às vezes também aquelas que enfatizam a inter-relação entre indivíduo e

sociedade: a sociologia (principalmente, a ideia de “educação moral”) de Durkheim, o behaviorismo, os funcionalismos, o interacionismo simbólico, a sociologia compreensiva na versão de Mannheim, as reflexões sobre educação e indústria cultural na Escola de Frankfurt, a teoria social de Anthony Giddens e até mesmo a sociologia de Pierre Bourdieu (GROPPO, 2016, p. 08).

Para nos debruçarmos sobre a juventude em qualquer contexto de análise, é necessário que possamos compreender a sua identidade expressa naquele ambiente. Dayrell (2003, p. 41) aponta, por exemplo, a existência de uma compreensão de juventude vinculada às expectativas do que esse jovem possa ser no futuro, afirmando que “essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno”.

Dayrell (2003) ainda indica as inúmeras tentativas de tentar encaixar a categoria juventude em modelos previamente construídos, com o objetivo de buscar defini-la e, dessa forma, compreendê-la. Diante disso, afirma a necessidade do compromisso em abranger a juventude a partir das suas múltiplas formas de expressão, identidades, condições sociais, culturais e étnicas. Para Barcellos (1990, p. 11), “cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é ser jovem, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes”.

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona (DAYRELL, 2003, p. 42).

Atualmente, alcançamos uma delimitação de juventude enquanto categoria, entretanto, pontua-se as mudanças de significados ao longo do tempo histórico. De acordo com Groppo (2000, p. 13), “as faixas etárias reconhecidas pela sociedade moderna sofreram várias alterações, abandonos, retornos, supressões e acréscimos ao longo dos dois últimos séculos”.

Em relação a faixas etárias, no Brasil, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE, 2005) e a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ, 2005) compreendem o público jovem os sujeitos entre 15 e 29 anos de idade, estando entre 15 a 17 anos o jovem adolescente; 18 a 24 anos o jovem-jovem e 24 a 29 anos o jovem adulto. O Brasil também conta com a PEC da Juventude 138/03, aprovada em 2010, que através da Emenda Constitucional passa a incluir os jovens entre 15 e 29 anos como

grupo social prioritário para a garantia dos direitos sociais fundamentais e no planejamento e implementação de políticas públicas.

Além disso, é possível acrescentar a Lei Nº 12.852 de 05 de agosto de 2013 como importante marco legal para a efetivação dos direitos da juventude a partir da instituição do Estatuto da Juventude. Importante ressaltar a preocupação legal do documento em relação à profissionalização¹, trabalho e renda, tratando-os enquanto direitos da juventude no Brasil.

As concepções que consideram a juventude enquanto uma categoria plural, ampliam as possibilidades de pesquisar e trabalhar com esse público de maneira a responder seus anseios e demandas. Portanto, é fundamental a compreensão sociológica acerca da categoria com a qual se pretende pesquisar.

[...] a juventude é recortada por todas as variantes sociológicas que podemos aplicar ao conjunto de uma população, sendo que se torna mais sensível às oscilações entre o conjunto das oportunidades ofertadas pela sociedade e o conjunto efetivo das oportunidades de realizar uma vida considerada significativa (BARREIRA, 1999, p. 218).

Primordial, também, é a inscrição dessa categoria no cenário contemporâneo e, portanto, considerando os desmontes das políticas sociais e de negação de direitos, ao passo que, “alimentação, saúde, moradia, educação, segurança e trabalho estão entre os bens existenciais fundamentais que são sonegados ou negados a imensos contingentes de excluídos” (ABRAMO, 2005, p.10).

Se no século XIX, a industrialização e a urbanização colocaram em pauta a juventude como “desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente, formadora de bandos criminosos etc.” (GROPPO, 2004, p.10). Ressalta-se a agudização dessas problemáticas como consequências negativas do avanço capitalista. Atualmente, o sistema de reprodução e produção da vida social continua a

¹ Art. 14. O jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social. Art. 15. A ação do poder público na efetivação do direito do jovem à profissionalização, ao trabalho e à renda contempla a adoção das seguintes medidas: I - promoção de formas coletivas de organização para o trabalho, de redes de economia solidária e da livre associação; II - oferta de condições especiais de jornada de trabalho por meio de: a) compatibilização entre os horários de trabalho e de estudo; b) oferta dos níveis, formas e modalidades de ensino em horários que permitam a compatibilização da frequência escolar com o trabalho regular; III - criação de linha de crédito especial destinada aos jovens empreendedores; IV - atuação estatal preventiva e repressiva quanto à exploração e precarização do trabalho juvenil; V - adoção de políticas públicas voltadas para a promoção do estágio, aprendizagem e trabalho para a juventude; VI - apoio ao jovem trabalhador rural na organização da produção da agricultura familiar e dos empreendimentos familiares rurais.[...] (BRASIL, 2013).

incidir na vida dos jovens negativamente nas possibilidades materiais de vivenciar os amplos aspectos da vida social, sobretudo aos filhos da classe trabalhadora, vítimas dos novos arranjos do mundo do trabalho no regime de acumulação flexível, evidenciando a flexibilização, fragmentação e heterogeneidade do trabalho (ANTUNES, 2008).

A estrutura social e o Estado nascem constantemente do processo de vida de indivíduos determinados, mas destes indivíduos não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas tal e como realmente são, isto é, tal como atuam e produzem materialmente e, portanto, tal e como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de sua vontade (MARX; ENGELS 1999, p. 36).

Nesse novo contexto, a classe social recai como um importante fator que demarca as diferenças entre a juventude que pode se dedicar ao lazer, ao tempo livre, à profissionalização, à cultura e à escola em sua integralidade e aquela juventude que lida com o desafio de conciliar a escola com o trabalho ou enfrenta inúmeras outras problemáticas que envolvem sua permanência no ambiente escolar, como falta de apoio familiar, deficiência de recursos financeiros, acesso precários à saúde e assistência social. Se as condições reais de existência da juventude não são igualitárias, tampouco é sua relação com a escola e, logo, a sua conexão com o trabalho. De acordo com Simão (2014, p. 435), “a experiência de ser jovem de origem popular nos grandes centros urbanos é condicionada por um tecido urbano esgarçado e completamente desigual em termos de oportunidades e possibilidades”.

Mesmo que seja possível demarcar as múltiplas expressões da juventude em relação à etnia, à cultura, ao consumo, à orientação sexual e etc., é fundamental pontuar que há um marcador que acentua as diferenças e interfere nas condições de vida, a classe social e, é ela a diferença fundamental (VIANA, 2014). Ademais, considerando as condições materiais que os jovens encontram para sua existência na sociedade do capital e, assinalando as mais variadas formas de conceber a juventude, Groppo (2016, p. 399) nos aponta para um caminho necessário ao vislumbrar essa categoria:

Trata-se do olhar dialético sobre as juventudes. Uma mirada histórica sobre as sociedades modernas pode perceber os contornos da condição juvenil como dialética, ou seja, as juventudes se movem, contraditoriamente, entre processos de institucionalização e autonomia dos jovens. A dialética da juventude se dá pela presença de elementos contraditórios no interior das

instituições criadas para a suposta socialização dos jovens, como as escolas. [...] As juventudes na sociedade moderna sempre estiveram envoltas em tensões, conflitos, rearranjos institucionais e resistências contra-instituintes. As juventudes foram e são parte das lutas sociais para estabelecer o domínio de certos grupos sociais, seu projeto político e visão de mundo.

Para a sociologia, há duas correntes que concebem a juventude: a corrente geracional, que a compreende a partir do seu aspecto etário e, portanto, a juventude enquanto uma fase da vida composta por cultura própria, e a corrente classista, que aponta que a passagem da juventude para a vida adulta é marcada pela desigualdade social que, conseqüentemente, influencia na sua expressão cultural (PAIS, 2003).

Analisando sociologicamente a categoria juventude e afirmando que o presente trabalho opta por compreender os jovens em seus mais variados contextos sociais e enquanto sujeitos históricos que se constroem no cotidiano, dentro dos seus limites e possibilidades, concorda-se com a pluralidade dessa categoria, como indica Dayrell (2003) e Frigotto (2004), além de estar em consonância sociológica com a corrente classista.

Além disso, é fundamental situar a juventude no ambiente escolar, a partir do que a condição trabalho permite discutir nesse meio. Ressaltando a relevância do tema, recorreremos a Frigotto (2004, p. 194) ao afirmar que a temática do trabalho e educação da juventude são campos produtivos “para elucidar a contradição inerente ao sistema capitalista, entre a igualdade formal e a necessidade da desigualdade real entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores que vendem sua força de trabalho”. Assim, as diferenças também são expressas na relação que essa juventude das classes populares tem com o trabalho, uma vez que esse se insere no plano da urgente necessidade, deslocando a importância do tempo escolar como fundamental para aquisição de saberes, continuação da vida acadêmica ou possibilidades de acesso à melhores empregos.

Dayrell (2007) afirma que a juventude das classes populares enfrenta desafios que interferem nos seus projetos de vida e na forma de vivenciar a juventude, apontando como maior desafio a tensão entre a “gratificação imediata” e os projetos de futuro. Portanto, aos filhos da classe trabalhadora costumeiramente não é ofertado o tempo necessário ao amadurecimento para fazer escolhas ou até mesmo a disposição de variados caminhos na transição para a vida adulta. Pelo contrário, inserem-se precocemente no mercado de trabalho de maneira precarizada, quando conseguem acessá-lo, fragilizam ou rompem seu vínculo com a escola e, portanto,

com a oportunidade formativa.

[...] para jovens das classes populares as responsabilidades da “vida adulta”, especialmente a “pressão” para a entrada no mercado de trabalho, ou ainda a experiência da gravidez, de maternidade e de paternidade, chega enquanto esses estão experimentando um tipo determinado de vivência do tempo de juventude (CARRANO, 2013, p. 101).

Entretanto, é necessário pontuar que o acesso ao trabalho não está apenas na esfera da sobrevivência, uma vez que “demandas de maior independência, o consumo de bens materiais e simbólicos e a realização pessoal também podem constituir-se em motivações para a inserção no mundo do trabalho” (CORROCHANO, 2014, p. 213). Contraditoriamente, o acesso e a permanência na escola não garantem à inserção no mundo do trabalho.

Mas, se as mutações dos últimos 30 anos atingiram, principalmente, a esfera do trabalho e uma de suas formas principais na sociedade capitalista - o trabalho assalariado -, é inegável que os caminhos e contornos para a entrada na vida adulta diversificaram-se, tornando-se mais complexos e menos lineares. Assim, o modo como os jovens vivem essa etapa de vida também se altera, uma vez que a escolaridade já não se afigura mais como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho, especialmente se considerarmos o ingresso no mercado formal de ocupações e as posições dos estratos menos privilegiados da sociedade, exatamente aqueles que têm acesso tardio aos degraus mais elevados do sistema de ensino (SPOSITO, 2011, p. 90).

Nesse sentido, ao inclinar o olhar sobre a relação entre a juventude e a escola, compreendendo que, como nos aponta Dayrell (2007, p. 1106), o atual cenário indica que “assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe”. Entretanto, pontuando que os embates não se localizam apenas no contexto escolar, mas são as expressões das mudanças na sociedade ocidental e que, justamente por isso, é exigido que a escola esteja atenta às demandas da juventude que se constrói dentro da escola (DAYRELL, 2007).

É nítida a necessidade em reconhecer a diversidade da juventude e conhecer o espaço social que ela ocupa para que seja possível a edificação de projetos escolares mais alinhados às expectativas dos jovens e que, conseqüentemente, ampliem suas possibilidades de construção de projetos de vida.

3.3 Juventude e Projetos de Vida

O início da relação da infância e juventude com a escola remonta da sociedade ocidental moderna, segundo Ariés (1981), a partir da reorganização familiar, agora voltada para a infância e a instituição da escola como espaço de aprendizagem específica para o público infante juvenil. Entretanto, a juventude que frequentava os espaços escolares pertencia aos filhos da classe burguesa e, portanto, os demais jovens logo ingressavam na vida produtiva e, conseqüentemente, na fase adulta. Nesse contexto, a escola não representava para a totalidade da juventude a preparação para a vida adulta, tal fato era privilégio da burguesia.

Somente a partir de finais do século XIX e início do século XX que as instituições sociais se preocupam em pensar a juventude no seu presente e futuro e, com isso, também se deparam com sua característica que se vinculava “mais dissonâncias que ressonâncias, mais resistências que conformismo, mais lutas por autonomia que ajuste automático” (GROPPO, 2000, p. 77-78). Desse modo, as instituições sociais se ocupam da juventude ao mesmo tempo em que começam a percebê-la enquanto problema social.

Esses jovens, em seus mais diversos contextos sociais e variadas formas de expressão, ingressam na escola e lançam para ela o desafio de responder às suas demandas. Nesse sentido, é importante refletir sobre o papel da atual escola, uma das principais instituições de socialização juvenil, diante da “situação de impasse”, apontada por Pais (2009), que passam os jovens estudantes. Para Gomez (2001, p. 12), é papel da escola a “mediação entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações”.

A pesquisa de Dayrell e Jesus (2016) auxilia na reflexão acerca de como esses jovens de classes sociais médias e baixas percebem a escola pública. Os autores, ao investigarem os processos de exclusão escolar em algumas cidades brasileiras, tendo como referência a narrativa dos estudantes, perceberam que a escola, apontada por Libâneo (2016) como subordinada a lógica das políticas de contenção da pobreza e tendo como referência um currículo instrumental, não consegue alcançar as expectativas dos estudantes.

Ao mesmo tempo em que explicam suas trajetórias fazendo conexões com aquilo que vivenciam para além dos muros escolares, denunciam as relações tensas e contraditórias que se estabelecem entre esses dois mundos. Os problemas de infraestrutura dos prédios escolares, os currículos que pouco ou nada dialogam com as experiências de vida e com os projetos de

futuro dos jovens, os professores despreparados e/ou desmotivados para lidar com esses jovens estudantes e a violência observada no interior de algumas escolas podem ser citados como alguns dos problemas que, certamente, desempenham papel importante nesse contexto de exclusão escolar. Todavia, as barreiras e gargalos identificados pelos jovens entrevistados no que tange à continuidade de escolarização não podem ser reduzidas a aspectos estritamente escolares (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 420).

Dayrell e Jesus (2016) afirmam ainda que as problemáticas não se limitam à escola, mas, inscrevem-se no contexto de desigualdade social na qual esses jovens estão inseridos. Ademais, esses mesmos estudantes também apontaram os aspectos positivos da escola que se vincula a uma promessa de um futuro melhor. Entretanto, todos os caminhos prósperos, segundo os jovens estudantes, são reduzidos ao acesso a renda melhor. Portanto, pouco importando se o percurso após a conclusão da educação básica leva a continuação dos estudos ou o ingresso no trabalho, que, inclusive, muitas vezes interrompe a etapa escolar. O que, de fato, foi apontado como relevante para o futuro é a possibilidade de obter uma renda. “Estude e assim você será alguém na vida; alguém que tenha renda e que possa enfim consumir como todos os outros ‘alguéns” (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 421). Considerando isto, o trabalho também é inserido na escola de maneira problemática, visto apenas como um mecanismo de obtenção de renda.

Nesse sentido, tanto a educação quanto o trabalho perdem seus significados intrínsecos. A educação deixa de ser vista como espaço de compartilhamento com as novas gerações dos conhecimentos acumulados pelas gerações anteriores. Perde seu caráter humanizador. Torna-se mercadoria a ser consumida, que possibilitaria um consumo mais ampliado no futuro (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 421).

Situando nesse contexto, importa pensar “em quais bases se assentam os projetos de vida dos jovens estudantes da escola pública no Brasil?” Provavelmente, a perspectiva de futuro tenha sido capturada pela mesma lógica que contribuiu para o “desfiguramento da escola” (LIBÂNEO, 2016). Além disso, é necessário refletir se o cotidiano escolar abre espaço para que os jovens discutam a respeito dos seus projetos de vida, necessários, sobretudo, considerando as contradições da realidade social.

Nesse sentido, a escola é fundamental para a construção de projetos de vida, de acordo com Machado (2006), funcionando como um elemento vital para a dinâmica social, uma vez que ela integra a relação entre o indivíduo e a sociedade e fornece

energia necessária para transformações. Além disso, também é possível pontuar o papel da educação para Saviani (2018), afirmando que “educação é a mediação no seio da prática social”, portanto, desempenha um papel crucial para a relação dos sujeitos com o meio social.

Tendo em vista o papel da escola, importa saber como o conceito de projetos de vida pode ser apreendido, levando em conta a juventude que compõe o ensino médio. Machado (2006, p. 1) afirma que a categoria projeto envolve todas as ações desenvolvidas pelos seres humanos, uma vez que estamos em um “contínuo pretender ser”. Ainda de acordo com Machado (2006, p. 8) “os projetos que alimentamos- e que nos sustentam- antecipam transformações em busca de uma realidade que prefiguramos e que queremos construir”.

Ao considerar, portanto, o sentido e papel da escola para os sujeitos, a noção de projeto está intrinsecamente vinculado ao que essa instituição social representa para os estudantes, um lugar de construção de projetos. Desse modo, de acordo com Dayrell (2013, p. 65), mesmo considerando que o campo educacional enfrenta problemáticas de amplos sentidos, é necessário destacar a contradição entre o que a sociedade espera da escola e o que ela é capaz de ofertar. Assim sendo, os jovens estudantes que estão hoje vivenciando o cotidiano escolar, desfrutam, de alguma forma, da escola para a construção dos seus projetos de vida.

No cotidiano, no nosso trato com os jovens, é evidente a centralidade da escola na formulação dos projetos de vida. Os jovens tendem a enfatizar projetos relacionados à continuidade dos estudos e ao trabalho, que se constituem de fato dimensões centrais da condição juvenil. É muito comum o projeto se expressar através de um desejo genérico de estabilidade financeira, de um emprego, quase sempre na área do estudo pretendido, que garanta conforto e principalmente o acesso à própria. Estes elementos, ainda de caráter impressionístico, nos aponta o desafio de problematizar a forma como os jovens elaboram seus projetos de vida, o arco temporal expresso, os recursos que lançam mão neste processo, buscando neles compreender as diferentes posturas diante do futuro (DAYRELL, 2013, p. 70).

É preciso sinalar que, para discutir projetos de vida na escola, é necessário compreender que a lógica capitalista os atravessa transformando seu significado. Nesse sentido, Vianna (2012) sinaliza para a existência de dois tipos de projeto de vida: o projeto de vida alienado, que objetiva a conformação dos sujeitos à sociedade capitalista, voltado para melhorias numa perspectiva individual, e o projeto de vida libertário, que se vincula à luta pela liberdade e autorrealização.

[...] a elaboração de um projeto de vida é, para milhares de seres humanos, uma impossibilidade. Isso se deve ao fato de que estão preocupados com a sobrevivência, em primeiro lugar, e não resta tempo, possibilidade ou mesmo expectativa para ir além disso. Esse é o caso dos indivíduos pertencentes ao lumpemproletariado ou, em grande parte, ao proletariado logo, as condições sociais impedem a elaboração de um projeto de vida. Além disso, essas condições desfavoráveis também permite a elaboração de projetos de vida sob o signo da alienação, o que significa o uso da liberdade para a não-liberdade (VIANNA, 2012).

Entender as contradições e limites que o sistema do capital impõe não significa abrir mão de utilizar a escola como espaço privilegiado de construção de projetos de vida para os jovens filhos da classe trabalhadora. O conhecimento, nesse sentido, não deve alimentar uma visão fatalista para aqueles que compõem a educação, tampouco, deve ser repassado como desesperança para os estudantes. Porém, é preciso encontrar o caminho na contramão das incertezas e dos limites estruturais. Se o projeto não é apenas uma ideia, mas um plano que busca concretização, como afirma Machado (2006), é fundamental reconhecer os estudantes como jovens diversos “nas condições sociais (origem de classe, por exemplo), culturais (etnias, identidades religiosas, valores, etc.), de gênero” (DAYRELL, 2013, p. 66) que precisam de uma escola que faça sentido para a construção de seus projetos de vida possíveis.

Analisar, de acordo com os estudantes do 3º ano do ensino médio, perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino básico perpassa pelos significados da sua relação com a escola e mais profundamente os impactos das transformações do modo de produção capitalista neoliberal sobre seus projetos de vida. Dentre as mudanças que afetam diretamente os jovens, sobretudo os estudantes da rede pública de ensino, registra-se a atual reforma do ensino médio que redimensiona, principalmente, a carga horária e o currículo. Diante disso, se faz necessário desvendar esse novo cenário que se apresenta para a educação de nível médio para a juventude no Brasil.

3.4 As Direções do Ensino Médio a partir da Lei 13. 415/17.

Refletir sobre a juventude perpassa, também, por pensá-la a partir dos locais que ela ocupa, sendo estes responsáveis por socializar os jovens nos amplos aspectos da vida social. A escola, por sua vez, ocupa um lugar central no processo de socialização dos jovens. Vale ressaltar que, para a juventude das classes populares,

a escola se constitui como “único espaço disponível para apreender e compreender o mundo do trabalho, pela mediação do conhecimento, como produto e processo da práxis humana, na perspectiva da produção material e social da existência” (KUENZER, 2000, p. 34). Entretanto, esse ambiente revela historicamente os interesses e contradições da educação na sociedade do capital. Portanto, é preciso desvelar as intenções que perpassam as mutações produzidas nesse espaço e que incidem diretamente na vida daqueles que encontram na escola o lugar de expressão, construção e resistência.

A escola é concebida como direito subjetivo e espaço para organização, produção e apropriação do conhecimento, tendo uma função estratégica na construção de uma nação em seus mais diversos aspectos. Entretanto, a partir dos anos de 1950 com o desenvolvimento da noção de capital humano e, mais tarde, a partir de 1980 com a adesão aos ideais de sociedade do conhecimento, pedagogia das competências e empregabilidade, a escola tem sua finalidade redimensionada marcada por uma educação economicista, fragmentada e tecnicista (FRIGOTTO, 2005).

Essas dimensões da educação têm impacto na função social da escola e, conseqüentemente, nos compromissos que esse espaço assume com os sujeitos que compartilham esse lugar. É necessário pensar sobre quais as finalidades da formação dos jovens sobre a teoria do capital humano focando na lógica das habilidades e competências em um contexto, como nos aponta Antunes (2013), de erosão dos empregos e corrosão do trabalho. Essa contradição é o ponto de partida para a análise da reforma educacional iniciada através de Medida Provisória n. 746/ 2016, culminando na Lei n° 13. 415/ 2017.

De acordo com Motta e Frigotto (2017), a reforma do ensino médio revela a contradição ético-política do pensamento e moral capitalista dependente. Afirmando ainda que se alega que a reforma se insere como um percurso natural da modernidade tecnológica e inovadora, ignorando a luta contrária ao dualismo do ensino médio e colocando os sujeitos apenas como alunos abstratos, deslocados de sua condição objetiva e real. O percurso da Medida Provisória 746 é capaz de evidenciar o caráter autoritário da decisão de reformar o ensino médio, uma vez que a deliberação foi arbitrária e não considerou, por exemplo, o imenso repúdio da sociedade civil através de consulta pública realizada durante a votação da MP. Segundo os dados do portal do Senado Federal, foram 4.551 votos favoráveis contra 73.565 votos contrários à

medida. Entretanto, tal elemento não foi considerado e a medida avançou na câmara e senado, sendo sancionada em 16 de fevereiro de 2017. É importante analisarmos dois principais pontos de mudança a partir da reforma: a primeira modificação relativa à carga horária e a segunda, em relação ao currículo. De acordo com a Lei 13. 415:

Art. 1º O art. 24 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações: I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver; § 1º A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do caput deverá ser ampliada de forma progressiva, no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, devendo os sistemas de ensino oferecer, no prazo máximo de cinco anos, pelo menos mil horas anuais de carga horária, a partir de 2 de março de 2017 (BRASIL, 2017, s/p).

A carga horária tem uma ampliação progressiva de 800 horas para 1.400 horas/ ano, atingindo 1.000 horas em 05 anos. Em relação à carga horária diária, esta será composta de 5 horas progressivamente até atingir a meta de 7 horas diária. Esse alargamento no tempo de permanência na escola possibilita a criação do Ensino Médio em tempo integral. Entretanto, este não tem caráter obrigatório, ficando a decisão à cargo das instâncias regionais, o que prevê apoio financeiros aos entes federados que implementem as Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.

A contradição está em propor, de acordo com a reforma, o aumento da carga horária dos estudantes na escola ao passo que, por exemplo, o orçamento da saúde e educação são congelados por um período de 20 anos, de acordo com a Emenda Constitucional 95/ 2016. É necessário pensar sobre como a escola irá reivindicar os recursos para ofertar aos alunos a melhor alternativa, de acordo com a nova reforma. Será mesmo essa uma opção aos estudantes da escola pública brasileira ou apenas um artifício para sucateamento do ensino público e possibilidade de ampliação, oportunidades e melhorias do ensino privado? Além disso, a escola integral de que trata a lei diz respeito apenas à ampliação de carga horária, mas não contempla o sentido de formação humana integral que se materializa “por meio de práticas que integrem a educação, a cultura e a política” (GAMBOA, 2001, p. 85).

Outra problemática se relaciona ao currículo que passa a dedicar uma parcela da carga horária aos componentes comuns e outra parte fica a cargo da escolha dos estudantes, a partir de cinco possibilidades: Linguagens e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da natureza e suas tecnologias; Ciências

humanas e sociais aplicadas, além de formação técnica e profissional. De acordo com Motta e Frigotto (2017), o currículo é enxugado, retirando-se as disciplinas “desinteressantes” com a justificativa de atender as expectativas dos jovens e tornar a escola mais interessante evitando, dessa maneira, o abandono escolar.

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. § 3º O ensino da língua portuguesa e da matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas (BRASIL, 2017, s/p).

É fundamental compreender os reais sentidos das justificativas apresentadas para a urgência em reformar o ensino médio no Brasil, sobretudo de maneira apressada e através de um ato antidemocrático, como a Medida Provisória. Kuenzer (2017) aponta, como fio condutor dessa análise, a aprendizagem flexível, buscando compreender esse processo considerando as bases materiais de produção, as relações de produção e o regime de acumulação flexível. Para Kuenzer (2017), a aprendizagem flexível responde aos interesses do processo de acumulação flexível através de uma distribuição desigual do conhecimento. O sentido de uma flexibilização da aprendizagem afirma a necessidade de formação de profissionais que acompanham as mudanças técnico-científicas da sociedade contemporânea.

Ainda segundo Kuenzer (2017, p. 340), o objetivo da aprendizagem flexível é “formar subjetividades flexíveis que se relacionam, produzam e consumam em uma sociedade cuja base técnica, a mover o mercado, é a microeletrônica”. Nesse sentido, de acordo com uma das justificativas de que “serão esses jovens (a base contributiva do nosso sistema social de transferências de recursos dos ativos para os inativos) que entrarão no mercado de trabalho nas duas próximas décadas” (BRASIL, 2016, s/p), expressa no documento Exposição de Motivos nº 00084/2016/MEC, parecem antagônicos os caminhos propostos pela reforma do ensino médio e as reais necessidades e condições materiais da classe trabalhadora no Brasil.

Na verdade, a materialização dessa pedagogia atende aos interesses de múltiplas formas de subcontratação e trabalho temporário, aliado a diferentes estratégias de extração da mais-valia para assegurar a realização da lógica mercantil, afastando-se, portanto, da preocupação em garantir a inserção dos jovens no processo produtivo. Nesse sentido, é mais relevante a formação de trabalhadores adaptáveis do que qualificados, compostos por “subjetividades disciplinadas que lidem

adequadamente com a dinamicidade, a instabilidade, a fluidez” (KUENZER, 2017, p. 341).

Ao compreender as direções das reformas educacionais no Brasil atualmente, percebemos, na verdade, a urgência em responder aos reclames e imposições dos organismos multilaterais e das grandes corporações que também se inserem financeiramente nesse processo. Os filhos da classe trabalhadora agora percebem apressadamente mais um direito transmutando-se em mercadoria: a educação. Desse modo, as contradições da reforma do ensino médio também podem ser expressas quando se evidenciam quais foram os interesses atendidos nesses processos de mutações, ou seja, quem são os sujeitos que insistem em construir a educação no Brasil.

[...] como sujeitos individuais ou coletivos por meio de instituições públicas e privadas que atuam no setor educacional, institutos e fundações ligados a grandes empresas nacionais e internacionais, bem como instituições financeiras ligadas ao mercado de capitais, visando construir um projeto hegemônico de educação e de sociedade (PERONI, 2017, p. 418).

É evidente o compromisso que as reformas educacionais assumem para a manutenção das desigualdades sociais e para a sobrevivência, a todo custo, do modo de produção do capital. Simplificar a formação, tornar opcional a dimensão formativa humana, artística, ética e política para focar no aspecto tecnicista não apenas responde à necessidade do capital de criar mão de obra precarizada, mas institucionaliza a negação aos direitos fundamentais, limita e impõe o lugar social que o indivíduo deve ocupar para que as barreiras das discrepâncias sociais sejam intransponíveis.

Nesse sentido histórico, Kuenzer (2000) enuncia que a educação no Brasil, a partir de 1996, é gerada pela racionalidade econômica e, dessa maneira, obedece aos interesses de instituições, como o Banco Mundial, que aponta para a necessidade em investir na educação infantil, colocando em segundo plano a educação média e superior, sendo estas de maior custo. Nesse contexto, a reforma do ensino médio reforça a tradicional dicotomia da educação brasileira que direciona os estudantes de escola pública para uma formação aligeirada e precarizada no sentido técnico e profissional, enquanto que as instituições particulares se voltam para o ingresso do seu público ao ensino superior (MOTTA; FRIGOTTO, 2017; KUENZER, 2017).

A dualidade estrutural que determinou duas redes diferenciadas ao longo da história da educação brasileira tem suas raízes na forma de organização da sociedade que expressa as relações entre capital e trabalho; pretender resolvê-la na escola, por meio de uma nova concepção e ingenuidade ou má-fé (KUENZER, 2000, p. 21).

Ademais, Kuenzer (2000) assinalou que, alinhado ao discurso do Banco Mundial, o ensino médio no Brasil não é prioritário nem mesmo em orçamento e que, portanto, nos distanciamos da universalização. Saviani (2018) também avalia duas problemáticas centrais que perpassam o histórico da educação brasileira. A primeira diz respeito ao financiamento, ligado à resistência das elites à manutenção da educação pública no Brasil e a outra à descontinuidade nas políticas educacionais. Tal afirmação nos permite inferir que não são novos os embates em torno da hegemonia nesse campo. Entretanto, as articulações realizadas pelo capital para sua conservação golpeiam constantemente as possibilidades de sobrevivência dos que vivem do trabalho.

Desse modo, é possível concordar com Kuenzer (2000, p. 20) quando afirma que “a elaboração de uma nova proposta pedagógica que conduza a formação de novo tipo não é um problema pedagógico, mas um problema político”. Por conseguinte, ainda que as reformas se apresentem como soluções para problemas de ordem estrutural da sociedade brasileira, estas não são capazes de romper com a lógica que perpetua essas problemáticas.

Tomando como exemplo a reforma do ensino médio como preocupação com a empregabilidade juvenil, como direcionar o problema ao campo pedagógico, uma vez que os limites estão no contexto da crise estrutural do emprego? Além disso, como pensar em transformações sociais diante de mudanças que verdadeiramente expressam apenas uma repaginação do conservadorismo? “O currículo com 50% de disciplinas obrigatórias e suas ênfases reinventa a taylorização [...] sob a justificativa da flexibilização, que facilmente substituirá a atual formação específica[...] por uma formação inespecífica, aligeirada e de baixo custo” (KUENZER, 2000, p. 25).

Neste final de século, as conquistas sociais, inclusive do trabalho enquanto direito que permite ao trabalhador e aos filhos da classe trabalhadora o mínimo de previsibilidade diante do futuro, são atacadas ao passo que o capital rompe com os limites que controlavam sua ganância. Nesse contexto, a adoção de uma base científico-técnica, comanda o processo produtivo em escala global (FRIGOTTO, 2005).

Ainda nesse contexto de transformações globais, Kuenzer (2000) apontou

para as mudanças no mundo do trabalho que impuseram novas relações entre a ciência e o trabalho, uma vez que processos tecnicamente simplificados e estáveis cederam espaço ao alinhamento de ações que articulam conhecimento científico, intervenção crítica e criativa em um contexto dinâmico, complexo e interdisciplinar.

Diante disso, as possíveis reformas no campo educativo deveriam objetivar o mais amplo acesso aos conhecimentos científicos, tecnológicos e históricos produzidos pela humanidade, na intenção majoritária de permitir que os indivíduos acessem os bens socialmente produzidos, os direitos historicamente conquistados e construam alternativas de vida dignas. Entretanto, as reformas caminham na contramão dessa perspectiva, uma vez que contraditoriamente abre mão de uma educação científico- tecnológica para grande parte da população, renunciando “à construção de um projeto soberano de nação, trocado pela eterna dependência científica, econômica e política” (KUENZER, 2000, p. 26).

O cenário que se apresenta para toda a sociedade, sobretudo para aqueles que estão inseridos no cotidiano escolar, é de construir as bases para uma contrarreforma, pois se nesse espaço ressoam os interesses da iniciativa privada, do capital internacional e do Estado autoritário e classista, contraditoriamente emergem, também, as vozes daqueles que sobrevivem do trabalho. Compreender que a atual reforma do ensino médio não alcança as necessidades da juventude é urgente para que se possa reivindicar novos direitos e exigir a retomada daqueles que estão se desestruturando a cada novo passo dado pelo capital.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa norteadada pela concepção teórica do materialismo histórico dialético de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) para análise da realidade social, considerando-a num constante estado de mudança. Compreender o mundo de maneira dialética é “pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 1981, p. 8). Portanto, ao desenvolvermos a pesquisa, devemos considerar, primeiramente, as condições sociais postas para a sua realização, uma vez que estamos lidando com a realidade material.

Desse modo, importa compreender o contexto social no qual a pesquisa se desenvolve, uma vez que ele foi decisivo para nortear o percurso metodológico da pesquisa. Vivenciamos mundialmente, desde 11 de março de 2020, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pandemia de COVID-19, uma enfermidade causada pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2). De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, através da divulgação dos dados em site oficial, o país registra, em novembro de 2021, 21.957.967 casos de COVID-19 e 611.283 mortes. Desde março de 2020, a população mundial sofre com as perdas humanas causadas pela pandemia e se desafia a ajustar as demandas do cotidiano diante das adversidades e dos riscos iminentes de contrair a doença.

O Brasil de 2020 ressalta grandes desafios para a classe trabalhadora diante de uma agenda governamental que privilegia as ações em favor da burguesia e do capital, aproveitando-se da crise agudizada pela pandemia, para fortalecer suas medidas de desestruturação de direitos sociais. Não desconexo desse contexto, a educação também revela os desafios de se manter presente na vida dos estudantes que necessitaram se afastar do convívio cotidiano no espaço escolar.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), através da Portaria Nº 544 de 16 de junho de 2020, fica estabelecido que as aulas presenciais podem ser substituídas por aulas em diferentes meios digitais enquanto durar a pandemia. Portanto, o ano letivo de 2020 e 2021 seguiu o seu curso e os estudantes e professores estão desenvolvendo a relação ensino-aprendizagem, que antes ocorria em sala de aula, através dos recursos digitais disponíveis. Todo o contexto

apresentado é fundamental para compreendermos o percurso metodológico desta pesquisa que também precisou ser repensada e readequada.

4.1 Tipo de Estudo

O presente estudo é categorizado como sendo uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Minayo (2017), busca encontrar as singularidades e significados dos fenômenos. Portanto, o sentido qualitativo se alinha à esta pesquisa, uma vez que ela se desenvolve a partir das contribuições dos jovens estudantes do 3º ano do ensino médio.

Para Minayo (2012), a pesquisa qualitativa se ocupa da realidade não quantificável, sendo assim, centrada na dinâmica das relações sociais. Nesse sentido, a abordagem qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21-22). Como características da pesquisa qualitativa, é possível destacar:

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32).

A centralidade da pesquisa qualitativa é compreender, considerando a singularidade do indivíduo, a sua experiência histórica coletiva e o contexto cultural do grupo no qual ele está inserido. Compreender, perpassa por entender as contradições que se manifestam na ação e na linguagem. Relevante, também, é a interpretação que decorre da compreensão e que torna possível elaborar as possibilidades projetadas a partir do que foi compreendido (MINAYO, 2012).

4.2 Cenário de Pesquisa

Esta pesquisa ocorreu na Escola de Ensino Médio Edson Correa, localizada na Estrada do Icaraí, quilômetro 02 – Curicaca - CEP: 61624-660 – Caucaia-CE. Com o objetivo de conhecer o local de realização desse estudo, foi solicitado, junto à coordenação da escola, o Projeto Político Pedagógico no momento da entrega do

documento Declaração de Autorização e Existência de Infraestrutura. Desse modo, a direção da escola enviou para a pesquisadora o PPP por *e-mail*.

De acordo com as informações encontradas no PPP, documento que deve ser construído coletivamente na escola de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, a escola registra 854 matrículas ativas, contando com 22 turmas entre 1º e 3º ano do ensino médio, ficando o 3º ano com 232 estudantes. Em relação ao corpo docente, a instituição conta com 44 professores entre efetivos e contratados. A estrutura organizacional é composta pela direção, coordenação pedagógica, corpo docente, corpo discente, biblioteca, manutenção e limpeza. De acordo com o referido documento, dentre os objetivos da escola estão:

Promover o desenvolvimento integral do aluno; Fortalecer sistematicamente o processo de ensino-aprendizagem e criatividade dos alunos; Promover uma gestão participação entre a comunidade escolar e o núcleo gestor; Oportunizar o envolvimento dos pais com a comunidade escolar; Formar os alunos para a cidadania e a continuidade de estudos de modo a ser capaz de se inserir com flexibilidade no mercado de trabalho; Proporcionar a formação continuada de gestores, coordenadores e professores; Implantar projetos educativos e sociais (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO EDSON CORREA, 2019).

O PPP também aponta os projetos desenvolvidos para o alcance dos objetivos, dentre eles, estão: Projeto Professor Diretor de Turma; Projeto Nivelamento de português e Matemática; Projeto de Leitura e Escrita em Ação; Projeto Artescola; Projeto Esporte é no Edson; Projeto Tecnologia Escolar. Além disso, o calendário escolar conta vários eventos científico-culturais que visam, também a interdisciplinaridade, entre os eventos estão: Gincana das Ciências da Natureza; Feira Científica; Festival de Música Popular Brasileira; Festival de Inglês e Expoedson. Entretanto, dentre esses projetos e eventos, não há menção a projetos e eventos que tratem sobre a temática trabalho.

Importa pontuar que os estudantes participantes desse estudo são residentes da região da praia, no município de Caucaia, e, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a partir das referências do Censo Escolar 2018, a escola se localiza como pertencente ao Grupo 01, segundo o Indicador de Nível Socioeconômico (INSE). Desse modo, os estudantes que frequentam essa escola têm, majoritariamente, baixo nível socioeconômico.

4.3 Participantes do Estudo

O desenvolvimento desse estudo teve a participação de 10 estudantes do 3º ano do ensino médio, regularmente matriculados na Escola de Ensino Médio Edson Correa, com idades entre 16 e 18 anos. Sendo 6 do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

O número de participantes do estudo tem por base a amostragem por representatividade qualitativa, que objetiva a escolha de alguns sujeitos com base na sua representatividade social dentro do contexto investigado (CARVALHO; SANTOS, 2017).

4.3.1 Critérios de Inclusão

Os critérios de inclusão para participar desta pesquisa são: ser aluno regularmente matriculado no 3º ano do ensino médio na Escola de Ensino Médio Edson Correa, pertencentes a faixa etária entre 15 e 29 anos, frequentando os turnos manhã ou tarde e aceitar participar da pesquisa.

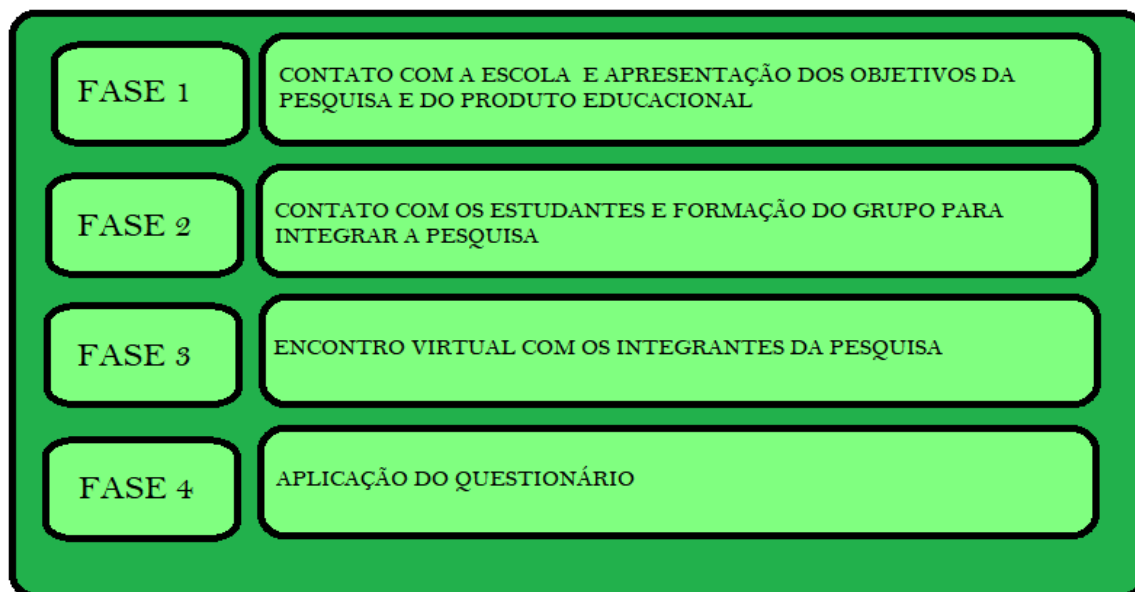
4.3.2 Critérios de Exclusão

São excluídos desta pesquisa aqueles que não estão regularmente matriculados no 3º ano do ensino médio na Escola de Ensino Médio Edson Correa, que frequentam o turno noturno, a modalidade de Educação para Jovens e Adultos – EJA e estejam acima de 29 anos de idade e não aceitem participar da pesquisa.

4.4 Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu no segundo semestre de 2021. O estudo se dividiu em 4 etapas representadas na Figura 1.

Figura 1 - Fases da coleta de dados



Fonte: a autora (2021)

Na Fase 1, foi realizado o contato com a direção e com os docentes da escola para a apresentação dos objetivos da pesquisa e do produto educacional e assinatura do Termo de Autorização e Existência de Infraestrutura. Na Fase 2, foi estabelecido contato com os estudantes para a formação do grupo para integrar a pesquisa.

A Fase 3 corresponde ao Encontro Virtual para apresentação do produto educacional desta pesquisa, o *e-book E depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio*. Essa atividade se caracterizou pela aplicação do produto educacional voltado para os estudantes do 3º ano do ensino médio.

O desenvolvimento do Encontro Virtual, além de possibilitar socializar o produto educacional com os estudantes, permitiu uma aproximação com o campo que, segundo Freitas (2002), é fundamental para familiarização com o cenário e com os sujeitos que se pretende investigar. Aliado a isso, a perspectiva sócio-histórica auxilia o pesquisador a construir a dimensão da relação entre singularidade e totalidade, integra-se o individual com o social (FREITAS, 2002).

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído este trabalho é que pode descrever adequadamente o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção a priori (MARX, 1998, p.16).

A Fase 4 foi a aplicação do questionário aberto com 4 perguntas voltadas aos estudantes que integram a pesquisa para apreciar o produto educacional organizado como proposição pedagógica para inserção em sala de aula da categoria “Trabalho”, no sentido onto-histórico e do diálogo com os estudantes acerca dos projetos de vida após a conclusão do ensino médio. As perguntas foram: O conteúdo do *e-book* possibilitou uma nova compreensão acerca da categoria trabalho? se afirmativo, como você o compreende agora?, O *e-book* trouxe conteúdos que você considera importantes para debater em sala de aula? se afirmativo, quais conteúdos você achou relevantes?, O conteúdo do *e-book* permitiu a você refletir e dialogar com os colegas acerca dos projetos de vida para depois do 3º ano? se afirmativo, por quê?, Qual a relevância do *e-book* para os estudantes que estão cursando o 3º ano do ensino médio? () pouco relevante () relevante () dispensável, justifique. Esse instrumental permitiu realizar a validação do produto, que está detalhado no capítulo 5.

Para Gil (2008, p. 128), o questionário serve “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”. Considerando que as respostas aos questionários não significam a junção de opiniões individuais, mas uma “relação de textos com o contexto” (GIL, 2008, p. 30), foi possível avaliar o aproveitamento do produto educacional, possibilitando a utilização do *e-book* como ferramenta didática.

4.5 Considerações sobre Ética na Pesquisa

Segundo a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, as pesquisas que envolvem pessoas costumam apresentar algum tipo de risco para os participantes, como danos à dimensão moral, psíquica, cultural, espiritual. Portanto, a dimensão ética deve ser respeitada.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética do IFCE. A aprovação do estudo ocorreu sob o Parecer de nº 4.910.942 (anexo B). É importante salientar que o título e o percurso da pesquisa foram ajustados dado o contexto da pandemia de COVID- 19. Entretanto, as modificações não comprometeram os objetivos do estudo.

Dessa maneira, o rigor ético foi considerado e, diante disso, solicitamos autorização ao diretor da escola, através do Termo de Autorização e Existência de

Infraestrutura (anexo C). Após o deferimento, a pesquisa foi realizada mediante o consentimento dos participantes através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE, vide apêndice. Ressaltamos o comprometimento com o sigilo em relação ao nome dos participantes.

4.6 Análise dos Dados

Considerando esta pesquisa como de natureza qualitativa, sob o enfoque do materialismo dialético, o tratamento dos dados foi pautado pelo viés materialista histórico que permite contemplar a historicidade do ser, as razões históricas, políticas, econômicas e culturais e a complexa realidade social. Além disso, é necessário considerar, sobretudo, que “em cada pesquisa que se pauta pelo enfoque materialista existe um projeto de transformação para a sociedade” (GOMIDE, 2013, p. 6). Essa concepção assume o compromisso de transformação da realidade, uma vez que o conhecimento crítico supera a análise crítica, pautando-se na reflexão que implica mudança (GOMIDE, 2013).

5 A PESQUISA COMO CONTRIBUIÇÃO SOCIAL E PEDAGÓGICA: O FAZIMENTO DO E-BOOK “E DEPOIS DO 3º ANO?: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO.”

O presente capítulo aborda, no primeiro tópico, o processo de idealização e construção do produto educacional. Portanto, a seção permite conhecer o desenvolvimento do *e-book E depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio*. O segundo tópico apresenta o processo de validação, trazendo, desse modo, os resultados da pesquisa obtidos a partir da percepção dos estudantes do 3º ano do ensino médio em relação ao *e-book*.

5.1 Construção do E-book

O produto educacional desta pesquisa é pensado a partir das inquietações da pesquisadora enquanto assistente social que trabalhou no cotidiano com a juventude das classes populares que necessita de oportunidades reais para a construção de histórias de vida dignas. Além disso, a experiência como bolsista de iniciação à docência permitiu conhecer a realidade escolar e as demandas dos estudantes do 3º ano do ensino médio que estudam e moram nos bairros pertencentes a zona rural e litorânea da Região Metropolitana de Fortaleza. As vivências profissionais, aliadas à atividade de pesquisa como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, possibilitaram a pesquisadora a confecção de um produto educacional voltado para os jovens estudantes que necessitam vislumbrar uma nova compreensão acerca do trabalho, ao passo que discutem seus caminhos após a conclusão do 3º ano do ensino médio.

Iniciamos com algumas contribuições de Libâneo (2012), quando ele aponta que a educação brasileira, desde as reformas educacionais implementadas a partir de 1990 são orientadas pela perspectiva neoliberal e atendem aos interesses, sobretudo do Banco Mundial. Desse modo, as políticas educacionais se apresentam enquanto necessidades naturais do ser humano para a sobrevivência e, nesse sentido, se torna fundamental a aquisição de competências de aprendizagem. Libâneo (2012) traz um conceito de educação para a reestruturação capitalista ou educação para a sociabilidade capitalista que se fundamenta em ofertar conhecimentos utilitários na vida prática, tendo como referência os conhecimentos mínimos que propiciam a

manutenção das desigualdades sociais e o avanço do sistema de capital.

Frigotto e Ciavatta (2011) apontam que se faz necessário perceber que a educação está inserida numa conjuntura ideológica, social, econômica e política determinantes e, no caso da América Latina, esse contexto é marcado por uma herança de uma sociedade marcada pela colonização e pelo escravismo e, atualmente, subordinado aos interesses dos grandes centros hegemônicos materializando suas ações através das políticas neoliberais.

[...] é na década de 1990, sob a base da mundialização do capital, das reformas que consubstanciam o desmanche do Estado na garantia de direitos coletivos e universais e do avassalador processo de privatizações, que a ideologia do capital humano se redefine, mediante as noções de sociedade do conhecimento, qualidade total, pedagogia das competências, empregabilidade e empreendedorismo. Trata-se de noções que hipertrofiaram a dimensão individualista e da competição e induzem à formação aligeirada de jovens e adultos trabalhadores em cursos pragmáticos, tecnicistas e fragmentados ou a treinamentos breves de preparação para o trabalho simples, forma dominante a que somos condenados na divisão internacional do trabalho. E, de acordo com as necessidades do mercado, prepara-se uma minoria para o trabalho complexo (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2011, p. 624).

O olhar crítico e reflexivo sobre as políticas educacionais no Brasil permite compreender a necessidade em elaborar práticas pedagógicas que incidem na contramão dos interesses do capital. Aliado a isso, também se faz necessário pensar para as diferentes condições e situações juvenis, como nos alerta Abramo e Branco (2005), ou seja, é preciso compreender que os jovens estão inseridos em contextos múltiplos e desiguais, onde pesam marcadores de raça, gênero e classe. Desse modo, esta pesquisa, compreendendo a escola como um espaço de disputa de projetos educacionais e tendo como referência a realidade concreta dos jovens estudantes da escola pública, propôs um produto educacional que pretende abordar com os alunos do 3º ano do ensino médio a categoria trabalho a partir dos fundamentos ontológicos e científico-tecnológicos, na perspectiva onto-histórica, além de possibilitar o debate acerca dos projetos de vida para depois do 3º ano.

Nesse sentido, o e-book *E depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* é dividido em duas unidades. A primeira unidade aborda a categoria “Trabalho”, a partir da perspectiva onto-histórica apresentando aos estudantes uma concepção de trabalho enquanto atividade vital de produção e reprodução da vida material e um elemento fundamental que nos difere dos outros animais, contrariando a compreensão do trabalho como mercadoria. Concepção esta

que se alinha ao definido por Marx (2017, p. 255), ao afirmar que *“pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem”*. Portanto, permite discutir com os estudantes as formas de exploração do trabalho na sociedade capitalista, além de possibilitar que eles se reconheçam enquanto filhos da classe trabalhadora e que, por isso, devem se vincular às lutas e resistências ao modo de produção do capital.

A segunda unidade, que compreende a juventude da escola pública como sujeitos imersos na realidade de incertezas e riscos, como pontua Beck (2000), discute os trajetos possíveis para os estudantes que precisam ou queiram ingressar no mundo do trabalho logo após a conclusão do ensino médio. Além disso, também expõe as formas de ingresso no ensino superior, elencando, por exemplo, as universidades públicas do Estado do Ceará e os cursinhos preparatórios gratuitos disponíveis em Fortaleza e na Região Metropolitana.

O objetivo da segunda unidade é permitir que os estudantes reflitam sobre seus limites e possibilidades, relacionando-os com os caminhos disponíveis. Ainda que seja necessário reconhecer que as condições de oportunidades não são igualitárias para todos os jovens, possibilitar a reflexão sobre seus projetos de vida e o reconhecimento acerca do seu lugar social é uma importante ação pedagógica dentro da escola, espaço este que reproduz as contradições do capital.

[...] o Ensino Médio pode constituir um importante espaço para o debate sobre o significado do trabalho na sociedade contemporânea, debate este que adquiriria uma dimensão formativa inegável, permitindo que os estudantes desenvolvessem uma reflexão sobre o trabalho, suas próprias aspirações e expectativas em confronto com as necessidades sociais e, também, acerca de si mesmos (GIOVINAZZO JR, 2015, p. 11).

Giovinazzo Jr (2015) também afirma que os adolescentes atribuem à escola a tarefa de prepará-los tecnicamente para o mercado de trabalho, mas esquecem que ela pode ser um espaço para elaboração de uma autonomia intelectual e compreensão do trabalho na sociedade atual, possibilitando a construção de projetos de vida. Assim, é fundamental utilizar o espaço da escola para a construção de ações pedagógicas que ofereçam aos estudantes possibilidades de existência além do discurso hegemônico. “Opor-se a isto tudo que o mundo de hoje nos oferece e que, no presente momento, não admite vislumbrar qualquer outra possibilidade de resistência mais ampla, é competência da escola” (ADORNO, 1995, p. 79).

Desse modo, o produto educacional se apresenta enquanto um instrumento formativo destinado aos estudantes do 3º ano do ensino médio para que, através da atividade pedagógica de mediação do *e-book* em sala de aula, os estudantes possam refletir e dialogar sobre um novo horizonte de trabalho a partir da perspectiva onto-histórica, sobre suas experiências e projetos de vida.

5.2 A Validação do Produto Educacional

Esta seção apresenta o percurso traçado para a validação do produto educacional junto aos estudantes do 3º ano do ensino médio. O caminho envolve a mobilização do núcleo gestor, dos docentes e discentes da Escola de Ensino Médio Edson Correa que contribuíram substancialmente para que fosse possível dialogar com os estudantes e apresentá-los a um produto educacional que tem como objetivo inserir na escola a categoria trabalho a partir dos fundamentos onto-históricos e fazê-los refletir sobre seus projetos de vida para depois do 3º ano.

Após conversa com o núcleo gestor da escola e apresentação dos objetivos da pesquisa, foi realizada a assinatura do Termo de Autorização e Existência de Infraestrutura. Conforme o aceite do documento, foi possível avançar na pesquisa, o que permitiu contato com o corpo docente. Os professores que demonstraram mais solícitos foram os que compõem a área de humanidades e, desse modo, dois professores de História auxiliaram no contato com os alunos.

Dado o contexto da pandemia do novo coronavírus, as aulas para o ensino médio continuam se realizando de maneira remota e, portanto, foi necessário estruturar a aplicação da pesquisa de maneira virtual, mas, de modo que garantisse o engajamento dos estudantes. Sobretudo, considerando que os professores relataram que a frequência nas aulas virtuais é baixa, pois muitos alunos alegam falta de estímulo em assistir as aulas remotas.

Após apresentar o produto educacional para os dois professores de História, estes ficaram responsáveis por convidar os alunos do 3º ano do ensino médio a integrarem a pesquisa, a partir de etapas que se constituíram em: entrar no grupo de *WhatsApp*, participar do encontro virtual, fazer a leitura do *e-book E depois do 3ºano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* e responder ao questionário composto por 4 (quatro) questões.

Os professores relataram objeções dos estudantes a participarem de outros

encontros virtuais, considerando as dificuldades da adesão dos alunos ao ensino remoto, ainda assim, 10 (dez) jovens regularmente matriculados no 3º ano se disponibilizaram a integrar a pesquisa. Após a mobilização desses estudantes, foi criado um grupo no aplicativo *WhatsApp* com todos os participantes e a pesquisadora. Assim sendo, o primeiro contato com os integrantes da pesquisa foi através do aplicativo de mensagens que permitiu, no momento inicial, a apresentação dos objetivos da pesquisa e, principalmente, o compartilhamento do produto educacional.

É importante pontuar que o diálogo sobre o desenvolvimento da pesquisa, seus objetivos e o produto educacional foi realizado cotidianamente através de várias mensagens compartilhadas no grupo, priorizando responder aos questionamentos dos jovens. Entre a data de criação do grupo, no dia 08 de setembro de 2021, e o seu encerramento, no dia 17 de setembro, percebeu-se que o grupo facilitou o diálogo e aproximação com os jovens que permitiu o maior comprometimento de todos nas fases seguintes.

Desse modo, para o início da etapa de coleta de dados, foi socializado o TCLE, assinado e devolvido virtualmente. Após o recebimento de todos os TCLE assinados, os estudantes foram convidados a participar de um encontro virtual para a apresentação do *e-book*. No dia 10 de setembro, realizou-se um encontro virtual através da plataforma *Google Meet* com o objetivo de apresentar o *e-book* aos estudantes, compreendendo o seu processo de construção e as duas unidades que o compõe. O encontro teve duração de uma hora e meia, sendo o primeiro momento destinado a expor o conteúdo do produto educacional e o segundo momento aberto a participação dos estudantes.

Durante o encontro virtual foi possível apreender que os estudantes, muito embora tivessem lido o conteúdo do *e-book* com antecedência, ainda tiveram dificuldades em compreender a categoria trabalho a partir da perspectiva ontológica-histórica. Mesmo que o produto educacional se proponha a ter uma linguagem acessível e didática aos estudantes, o conteúdo acerca do trabalho só foi compreendido após a mediação no encontro virtual. Tal fato revela que a escola não abarca a dimensão ontocriativa do trabalho e, portanto, afasta dos jovens a possibilidade de sequer refletir sobre a construção de novas formas de viver que superem a sociedade do capital.

Aos jovens, apresentam-se as oportunidades limitadas aos imperativos do capitalismo, não sendo permitido contemplar um novo horizonte. Entretanto, não é

possível ignorar a realidade objetiva dos jovens estudantes da escola pública que logo que deixam a sala de aula, em sua maioria, inscrevem-se no mundo do trabalho, apresentado para eles como o mercado de trabalho. Tendo isso em vista, o produto educacional desta pesquisa também abrange essa realidade e dialoga com os estudantes acerca dos percursos após a conclusão do ensino médio, sejam esses os caminhos do trabalho ou estudo.

O encontro virtual foi uma etapa importante para a aproximação dos estudantes e dialogar para além dos resultados expostos nessa pesquisa, uma vez que o produto educacional exige uma ação pedagógica que inclui o diálogo, a partilha, a socialização de saberes, anseios e experiências. Assim sendo, tendo como referência o *e-book*, foi possível conversar com 10 jovens estudantes do 3º ano do ensino médio da escola pública, apresentando-os uma nova perspectiva em relação ao trabalho que superam o estranhamento, a alienação e a exploração, próprias da lógica capitalista.

Ainda que seja uma temática distante do currículo escolar e da realidade objetiva dos estudantes, o conteúdo do *e-book* na prática pedagógica permitiu vislumbrar um novo horizonte que precisa ser construído a partir de agora, com início no campo teórico. O encontro virtual também permitiu que os integrantes discutissem sobre os projetos de vida para depois da conclusão do ensino médio, fazendo-os refletir sobre os percalços que possivelmente cada trajetória escolhida apresentaria.

Finalmente, o encontro virtual possibilitou experienciar a aplicação do produto educacional desta pesquisa com o público e, dessa forma, garantiu que todos aqueles que integram a pesquisa pudessem ter real contato com o produto educacional em sua totalidade e, portanto, permitiu uma validação que reflete, de fato, a opinião dos participantes. Acresce-se a isso o constante engajamento dos estudantes, desde a entrada no grupo de *WhatsApp* até a conclusão desta pesquisa, que foi ampliado dada a aproximação dos integrantes no encontro virtual.

Ao final do encontro, foi compartilhado com os estudantes, através do grupo de *WhatsApp*, um questionário contendo as 04 questões abertas, já citadas. Os participantes responderam ao questionário de forma manuscrita e enviaram as fotos das respostas por meio eletrônico. Os resultados e a discussão serão apresentados a seguir.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para resguardar a identidade dos estudantes que integram essa pesquisa, seus nomes foram substituídos por E (estudante) seguido de um numeral até o número 10, que correspondeu aos participantes dessa pesquisa. Na Figura 2, está o questionário compartilhado pelo aplicativo de mensagens com os estudantes no dia 10 de setembro, logo após o encerramento do encontro virtual.

Figura 2 - Questionário aplicado aos estudantes

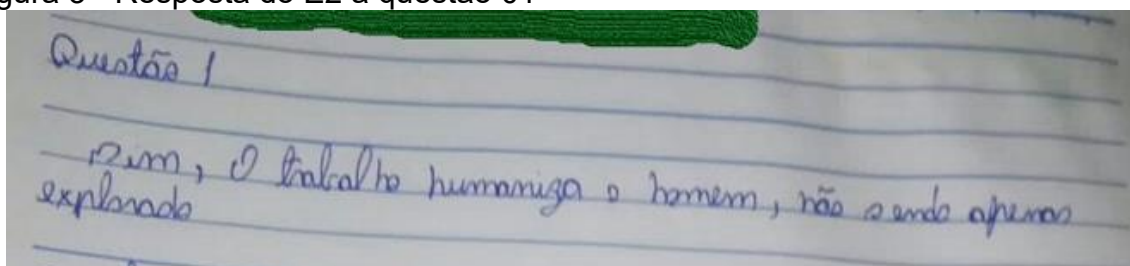
NOME:	O CONTEÚDO DO E-BOOK POSSIBILITOU UMA NOVA COMPREENSÃO ACERCA DA CATEGORIA TRABALHO? Se afirmativo, como você o compreende agora?	O E-BOOK TROUXE CONTEÚDOS QUE VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTES PARA DEBATER EM SALA DE AULA? Se afirmativo, quais conteúdos você achou relevantes?	O CONTEÚDO DO E-BOOK PERMITIU A VOCÊ REFLETIR E DIALOGAR COM OS COLEGAS ACERCA DOS PROJETOS DE VIDA PARA DEPOIS DO 3º ANO? Se afirmativo, por quê?	QUAL A RELEVÂNCIA DO E-BOOK PARA OS ESTUDANTES QUE ESTÃO CURSANDO O 3º ANO DO ENSINO MÉDIO? ☐ pouco relevante ☐ relevante ☐ dispensável Justifique
-------	---	--	--	---

Fonte: elaborado pela autora (2021)

A primeira pergunta objetiva compreender se, após a leitura do *e-book E depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio*, compartilhado no grupo do *WhatsApp* e abordado no encontro virtual, os alunos conseguiram vislumbrar uma nova perspectiva de trabalho a partir do sentido onto-histórico.

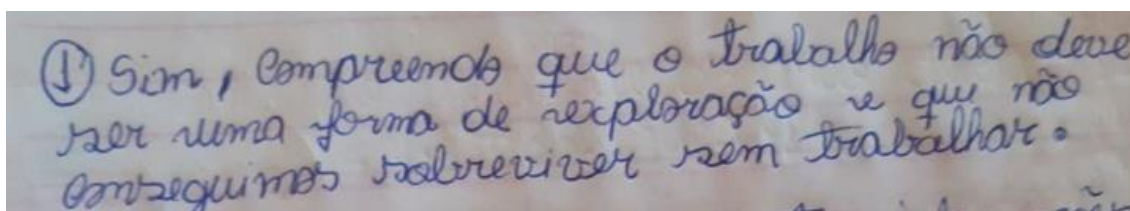
De acordo com as Figuras 3 e 4, os estudantes relacionam o trabalho realizado na sociedade do capital diretamente vinculado à exploração, utilizando inclusive essa palavra de maneira recorrente, tal fato pode significar o local social que o jovem e aqueles que convivem com ele e estão inseridos no trabalho produtivo que ocupam.

Figura 3 - Resposta do E2 à questão 01



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Figura 4 - Resposta do E3 à questão 01



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Importante perceber que os participantes têm facilidade de relacionar o trabalho à uma atividade explorada, é provável que seja mais intensamente dessa forma que ele se apresentou até hoje para esse jovem e sua família. Para Barber-Madden e Abe Saber (2013), a juventude se encontra vulnerável às situações de exploração e subempregos, muitas vezes incapacitadas de manter uma renda que satisfaça suas necessidades, além de se frustrarem com os planos de apoiar financeiramente à família. Essas incursões fragilizadas pelo mundo do trabalho contribuem, por exemplo, para o ingresso dos jovens na criminalidade. No caso do Estado do Ceará, Melo e Paiva (2021) afirmam que sem a participação dos jovens não seria possível a expansão das facções e, conseqüentemente, da violência.

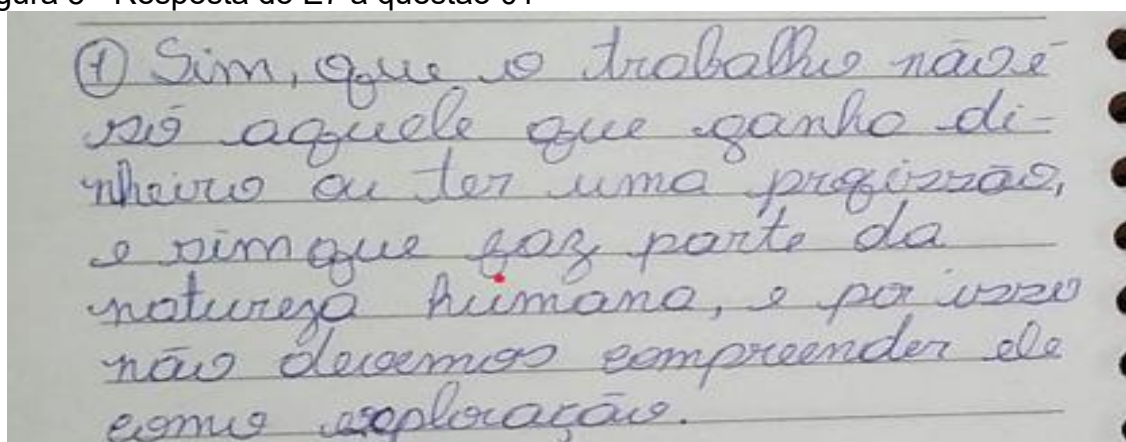
Desde as primeiras manifestações públicas da GDE, a presença de jovens foi um elemento importante na maneira como a organização se apresentou para a sociedade. Nesse caso, os jovens foram não apenas convidados para integrar o grupo, mas reconhecidos como parte de uma engrenagem na qual são valorizados como sujeitos importantes para a facção. Em cânticos da facção é possível ouvir que na organização os “menor estão pesados”, “os menor são doido”, “aqui os moleque são patrão” (MELO; PAIVA, 2021, p. 52).

As respostas dos jovens que associam o trabalho à exploração, evidenciam o terreno fértil que encontram as facções que ofertam aos jovens o prestígio e a renda almejados. Benício (2018) aponta que a dificuldade ou a impossibilidade de acessar

serviços que ofertam saúde, cultura, educação são fatores que intensificam as taxas de homicídios nas periferias de Fortaleza. Esse cenário produz para os jovens, sobretudo negros e pobres, uma realidade de “produção massiva da morte de existências descartáveis” (BENÍCIO, 2018, p. 198).

As respostas à primeira pergunta também permitiram perceber que os estudantes compreenderam que há diferenças entre o trabalho como é apreendido na sociedade do capital e o conceito de trabalho que se desloca desse sentido, de acordo com a Figura 5.

Figura 5 - Resposta do E7 à questão 01



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

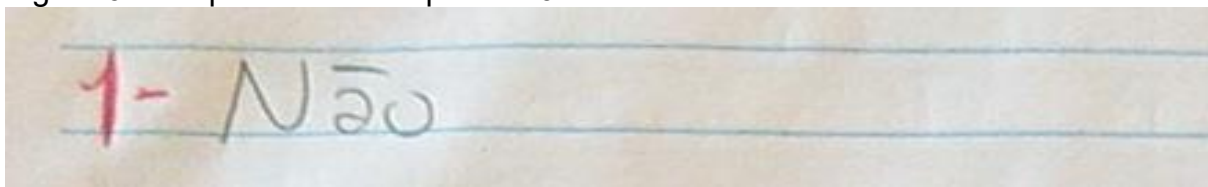
Os estudantes se referem ao trabalho como parte da natureza humana, evidenciando, dessa forma, que eles puderam apreender que o trabalho é categoria fundante do ser social (LESSA, 2015) e específico do ser humano (MARX, 2017). Perceber o conceito de trabalho por um outro entendimento possibilita que esses jovens questionem a realidade que, até o momento, costuma se apresentar como imutável, exigindo-os a confirmação e adaptação. Avistar um novo sentido de trabalho é acreditar na possibilidade de transformação.

Embora o modo de produção pressuponha o trabalho alienante e exteriorizado (MARX, 2010) na totalidade social, determinadas classes sociais estão mais intensamente expostas às desigualdades do sistema, sobretudo na forma como realizam seu trabalho. A juventude das classes média e baixa no Brasil, por exemplo, vivenciam as contradições e as desigualdades na dificuldade de acesso emprego formal que não é uma certeza que aguarda o jovem recém-saído do ensino médio.

O mercado de trabalho legal (com carteira registrada) está longe do alcance da grande maioria dos jovens das classes média e baixa. Boas colocações com salários razoáveis praticamente não existem, são muito raras as vagas para um emprego com carteira assinada e baixos salários, e a maioria não consegue qualquer colocação. [...] Tratando do universo do que podemos chamar de trabalho legalmente aceitável, o jovem que busca o primeiro emprego, sem experiência e sem qualificação adequada, é jogado ao mercado informal de trabalho (sem carteira assinada) ou a trabalhos com baixos salários. Esse problema agrava-se de acordo com o grau de pobreza; assim, quanto mais pobre, mais difícil será o ingresso no mercado de trabalho (GRANA, 2003, p. 10).

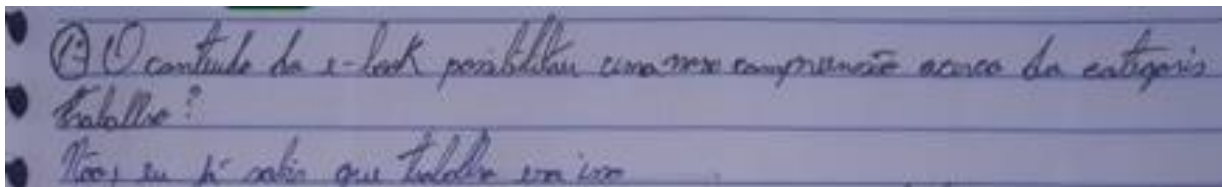
Pontuando que os resultados da pesquisa podem não atender integralmente ao esperado e que, portanto, é necessário considerar também as respostas que desviam das planejadas, importa citar 2 (dois) estudantes que, ao responderem a primeira questão, afirmaram que o *e-book* não possibilitou uma nova compreensão acerca do trabalho, como mostram as Figuras 6 e 7, em que um estudante responde de maneira bastante sucinta à primeira pergunta, o que pode demonstrar pouco interesse ou baixa compreensão acerca do assunto. De maneira também negativa, outro estudante responde à pergunta, afirmando que já havia ciência do conceito de trabalho, mesmo não especificando sobre a qual conceito ele se referiu.

Figura 6 - Resposta do E1 à questão 01



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Figura 7- Resposta do E10 à questão 01



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

As duas respostas que desviam do esperado podem significar que, mesmo que o produto educacional seja construído para alcançar todos os estudantes do 3º ano do ensino médio, ocorrem diferenças na forma como os sujeitos apreendem determinados conteúdos. Também se salienta que a escola, imersa na dinâmica

regressiva-destrutiva e mundializada do capital, afasta o trabalhador da formação para uma sociedade emancipada (SOUSA JR, 2010). Portanto, é compreensível que alguns estudantes tenham dificuldades em apreender um conceito novo para o ambiente escolar. No modo de produção do capital, a escola corresponde às exigências do capital e, por isso, propostas pedagógicas que alteram esse sentido encontram obstáculos em sua implementação.

É atribuído ao processo educativo, portanto, uma função distinta da sua histórica importância, reduzindo a educação à capacitação técnica do trabalhador para que este venha a exercer, exclusivamente funções laborais, necessárias, do lado do capital, ao processo acumulativo e, do lado do trabalhador, a garantia de sua própria subsistência (SANTOS, 2014, p. 160).

Em relação aos dois estudantes, por exemplo, mesmo respondendo negativamente à primeira questão, considerando suas outras respostas, eles afirmaram a relevância do *e-book*.

É preciso destacar que todos os conteúdos abordados em sala de aula se destinam à um público com experiências de vida diversificadas e, portanto, para alguns jovens estudantes da escola pública a forma de entender o trabalho como o capital apresenta seja um conceito arraigado e que, para alcançar a subjetividade daquele indivíduo, os esforços estejam para além do produto educacional ou de uma ação pedagógica.

Os contextos nos quais as crianças e os jovens se desenvolvem são múltiplos, variados e se constituem sob diferentes condições educativas, com meios materiais e simbólicos particulares, mas também estão permeados por uma cultura geral. Na heterogeneidade dessas condições de desenvolvimento, podemos afirmar que existe uma condição geral que dá forma a certa homogeneidade na formação. Esta se refere à formação da consciência como produto das relações sociais condicionadas pela ideologia dominante e representativa da classe social hegemônica (MARINO FILHO, 2015, p. 81).

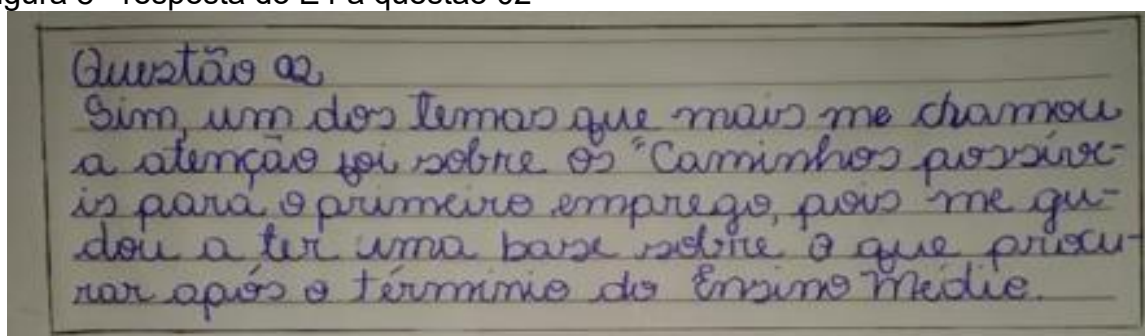
Levando em conta a resposta dos estudantes, em sua maioria, à primeira pergunta do questionário, o *e-book consegue* atingir o objetivo de apresentar a categoria trabalho na escola, a partir dos fundamentos ontológicos e científico-tecnológicos na perspectiva onto-histórica.

A segunda pergunta intencionou conhecer quais os conteúdos do *e-book* os estudantes apontaram como mais relevante. As respostas indicam as lacunas que o produto educacional conseguiu preencher ao discutir determinados assuntos com os

estudantes e, além disso, manifesta os anseios daqueles jovens que estão concluindo a vida escolar na iminência de um novo caminho.

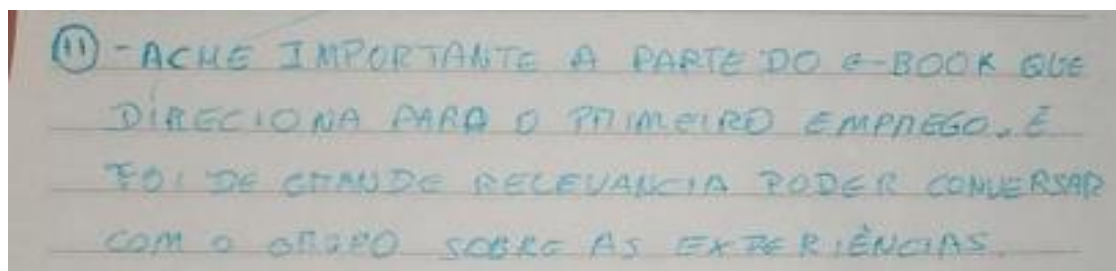
A Figura 8, contendo a resposta do E4, mostra que um dos estudantes considera importante quando o *e-book* aponta um percurso para depois do ensino médio. De acordo com a Figura 9, outro estudante também afirma a relevância em falar sobre o trabalho, sendo ele um momento de expectativas para os jovens que cursam o último ano do ensino médio. Também é interessante observar como, para os estudantes, ouvir as experiências dos outros é uma forma de aprendizado.

Figura 8 - resposta do E4 à questão 02



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Figura 9 - Resposta do E5 à questão 02.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

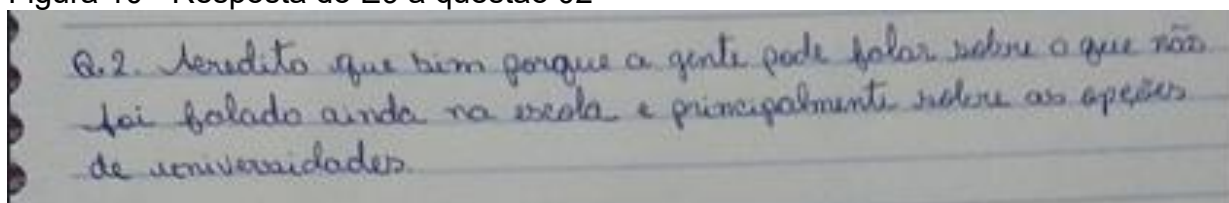
Essa unidade do *e-book*, citada pelos estudantes, tem como objetivo permitir que, se a realidade objetiva de alguns jovens os obriga a ingressar no mercado do trabalho logo após a conclusão do ensino médio, ou mesmo durante o seu curso, que essa entrada ocorra por caminhos que garantam as mínimas condições dignas de emprego. Desse modo, a unidade apresenta as relações de trabalho na sociedade do capital, projetos de acesso ao emprego, principais documentos que garantem direitos sociais e trabalhistas, além de uma sugestão de atividade de compartilhamento de experiências.

O conteúdo foi elaborado como estratégia de acesso à informação, entendendo-as como oportunidades que devem fazer parte da vida escolar dos estudantes para o desvio dos subempregos. Entretanto, a contradição própria do capitalismo e assumidamente do produto educacional desta pesquisa é que, ainda que os jovens estudantes tenham acesso a boas informações e qualificações, o trabalho na lógica societal do capital continua alienado.

De maneira geral, as condições objetivas obrigam os filhos da classe trabalhadora a ingressarem precocemente no mercado de trabalho para contribuir financeiramente com as despesas domésticas. Em contrapartida, o jovem recém saído do ensino médio não encontra um cenário de pleno emprego e se arriscar nos subempregos, na terceirização e precarização acaba sendo a oportunidade real. Esse movimento, impulsionado pelo desenvolvimento do capitalismo no Brasil, afasta os jovens da compreensão ontocriativa do trabalho. Nesse sentido, Frigotto (2005, p. 12) aponta que a relação do jovem com o “mundo do trabalho não pode ser confundida, portanto, com o imediatismo do mercado do trabalho e nem com o vínculo imediato do trabalho produtivo”.

Alguns estudantes também pontuaram como relevante o conteúdo do *e-book* destinado a discutir o percurso acadêmico após o ensino médio. Foi possível perceber que, como mostra a Figura 10, visualizar as universidades públicas do Estado do Ceará, elencadas no livro digital, permitiu conhecer as possibilidades para planejar um futuro.

Figura 10 - Resposta do E9 à questão 02



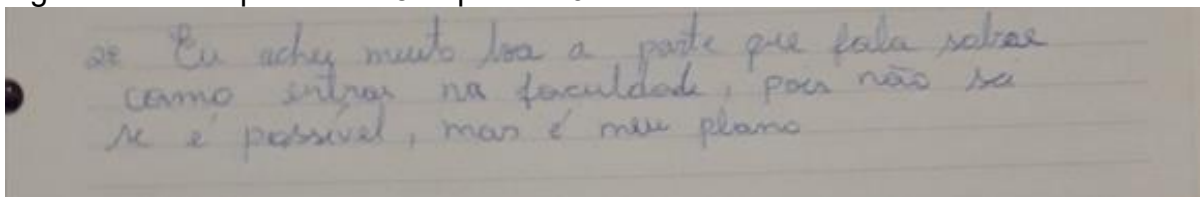
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

O estudante afirma que o assunto não foi abordado na escola. Portanto, mesmo que no último ano da educação básica o ambiente escolar prepare, muitas vezes, os estudantes para realização, por exemplo, do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, esse evento não demonstra ser suficiente para dialogar com os alunos sobre essa nova etapa. Também oportuno citar como o ingresso na universidade se insere no horizonte de perspectiva desses jovens, realidade que se apresenta dada a

expansão do ensino médio e do ensino superior (DAYRELL, 2013).

A Figura 11 apresenta outra resposta que menciona o ingresso na universidade, após a conclusão do ensino médio, e merece atenção a fala do estudante ao frisar a incerteza dessa próxima etapa que está na esfera dos planos, mas não há certeza da possibilidade de concretização.

Figura 11 1- Resposta do E8 à questão 02.



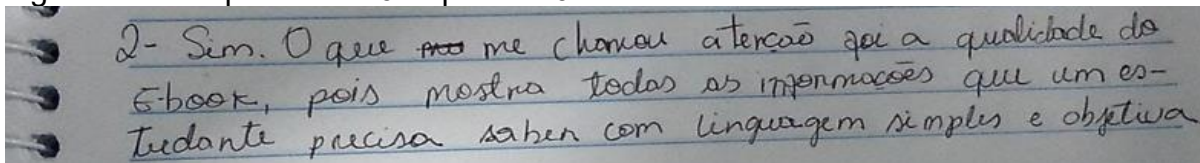
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Dayrell (2013) aponta que o fato dos jovens falarem de modo genérico acerca da universidade pode revelar o pouco conhecimento sobre os cursos oferecidos ou a dificuldade em lidar com o tempo futuro. São muitas as vezes que atravessam a vida dos jovens que frequentam o ensino médio nas escolas públicas e fazem com que o percurso após a conclusão da etapa escolar seja incerto.

Dessa forma, podemos nos perguntar se a postura dos jovens, em especial os pobres, na elaboração dos projetos de vida não expressaria uma nova forma de desigualdade social que se materializaria no esgotamento das possibilidades de mobilidade social para grandes parcelas da população e novas formas de dominação. [...]no contexto de uma sociedade desigual, além deles se verem privados da materialidade do trabalho, do acesso às condições materiais de viverem a sua condição juvenil, defrontam com a desigualdade no acesso aos recursos para lidar com a esta nova semântica do futuro, dificultando-lhes na elaboração de projetos de vida (DAYRELL, 2013, p. 70).

É dentro dessa realidade que o *e-book* se insere como um material de apoio ao estudante, utilizando uma linguagem simples e objetiva como afirma a resposta contida na Figura 12.

Figura 12 - Resposta do E6 à questão 02.



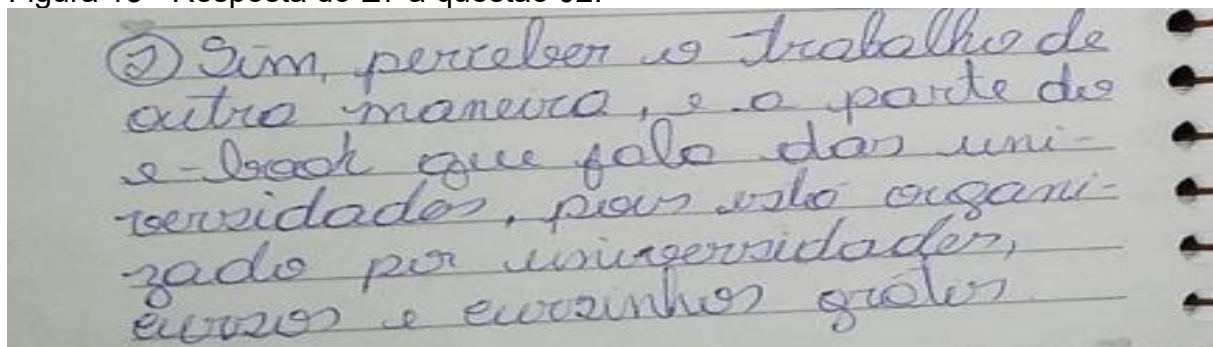
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Considerando que o produto educacional deve se adaptar à realidade escolar que já tem o seu próprio plano anual de ensino, bem como o planejamento feito por cada docente junto à coordenação que compreende entre planos de aulas, avaliações e reunião de resultados e que toda essa demanda já preenche o calendário escolar completamente, é necessário que o *e-book* seja compatível com essa conjuntura. Desse modo, torna-se fundamental que o produto educacional seja sucinto e de rápida leitura, além de ter uma linguagem acessível para os alunos.

entre o ideal de educação para a classe trabalhadora e o que está posto no atual momento é necessário a construção de um projeto que possa representar um campo de resistência ao que está posto e ao mesmo tempo, seja uma possibilidade de avanço e acúmulo de forças na luta de classes, bem como represente a possibilidade de uma futura ruptura (CARVALHO, 2017, p. 76).

A maneira com a qual os estudantes se referem aos conteúdos revela que o *e-book* conseguiu alcançá-los nesse sentido, como mostra a Figura 13.

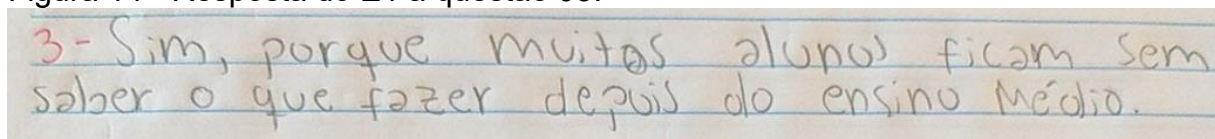
Figura 13 - Resposta do E7 à questão 02.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A terceira pergunta permite avaliar se o produto educacional cumpre com o objetivo de dialogar com os alunos acerca dos projetos de vida após a conclusão do ensino médio. De acordo com as respostas, os participantes afirmam que o conteúdo permitiu dialogar e refletir em relação aos projetos de vida. A Figura 14 mostra, através da resposta de um estudante, como por exemplo as informações reunidas no *e-book* podem auxiliar os jovens a refletirem sobre os caminhos após a conclusão da etapa escolar, tendo como referência o conteúdo do produto educacional.

Figura 14 - Resposta do E1 à questão 03.



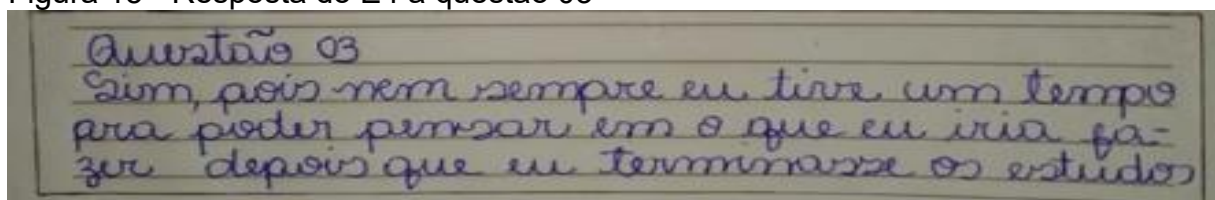
3- Sim, porque muitos alunos ficam sem saber o que fazer depois do ensino Médio.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

De modo geral, os participantes apontam como importante o momento de compartilhamento de experiências e expectativas fora da escola, tal oportunidade é possível de ser realizada, uma vez que o produto educacional propõe que os estudantes façam esse momento de reflexão considerando as suas realidades, limites e possibilidades.

Nesse processo, permeado de descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, o jovem se defronta com perguntas como: “Quem sou eu?”, “Para onde vou?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?”. São questões cruciais que remetem ao projeto de vida, uma dimensão decisiva no seu processo de amadurecimento. Contudo, para sua elaboração, o jovem, principalmente aquele que frequenta o ensino médio, demanda espaços e tempos de reflexão sobre seus desejos, suas habilidades, mas também informações sobre o contexto social onde se insere, a realidade da universidade e do mundo do trabalho, entre outros, de maneira que possa ter elementos para construir um rumo para sua vida (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 1068).

Figura 15 - Resposta do E4 à questão 03



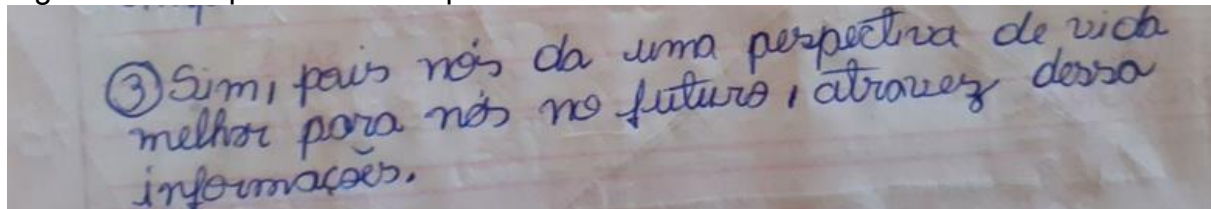
Questão 03
Sim, pois nem sempre eu tive um tempo para poder pensar em o que eu iria fazer depois que eu terminasse os estudos.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Tendo como referência as respostas dos estudantes à questão 3, conclui-se que a escola ainda não consegue pensar com os jovens sobre a vida fora do espaço escolar. É imprescindível reconhecer que o sujeito que ocupa a escola é um jovem inserido num complexo social que, como afirma Faleiros (2008, p. 65), as “condições e trajetórias do jovem se articulam à desigual estruturação econômica, social e política historicamente dada como capitais sócio/político/econômico/culturais”. Além disso, a fase escolar é finita e, portanto, os sujeitos que ocupam hoje as salas de aula se encaminham para se apoderar de novos espaços e, dessa forma, é imprescindível “Levar em conta o jovem existente no aluno” (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011). Considerando a realidade e demandas desses sujeitos, o *e-book* possibilita construir

com os estudantes diálogos sobre projetos de vida, fazendo-os refletir a partir do seu conteúdo, como afirma a resposta do estudante na Figura 16.

Figura 16 - Resposta do E4 à questão 03.



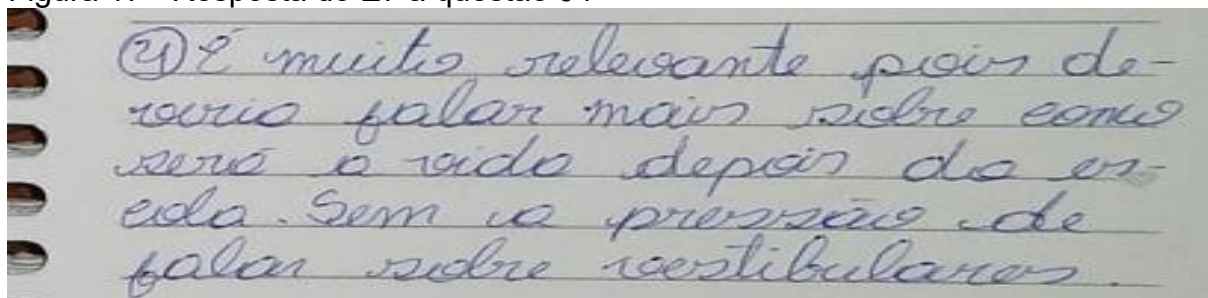
Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Desse modo, a escola se constitui como o espaço indispensável para que a juventude das classes baixas e médias delineiem seus projetos de vida e, portanto, nesse sentido reside a urgência de concebê-la como esse espaço. O caminho para a escola, enquanto lugar de construção de projetos, como afirma Silva (2003), é a produção de ações pedagógicas que tenha como referência esse objetivo.

A quarta e última pergunta questiona sobre a relevância do *e-book* para os estudantes que estão cursando o 3º ano do ensino médio. Os participantes puderam optar por classificar o produto educacional em pouco relevante, relevante ou dispensável. Os 10 (dez) estudantes que fizeram parte desta pesquisa classificaram o *e-book E depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* como relevante.

A análise das respostas à quarta pergunta permite compreender que os caminhos que serão traçados após a conclusão do 3º ano do ensino médio inquietam os jovens e encontrar na escola um espaço para conversar com os colegas, que partilham da mesma situação, sobre esse futuro tão próximo pode contribuir com a sensação de apoio, empatia e segurança. De acordo com a Figura 17, o estudante aponta a pertinência do *e-book* ao fato de possibilitar discutir sobre a vida após o ensino médio.

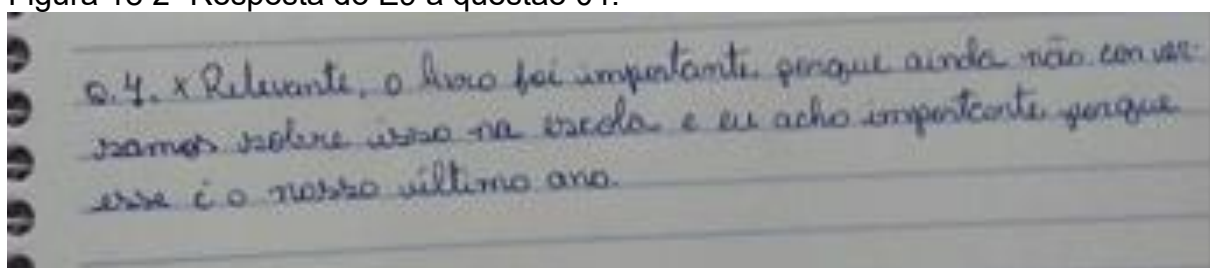
Figura 17 - Resposta do E7 à questão 04



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Outro estudante, conforme exposto na Figura 18, destaca que a escola ainda não abordou os assuntos elencados no *e-book* e que, por isso, o material se torna relevante. Também é importante observar que o estudante afirma que o produto educacional é importante para eles que estão cursando o último ano da etapa escolar. No cenário em que o jovem chega ao 3º ano do ensino médio sem a construção de uma ponte que auxilia a travessia do mundo escolar para as demandas da vida adulta, faz emergir a reflexão proposta por Leão, Dayrell, Reis (2011, p. 1082), a qual diz que “numa sociedade onde a incerteza e a imprevisibilidade preponderam, ao mesmo tempo herdeira e reprodutora de desigualdades históricas, qual lugar a escola ocupará na vida de seus jovens?”. Assim sendo, o *e-book* tem como referência a edificação de práticas pedagógicas que alcancem subjetivamente os jovens em busca de redimensionar o atual papel da escola.

Figura 18 2- Resposta do E9 à questão 04.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

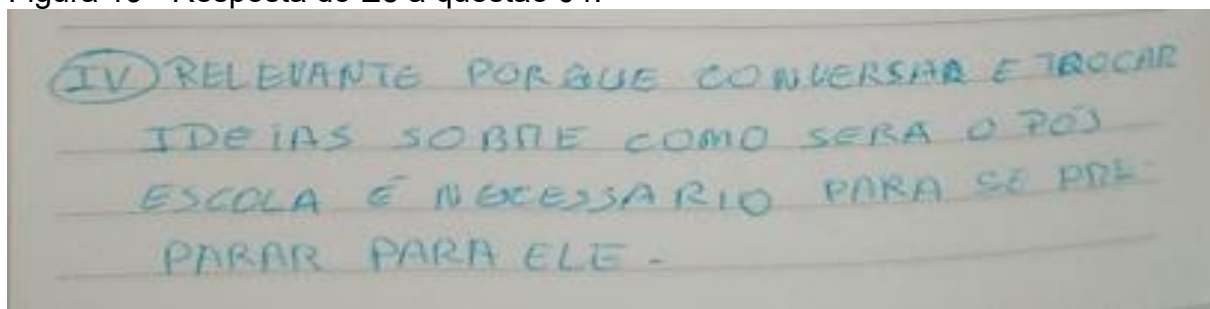
As respostas, além de assinalar a pertinência do produto educacional, também evidenciam um modelo de escola classificada por Barbosa (2004) como antisolidário e alienado social. É necessário questionar os motivos que deixam transparecer que a escola não se preocupa com aspectos do futuro dos seus jovens, afinal, o que se constrói no ambiente escolar não serve apenas ao presente, mas é fundamental para alicerçar o futuro. Ao argumentar sobre o papel que a escola ocupa

atualmente, Barbosa (2004) define que:

Muitas vezes ela contribui para a exclusão dos meios necessários à vida digna, pois as estruturas mais fortes organizam-se para privilegiar grupos e pessoas; as consciências são levadas por aquilo que parece natural no ambiente, tornando inquestionável e aceito pelo senso comum. A escola reforça esta prática e reproduz o egoísmo e a competição, elementos essenciais ao mundo em que predomina o mercado. A organização do fazer escolar é repetidora do sistema social injusto que a sociedade criou e mantém como forma de emperrar mudanças que possam alterar a ordem dominante (BARBOSA, 2004, p. 9).

Nesse sentido, o produto educacional dessa pesquisa se orienta pelo sentido oposto ao que a escola a serviço do capital assume, pois acredita que a escola deve se estruturar para que os jovens estudantes possam construir seus projetos de vida, sobretudo compartilhando experiências. Os sujeitos que compõem a escola também fazem parte dos processos de aprendizado e, portanto, é fundamental ouvi-los em seus anseios, demandas e inquietações. Assim sendo, de acordo com a Figura 19, o conteúdo do *e-book* propiciou o diálogo entre os jovens estudantes em relação aos planos após o ensino médio e essa atividade dialógica foi considerado pelo estudante como um momento de preparação para esse futuro.

Figura 19 - Resposta do E5 à questão 04.



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Os resultados apresentados nesse tópico foram possíveis em razão da integral participação dos 10 (dez) jovens estudantes do 3º ano da Escola de Ensino Médio Edson Correa que se dedicaram voluntariamente na atividade de leitura, nos momentos de compartilhamento de experiências, na atividade dialógica e no exercício da escrita.

A cooperação no percurso dessa pesquisa possibilitou a construção do *e-book* *E depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* que anseia por ingressar na escola como um material pedagógico que atende as reais

expectativas dos jovens que compõem a escola pública no Brasil. De acordo com Dayrell (2009, p. 23), “se queremos compreender os jovens na sua relação com a escola, devemos antes de tudo, buscar conhecê-los na sua realidade, para além dos muros da escola”.

Nesse sentido, o produto educacional pensa nos jovens estudantes quando a escola não for mais o ambiente de frequência diária, ou seja, quando, a instituição de referência para a construção de projeto de vida não estiver mais cotidianamente presente. Para isso, é necessário se preocupar na construção de materiais didáticos e ações pedagógicas que apresentem aos estudantes a possibilidade de erguer novas formas de sociabilidade que não tenha como pressuposto a alienação e a exploração. Além disso, se faz necessário apresentá-los às oportunidades, fazê-los reconhecer suas potencialidades e descobrir os seus desafios e possibilidades.

Desse modo, o produto educacional dessa pesquisa se compromete em abordar com os estudantes o trabalho a partir da perspectiva onto-histórica, ao mesmo tempo em que enxerga condições objetivas dos jovens que frequentam a escola pública e, por isso, aposta no diálogo sobre os projetos de vida, sejam eles pelo percurso acadêmico ou do trabalho, um meio para acessar condições de vida digna.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou construir um material didático que possibilitou a inserção da categoria trabalho na escola, a partir dos fundamentos ontológicos e científico-tecnológicos na perspectiva onto-histórica e a discussão acerca dos projetos de vida dos jovens estudantes.

Como resultado dessa intenção, foi produzido o *e-book E Depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* que apresentou aos estudantes o trabalho segundo a concepção onto-histórica, inserindo, desse modo, em sala de aula uma forma de compreender o trabalho que vai na contramão do entendimento capitalista e fornece aos jovens estudantes elementos para questionar o lugar social que eles ocupam. O *e-book* também permitiu dialogar com os estudantes sobre seus projetos de vida para depois da conclusão do ensino médio, tendo como referência os caminhos do trabalho ou a continuação pelo percurso acadêmico. Nesse sentido, o produto educacional sugere que fomentar, na escola, práticas pedagógicas que permitam aos estudantes refletir sobre seu futuro é uma alternativa que proporciona encontrar, mesmo considerando os entraves para a sobrevivência da classe trabalhadora e seus filhos, alternativas de conduzir a vida por caminhos que ofertam condições mais dignas.

As opiniões dos estudantes sobre o produto educacional são expressas nas respostas ao questionário, o que permitiu avaliá-lo como relevante. Ademais, as respostas dos jovens que integram essa pesquisa deixam evidenciar que a escola não consegue alcançar as demandas dos jovens que estão para além da aquisição dos conhecimentos científicos. Por isso, se reconhece que a escola se inscreve num cenário desafiador de desenvolver projetos educacionais que relacionem as categorias trabalho e educação, superem a perspectiva produtivista e se vinculem às demandas da classe trabalhadora, sobretudo possibilitando a construção de ações de caráter emancipatório.

Desse modo, considera-se a escola imersa no cenário de contradição entre a necessidade de ofertar formação integral do indivíduo para o domínio de conhecimentos necessários à vida social, no sentido onto-histórico e no atendimento às exigências da sociedade do capital, pontuando, sobretudo, a divisão social do trabalho que necessita da existência da dualidade da educação, cindida entre a formação intelectual e manual. Portanto, o ambiente escolar se torna um espaço

fundamental para as discussões que envolvem o público que está cursando o último ano da educação básica, e, portanto, encontra-se na etapa de transição para o mercado de trabalho ou para o ensino superior.

Importa pontuar que a escola é um espaço fundamental para que os filhos da classe trabalhadora tenham acesso aos conhecimentos sistematizados e as experiências culturais que auxiliam na sua formação humana. Mas, incisivamente, a escola pública é o espaço necessário aos jovens das camadas médias e baixas. Portanto, justifica-se a intenção de construir materiais didáticos que promovam práticas educativas comprometidas com a superação do modo de produção capitalista, mas, que reconheça as necessidades imediatas dos estudantes que constroem seus sonhos nas mais diversas contradições.

Esta pesquisa assume sua contraditoriedade ao passo que, como opção teórica, apresenta criticamente a historicidade das reformas da educação no Brasil que sempre atendeu as demandas de uma elite hegemônica subordinada aos interesses do capital internacional e discute a categoria juventude como histórica e socialmente situada. Além disso, aborda no seu produto educacional o trabalho de acordo com a perspectiva onto-histórica, entretanto, reúne também as possibilidades de projetos de vida para a juventude considerando as alternativas disponíveis no contexto da sociedade capitalista.

Essa contradição se justifica pela necessidade primeira em construir as bases teóricas para as transformações sociais necessárias. No caso deste estudo, é preciso inicialmente apresentar aos jovens estudantes das escolas públicas um horizonte de produção e reprodução da vida material que não se vincula a exploração, mas a própria formação humana. Portanto, é preciso, primeiramente, que os jovens reflitam acerca da sua realidade social e consigam enxergar as possibilidades de mudança. Além disso, também é preciso que os jovens consigam acessar melhores condições de vida e isso precede encontrar na escola um espaço para a construção de projetos de futuro, cercado-se de referências, socialização de experiências e compartilhamentos dos aprendizados.

Este estudo e o produto educacional materializado no *e-book E Depois do 3º ano? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio* reconhecem o potencial transformador que a juventude carrega em si e que demanda espaços que dialoguem com esses sujeitos que estão em processo de significativas mudanças em busca de ancorar seus projetos de vida em realidades mais justas, igualitárias e dignas.

O produto educacional desta pesquisa foi disponibilizado para os docentes e discentes da Escola de Ensino Médio Edson Correa através da plataforma *Google Drive* pelo link [e-book E depois do 3º? perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio](#). O desenvolvimento desta pesquisa, que possibilitou a construção do *e-book*, tem a intenção de ampliar o acesso a esse material para outras instituições escolares, organizações da sociedade civil que ofertam serviços para a juventude, centros socioeducativos que trabalham com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas e instituições públicas que atendem a juventude, sobretudo a grande parcela em situação de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W.; BRANCO P. P. M. (Org.) **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo (2005).
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks, o espetáculo urbano**. São Paulo: Scrita, 1996.
- ALGEBAIL, Eveline. A formação dos trabalhadores na escola: onde está o centro da disputa? **Revista Trabalho Necessário**, v. 14, n. 25, 2016.
- ANTUNES, Ricardo. A corrosão do trabalho e a precarização estrutural. *In*: NAVARRO, Vera Lucia; DE SOUZA LOURENÇO, Edvânia Ângela (Org.). **Averso do Trabalho III: saúde do trabalhador e questões contemporâneas**, São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2008.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARCELLOS, Cláudia Rezende. "Diversidade e identidade: discutindo jovens de camadas médias". *In*: VELHO, Gilberto (Org.). Individualismo e juventude. **Revista do Museu Nacional/ PPGAS**. Comunicação 18. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 5-25, 1990.
- BARREIRA, César *et al.* **Ligado na galera**. Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: Unesco, 1999.
- BENICIO, Luis Fernando de Souza *et al.* Necropolítica e Pesquisa-intervenção sobre homicídios de adolescentes e jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 38, p. 192-207, 2018.
- BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias para instituir o Novo Regime Fiscal e dá outras providências. Disponível em: <https://goo.gl/wa3wNR>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- CARVALHO, Flávia Xavier; NÔMA, Amélia Kimiko. Políticas públicas para a juventude na perspectiva neoliberal: a centralidade da educação. **Roteiro**, v. 36, n. 1, p. 167-186, 2011.
- CONSED. **Carta de Princípios sobre o Ensino Médio**. 2016. Disponível em: <https://goo.gl/2nsssh>. Acesso em: 01 de outubro de 2020.
- CORROCHANO, Maria Carla. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho? *In*:

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículo em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DA MOTTA, V. C.; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 355-372, 2017.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc**, p. 1105-1128, 2007.

DAYRELL, Juarez. **A juventude e suas escolhas**: as relações entre projeto de vida e escola. Habitar a escola e as suas margens, 2013.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, v. 37, p. 407-423, 2016.

DE CARVALHO MARTINS, Erikson; DOS SANTOS, Gilberto Lacerda. Epistemologia qualitativa, fenomenologia e pesquisa-ação: diálogos possíveis. **Filosofia E Educação**, v. 9, n. 3, p. 18-45, 2017.

DUBAR, C. **A socialização**: construção de identidades sociais e profissionais. São Paulo. Martins Fontes. 2005.

FALEIROS, Vicente. Juventude: trabalho, escola e desigualdade. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 2, 2008.

FERRETI, Celso João; SILVA, Monica Ribeiro da. Reforma do Ensino Médio no contexto da medida provisória nº 746/2016: estado, currículo e disputas por hegemonia. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 385-404, 2017.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de pesquisa**, n. 116, p. 21-39, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio**. Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, p. 57-82, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação básica no Brasil**: entre o direito social e subjetivo e o negócio. Coletânea Conjuntura, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina R. (Org) **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004.

GABEL, Christine Liz Moeller *et al.* **Mitos familiares e escolha profissional**: Um estudo junto aos estudantes do curso de psicologia da Universidade Regional de Blumenau com descendência germânica. Curso de Pós Graduação em Psicologia,

Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2002.

GADOTTI, Moacir. O projeto político-pedagógico da escola na perspectiva de uma educação para a cidadania. **Revista de educação, ciência e cultura**. Canoas, Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, v. 1, n. 2, p. 33-41, 2000.

GAMBOA, Sílvia Sánchez. A globalização e os desafios da Educação no limiar do novo século. In: LOMBARDI, José Claudinei. (Org.). **Globalização, Pós-modernidade e Educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Associados, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GÓMEZ, A. I. Pérez. **Cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

GOMIDE, D.C. O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. **Anais... XII Jornada Do HISTEDBR e X Seminário de Dezembro**. 2014.

GRANA, Carlos Alberto. **Juventude e primeiro emprego**. Boletim Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise. Rio de Janeiro: IPEA, n° 21. Opinião dos Atores, p. 9-11, fev. 2003.

GRANEMANN, Sara. Crise econômica e a Covid-19: rebatimentos na vida (e morte) da classe trabalhadora brasileira. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2020.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

GROPPO, Luís Antonio. Juventude. **Ensaio sobre Sociologia e História das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes**. Clube de Autores (managed), 2016.

GROPPO, Luís Antonio. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, v. 20, n. 1, p. 383-402, 2016.

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

IDEB. **EEM Edson Correa**. Disponível em: <http://idebescola.inep.gov.br/ideb/escola/dadosEscola/23062312>. Acesso em 15/07/2020

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

KUENZER, Acácia Z. O ensino médio agora é para vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educação & Sociedade**. v. 21, n. 70, 2000.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1067-1084, 2011.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Trabalho e escola: a flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 331-354, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 159, p. 38-62, 2016.

MACHADO, Nilson José. **Educação**: projetos e valores. 6. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

MAIA, Ana Augusta Ravasco Moreira; MANCEBO, Deise. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 376-389, 2010.

MARINO FILHO, Armando. Educação para o mundo do trabalho: alienação da Função Social da Atividade Produtiva na formação da Juventude. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 26, n. 1, p. 80-97, 2015.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política: livros I, II e III. Trad. De Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 11a ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MELO, Juliana; PAIVA, Luiz Fábio S. Violências em territórios faccionados do Nordeste do Brasil: notas sobre as situações do Rio Grande do Norte e do Ceará. **Revista USP**, v. 1, n. 129, p. 47-62, 2021.

MINAYO, Maria Cecília. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MINAYO, Maria Cecília. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, p. 621-626, 2012.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social**: teoria e método. Ciência, Técnica, 2002.

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do ensino médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 355-372, 2017.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politécnica e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, p. 1057-1080, 2015.

PERONI, Vera; CAETANO, Maria Raquel; LIMA, Paula de. Reformas educacionais de hoje: as implicações para a democracia. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 415- 432, 2017.

RAMOS, Marise N. Ensino Médio Integrado: lutas históricas e resistências em repôs

de regressão. *In*: ARAUJO, Adilson C.; SILVA, Claudio N. N. **Ensino médio integrado no Brasil**: fundamentos, práticas e desafios. Brasília: Ed. IFB, 2017

SANTOS, D. dos. *et. al.* A política educacional brasileira e as diretrizes do Programa Educação para Todos: notas críticas. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 59, p. 152-165, 2014.

SAVIANI, Dermerval. **A crise política e o papel da educação na resistência ao golpe de 2016 no Brasil**. O Golpe de 2016 e a educação no Brasil, p. 27, 2016.

SAVIANI, Dermerval. Política Educacional Brasileira: Limites e Perspectivas. **Revista de Educação PUC** – Campinas, n 24, p. 7-16, junho, 2018

SIMÃO, Mario Pires. **Jovens e favelas**: em busca de visibilidade política. Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores – FFP – UERJ. 2014.

SOUSA, Jr. J. de. **Marx e a crítica da educação**: da expansão liberal-democrática à crise regressivo-destrutiva do capital. Aparecida-SP: Ideias& Letras, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 87-128, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Papirus Editora, 2013.

VIANA, Maria Luiza. Estéticas, experiências e saberes: artes, culturas juvenis e o ensino médio. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: UFMG, p. 249-268, 2014.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

E depois do 3º ano?

perspectivas e possibilidades após a conclusão do ensino médio

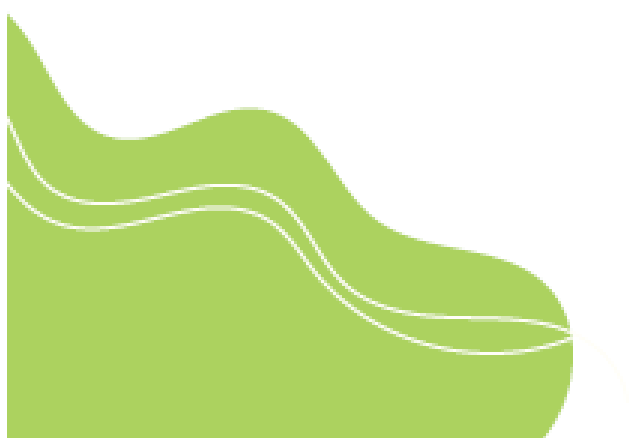


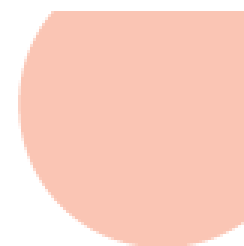


*Esta cartilha é dedicada
aos jovens que transformam
a resistência de sobrevivência
no mundo hostil numa
forma de esperança.*

Sumário

Unidade 1- O que é trabalho?	02
▸ O trabalho na perspectiva onto- histórica	04
Unidade 2 - Diferentes realidades. Diversos caminhos	07
▸ Preciso trabalhar. E agora?	14
▸ Continuando os estudos após a conclusão do ensino médio	22
Referências	28





Apresentação

Esta cartilha se apresenta enquanto produto educacional de pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica no Instituto Federal do Ceará – IFCE (Campus Fortaleza). A dissertação se propõe a discutir sobre perspectivas e possibilidades da juventude que frequenta o ensino médio e, alinhada a esta proposta resulta esta cartilha que se propõe como recurso pedagógico.

O produto educacional tem como objetivo apresentar aos estudantes do 3º ano do ensino médio a categoria trabalho a partir dos fundamentos ontológicos e científicos-tecnológicos na perspectiva onto- histórica. Além disso, a cartilha também discorre sobre os jovens que necessitam inserir-se no trabalho logo após a conclusão da educação básica, apresentando, dessa maneira, os percursos que podem ser trilhados considerando o contexto na sociedade do capital. É considerada, também, a realidade dos estudantes que desejam ingressar no ensino superior e, dessa maneira, a cartilha apresenta as possibilidades de acesso às universidades no Estado do Ceará.

A relação da juventude com a escola e com o trabalho não está deslocada da estrutura econômica, social e política e, nas condições historicamente dadas, o modo de produção do capital impõe desafios cada vez maiores para a classe trabalhadora. De acordo com Faleiros (2008), trata-se, agora, de problemáticas para além da desestruturação do trabalho, uma vez que o risco é a barbárie da exploração e das guerras, da falta de cobertura para o desemprego e da implantação do Estado Mínimo que ataca os direitos conquistados e desmantela a rede de proteção social.

Nesse cenário, a juventude, sobretudo os estudantes que cursam o 3º ano do ensino médio, precisam construir suas trajetórias de vida ocupando, segundo Libâneo (2007), um espaço privilegiado de disputa societária, a escola. É na escola que se encontra, também, um lugar para produzir diálogos com a juventude na contramão do capital e, portanto, ela se constitui enquanto espaço de produção da esperança.



unidade 1

O que é trabalho?

O cotidiano nos revela que é possível verificarmos que estamos cercados de pessoas que trabalham e esses exemplos estão presentes na nossa vida desde muito cedo. Provavelmente no seu círculo familiar existem uma ou mais pessoas responsáveis pelo sustento da família e o dinheiro para a satisfação das necessidades cotidianas provém do trabalho. Ainda que entre as pessoas do seu convívio, colegas de classe, vizinhos, amigos e familiares existam diferenças entre tipos de trabalho e valor de salário que consequentemente impactam nas condições de vida, é importante que você se questione: essas pessoas conseguiriam sobreviver sem trabalhar?

Caso a resposta para a pergunta acima seja negativa, todas as pessoas que você conhece pertencem a classe trabalhadora, portanto, somente conseguem sobreviver na sociedade a partir da venda da sua força de trabalho. Compreender esse ponto é fundamental para percebermos que, mesmo que ao exercer determinadas profissões alguns indivíduos tenham melhores remunerações, ainda assim a necessidade de trabalhar nos aproxima enquanto classe trabalhadora e, fundamental para nós trabalhadores, é entender o trabalho para além do seu significado na sociedade do capital.



Entendemos o trabalho como a sociedade capitalista o apreendeu, enquanto mercadoria. Historicamente com a superação da sociedade feudal, o impacto das Revoluções Liberais e o início do desenvolvimento da indústria, o exercício de um ofício não mais vinculava-se à subsistência; além disso, o trabalhador foi, cada vez mais, afastado do processo integral da fabricação do produto. Com a Revolução Industrial a burguesia domina a matéria prima, os meios de produção e o produto do trabalho, restando ao trabalhador a venda da sua força de trabalho. No livro *A História da Riqueza do Homem*, Huberman resume as fases da organização industrial.

unidade 1: O que é trabalho?

Sistema familiar

Os membros de uma família produzem artigos para seu consumo, e não para a venda. O trabalho não se fazia com o objetivo de atender ao mercado. Princípio da Idade Média.

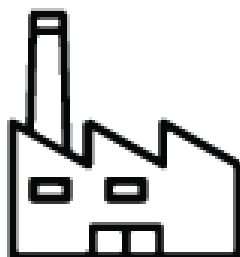


Sistema de Corporações

Produção realizada por mestres artesãos independentes, com dois ou três empregados, para o mercado, pequeno e estável. Os trabalhadores eram donos tanto da matéria-prima que utilizavam como das ferramentas com que trabalhavam. Não vendiam o trabalho, mas o produto do trabalho. Durante toda a Idade Média.

Sistema doméstico

Produção realizada em casa para um mercado em crescimento, pelo mestre artesão com ajudantes, tal como no sistema de corporações. Com uma diferença importante: os mestres já não eram independentes; tinham ainda a propriedade dos instrumentos de trabalho, mas dependiam, para a matéria-prima, de um empreendedor que surgira entre eles e o consumidor. Passaram a ser simplesmente tarefeiros assalariados. Do século XVI ao XVIII.



Sistema fabril

Produção para um mercado cada vez maior e oscilante, realizada fora de casa, nos edifícios do empregador e sob rigorosa supervisão. Os trabalhadores perderam completamente sua independência. Não possuem a matéria-prima, como ocorria no sistema de corporações, nem os instrumentos, tal como no sistema doméstico. A habilidade deixou de ser tão importante como antes, devido ao maior uso da máquina. O capital tornou-se mais necessário do que nunca. Do século XIX até hoje.

(HUBERMAN, 1986, p. 125, 126)

unidade 1: O que é trabalho?

Considerando os modos pelos quais fomos socializados com o trabalho é difícil imaginar como percebê-lo desvinculado da necessidade em ganhar dinheiro. Por exemplo, quando você pensa em trabalho logo vem à mente o seu momento de realização humana ou a sua oportunidade de conquistar bens materiais?

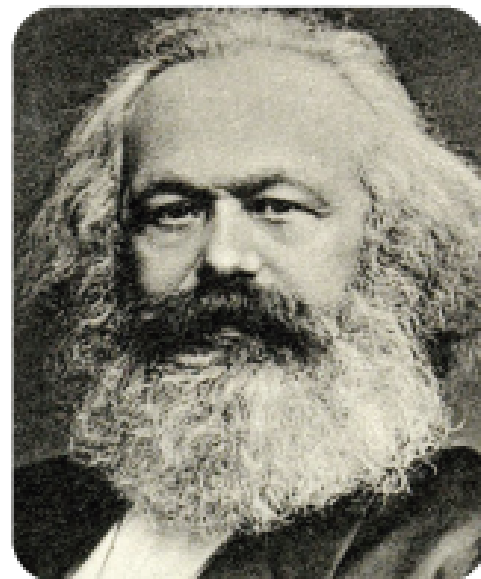
Mas, se o trabalho na sociedade capitalista se mostra como um objeto que o trabalhador necessita vender para sua sobrevivência, é possível compreendê-lo de uma outra maneira? SIM. É possível pensar o trabalho a partir de uma outra perspectiva, que o aprenda enquanto categoria central na formação do ser humano a partir da perspectiva omnilateral.

O trabalho na perspectiva onto- histórica

Para tentarmos compreender o trabalho de um modo diferente do qual a sociedade do capital nos apresenta, é imprescindível recorrermos a Karl Marx, que concebe uma nova forma de estudo sobre a natureza do ser social, o que se chama de ontologia. Marx inaugura, então, uma visão onto-histórica do ser humano composta por três esferas: a esfera inorgânica que abarca os elementos que nos compõem, como a água, o ar e os minerais; a esfera natural que nos define enquanto seres vivos e a esfera social caracterizada pela produção de algo novo pelo ser humano, nesse sentido podemos citar, por exemplo, o trabalho e a educação.

Considerando isto, Marx compreende o trabalho como:

um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e, ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1983, p. 149).



unidade 1: O que é trabalho?

A citação acima revela uma outra forma de compreender o trabalho que não mais pertence somente à esfera do emprego, mas revela-se enquanto atividade vital por meio da qual o ser humano produz e reproduz a sua vida. Marx evidencia que, pelo trabalho, o ser humano estabelece uma relação com a natureza, produz ferramentas e os meios para sua subsistência, mas há nesse trabalho algo que difere o humano de outros animais, a presença da consciência. Antes de realizar o trabalho o ser humano idealiza a melhor maneira de realizá-lo, utilizando a consciência nesse processo.

Essa perspectiva onto- histórica de entender o trabalho contrasta com a visão capitalista em que o trabalhador é afastado do processo e do resultado do seu trabalho de forma consciente. O trabalho responsável pela humanização do ser humano, agora o aliena. Através do trabalho o homem tem a chance de se desenvolver, uma vez que ele interage de modo reativo com o mundo, transformando-o de maneira consciente. O homem consegue desvincular-se da espécie animal ao alcançar um grau de desenvolvimento que o eleva para o gênero humano. Compreende-se que o homem necessita produzir sua vida na natureza, tal como os demais animais. Entretanto, diferente dos outros animais, o homem age sobre a natureza modificando-a e adaptando-a às suas necessidades, diferente dos animais que se adaptam à natureza.

Desse modo, se considerarmos o trabalho como uma atividade humana na natureza em função das suas necessidades, podemos afirmar que a essência do homem é o trabalho. (SAVIANI, 2007)

A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. (SAVIANI, 2007, p 154)

Além disso, em *Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos*, Saviani aponta também a importância e a estreita relação entre trabalho e educação uma vez que, se o que torna o homem é o modo pelo o qual ele age sobre a natureza, sendo a sua existência algo que necessita ser produzida, o homem necessita aprender a ser homem e, é nesse sentido que a educação faz parte da gênese homem. Os homens aprendem a produzir sua existência no e pelo trabalho e ensinam as novas gerações.

Também podemos trazer outra contribuição de Demerval Saviani e Newton Duarte em *A Formação humana na perspectiva histórico-ontológica*, no qual os autores analisam a relação do homem com a educação afirmando, inicialmente, que a educação seria uma impossibilidade se o homem fosse considerado a partir do aspecto determinista e natural.

unidade 1: O que é trabalho?

No contexto em que a liberdade do homem é central e, portanto, ele consegue agir para transformar ou mesmo conformar uma situação, ele seria capaz de educar uns aos outros. Partindo da consciência, o homem reconhece seu lugar, comunica-se com os outros e faz suas próprias escolhas. Para Marx o que torna o ser humano uma espécie distinta de outros animais é o trabalho que é uma atividade humana consciente, capaz de objetivar-se em produtos que satisfazem as necessidades. Entretanto, as necessidades humanas se ampliam ultrapassando as demandas de sobrevivência, alcançando as necessidades propriamente sociais. (SAVIANI E DUARTE, 2010)

Finalmente, compreendendo o trabalho como central na formação do ser humano, devemos questionar todo sistema econômico e social em que esse trabalho na verdade é uma mercadoria e se realiza de maneira alienante e exploratória. Como nos indica Frigotto e Ciavatta (2011) é preciso que, desde a infância, o sujeito tenha a consciência de que a subsistência provém do trabalho e, portanto, não deve haver indivíduos que sobrevivam do trabalho explorado de outros. Para os jovens que ainda estão iniciando os percursos pelo trabalho a oportunidade de entender que o trabalho pode ser criativo, livre e consciente significa avistar um horizonte de mudanças, de não conformação com a realidade social posta que, por vezes, se apresenta como natural e imutável.



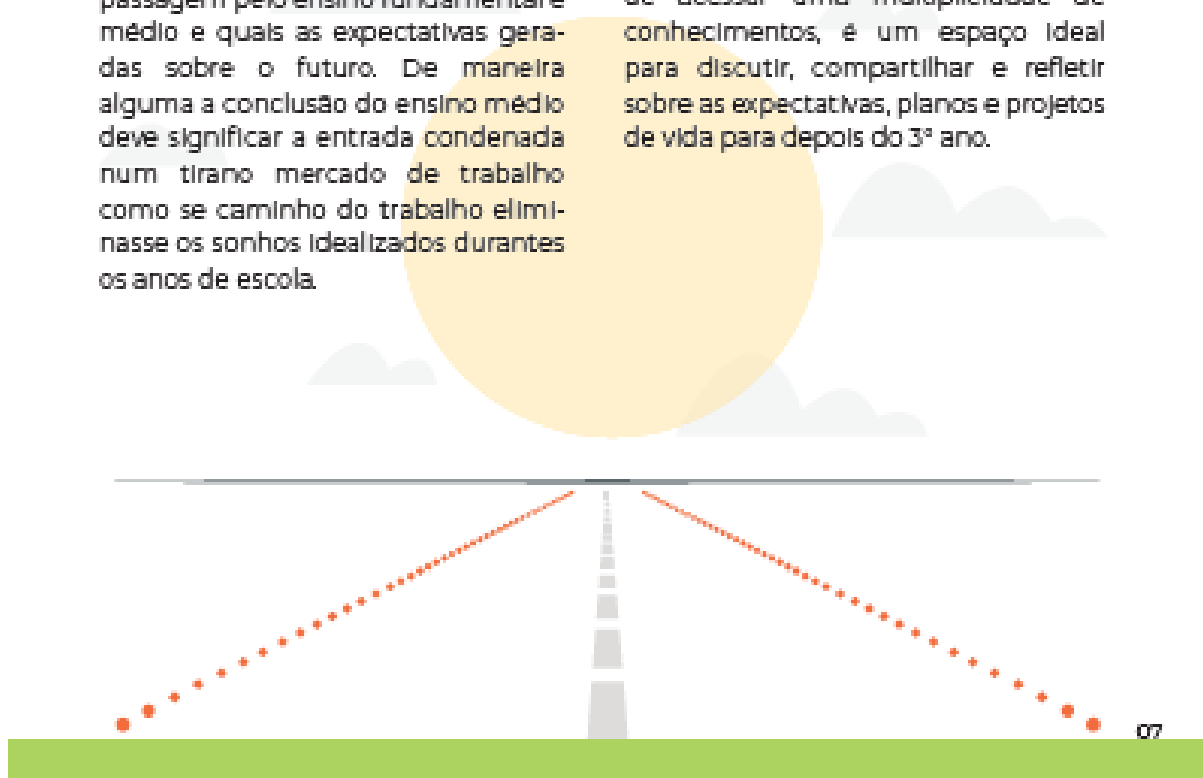
unidade 2

Diferentes realidades, diversos caminhos

A última etapa da educação básica coloca os jovens diante de uma decisão que irá impactar os percursos da vida: trabalhar ou continuar estudando? Entretanto, essa decisão não depende, apenas, da vontade dos jovens estudantes e, muitas vezes, as condições econômicas e sociais são determinantes para a tomada de uma decisão.

É preciso estarmos conscientes do local do qual pertencemos e, desse modo, conhecermos quais as condições reais de existência, quais os sentidos atribuídos aos estudos durante a passagem pelo ensino fundamental e médio e quais as expectativas geradas sobre o futuro. De maneira alguma a conclusão do ensino médio deve significar a entrada condenada num tirano mercado de trabalho como se caminho do trabalho eliminasse os sonhos idealizados durante os anos de escola.

A frase "acabou a folga de somente estudar, agora é trabalhar, é a vida real." não deve soar como uma condenação, afinal, os estudantes são bem mais que alunos em sala de aula. Existem na realidade dos jovens inúmeras experiências familiares, comunitárias, afetivas que constroem o jovem para além de um estudante. Portanto, estar presente numa sala de aula por algumas horas do dia não pode determinar a sua totalidade. Sendo assim, o encerramento desse ciclo não deve significar a suspensão dos sonhos. Na verdade, o que se tem na escola, além da possibilidade de acessar uma multiplicidade de conhecimentos, é um espaço ideal para discutir, compartilhar e refletir sobre as expectativas, planos e projetos de vida para depois do 3º ano.



unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Compartilhar e refletir sobre os caminhos que serão percorridos após o ensino médio ajuda a compreender quais as condições reais que separam os sonhos das metas, auxilia a conhecer quais as alternativas possíveis diante de determinadas realidades e, sobretudo, permite que se comece a enxergar a conclusão desse ciclo como uma nova fase da vida e não uma sentença em que o que for decidido nos últimos dias de aula será levado para toda a vida. É certo que a juventude traz consigo alguns momentos importantes e consequentemente ambíguos, conflitantes e confusos e nesses momentos são colocadas em evidência as relações com a

família, com os amores, com os amigos e consigo mesmo.

No momento em que se está passando por esse turbilhão de emoções é necessário ainda conviver em um ambiente repleto de outros jovens com subjetividades e experiências diferentes e, nesse mesmo local que se apresenta como a grande oportunidade da vida, a escola, é também cobrado sobre o que se quer ser. Questiona-se sempre aos jovens estudantes: o que você vai ser depois da escola? A pergunta determina um tempo limite para decidir sobre o futuro, além de anular toda a existência do indivíduo até aquele momento. Afinal se eu ainda serei alguém, significa que eu não sou?

“AmarElo Emicida

Presentemente eu posso me
Considerar um sujeito de sorte
Porque apesar de muito moço
Me sinto são, e salvo, e forte

E tenho comigo pensado
Deus é brasileiro e anda do
meu lado
E assim já não posso sofrer
No ano passado

*Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro*

*Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro*



unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo?
A fome
Pra arregaçar como um ciclone
(Entendeu?)
Pra que amanhã não seja só
um ontem
Com um novo nome
O abutre ronda
Ansioso pela queda (Sem sorte)
Findo mágoa, mano
Sou mais que essa merda (Bem
mais)
Corpo, mente, alma, um, tipo
Ayurveda
Estilo água, eu corro no meio
das pedra
Na trama tudo os drama turvo
Eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama
Enquanto inflama o mundo
Sem melodrama, busco grana
Isso é Hosana em curso
Capulanas, catanas
Buscar nirvana é o recurso
É um mundo cão
Pra nóiz perder não é opção,
certo?
De onde o vento faz a curva
Brota o papo reto
'Num deixo quieto
Não tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão
quem
Riu de nóiz sem teto (vai!)

*Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
(Eu preciso culdar de mim)
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
(Esse ano eu não morro)*

*Tenho sangrado demais
(Demais)
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro*

*(Belchior tinha razão)
Ano passado eu morri (Hey!)
Mas esse ano eu não morro
Figurinha premiada, brilho no
escuro*

*Desde a quebrada, avulso
De gorro alto do morro e os
camarada tudo
De peça no forro e os piores
impulsos
Só eu e Deus sabe
O que é 'num ter nada, ser
expulso
Ponho linhas no mundo
Mas já quis pôr no pulso
Sem o torro, nossa vida não vale
A de um cachorro triste
Hoje cedo não era um hit
Era um pedido de socorro
Mano, rancor é igual tumor,
envenena raiz
Onde a plateia só deseja ser
feliz*

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Com uma presença aérea
Onde a última tendência é
depressão
Com aparência de férias
Vovó diz, odiar o diabo é mó boi
(Mó boi)
Difícil é viver no inferno, e vem
à tona
Que o mesmo império canalha
que não te leva a sério
Interfere pra te levar à lona
Revide!

*Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro*

*Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
Ano passado eu morri (Val)
Mas esse ano eu não morro*

Permita que eu fale, e não as
minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes, não,
melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
Permita que eu fale, e não as
minhas cicatrizes
Tanta dor rouba nossa voz, sabe
o que resta de nós?
Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as
minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me
resumir à sobrevivência
É roubar um pouco de bom
que vivi
Por fim, permita que eu fale,
não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me
definem é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e
fazer nóiz sumir

*Tenho sangrado demais
(Fale!)*
*Tenho chorado pra cachorro
(Belo é o sol que invade a cela)*
*Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro
(Liberdade, irmão!)*
*Tenho sangrado demais
(Demais)*
*Tenho chorado pra cachorro
(Mals importante que nunca)*
*Ano passado eu morri
(Mas e aí?)*
Mas esse ano eu não morro
Tenho sangrado demais
*Tenho chorado pra cachorro
(Tenho chorado demais)*
(A rua é nóiz)
Ano passado eu morri (E aí?)
Mas esse ano eu não morro
*Tenho sangrado demais
(Demais)*

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

*Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro*

*Aí, maloqueiro! Aí, maloqueira!
Levanta essa cabeça
Enxuga essas lágrimas, certo?
(Você memo!)*
*Respira fundo e volta pro
ringue (Vai)*

*Cê vai sair dessa prisão
Cê vai atrás desse diploma
Com a fúria da beleza do sol,
entendeu?*
*Faz isso por nóiz
Faz essa por nóiz (Vai)*
*Te vejo no pódio
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro*

**“Vencer é muito mais que ter
dinheiro. Esses jovens querem
reescrever a história desse país”.**

Na plataforma de streaming Netflix está disponível o documentário “AmarElo- é tudo para ontem” de Emicida. O documentário discute importantes pontos sobre a história do Brasil, a formação da cultura negra, do movimento da juventude e sobre o cenário da pandemia do COVID 19.

 unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos**Para refletir e compartilhar...****O que eu sei que eu sou**

As nossas experiências, nossos planos, nossa subjetividade e as pessoas que compartilham a vida conosco fazem de nós o que somos. Independente dos caminhos trilhados a partir da conclusão do ensino médio, é certo que ser alguém independente de qual rumo será traçado nessa jornada que não há uma data certa para o fim. A construção de si é dada cotidianamente. Como ponto de partida que norteia todas as decisões importantes da vida é necessário conhecer a si mesmo, portanto como exercício reflexivo é sugerido que cada um construa uma pequena autobiografia tendo como referência o modelo abaixo.

sobre mim	
Uma meta para depois do 3º ano	
Um sonho para a vida	
Uma frase que me inspira	



**unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos**

*Há quem diga que todas as noites
são de sonhos.*

*Mas há também quem garanta
que nem todas, somente as de verão.
Mas no fundo isso não tem muita
importância.*

*O que interessa mesmo não são
as noites em si, são os sonhos.
Sonhos que o homem sonha sempre.
Em todos os lugares, em todas as
épocas do ano, dormindo ou acordado.*

*William Shakespeare
(1564-1616)*

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

2.1 Preciso trabalhar, e agora?

No primeiro momento deste material, abordamos o conceito de trabalho a partir da perspectiva ontológica, sendo ele uma atividade humana de produção e reprodução da vida material e uma categoria mediadora e estruturante do ser social. Nesse sentido, ele seria um momento de experimentação e aprendizado tendo por base o seu princípio educativo. (MARX, 1983; LUCKÁCS, 1979).

Entretanto, na sociedade do capital, o trabalho é um instrumento que o trabalhador necessita vender, sob a égide da exploração e precarização, para sobreviver em um contexto contraditório de produção de riqueza e pobreza e, consequentemente, de aumento da desigualdade. É importante pontuar que a escola sozinha não é capaz de fazer mudanças que superem a sociedade do capital, sobretudo se for considerado que ela está inserida nesse contexto social e contribui para a legitimação das desigualdades sociais.

Contudo é preciso vislumbrar caminhos na contramão dos interesses do capital. Como pontua Mészáros (2015) são necessárias práticas educacionais que possibilitem

a construção de uma sociedade que supere a educação para o trabalho alienante. A alternativa está em uma educação libertadora em que o trabalhador age politicamente para a transformação do mundo.

Tendo isso em vista e considerando o contexto social de parte dos estudantes da escola pública que, após a conclusão do 3º ano do ensino médio necessitam ingressar no trabalho como condição de sobrevivência, recai para aqueles que compõem a escola o papel contraditório de assumir práticas educativas que visem a superação do capital ou preparar o filhos da classe trabalhadora para o mercado de trabalho. Importante salientar que esse mercado de ideologia neoliberal baseia-se na lógica da



unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

competência para empregabilidade, exigindo do trabalhador a busca constante por qualificação, dessa maneira, recai sobre aquele que trabalha a responsabilidade de estar ou não empregado. Todavia, como afirma Kuenzer (2002), essas são estratégias para excluir o trabalhador do acesso ao emprego com direitos e mantê-lo no mercado de trabalho precarizado.

Vivemos sob condições de uma desumanizante alienação e de uma subversão fetichista do real estado de coisas dentro da consciência (muitas vezes caracterizada como "reificação") porque o capital não pode exercer suas funções sociais metabólicas de ampla reprodução de nenhum outro modo. Mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social. (MÉSZÁROS, 2015, p. 59)

Se a educação na sociedade capitalista legitima os interesses das classes dominantes, invariavelmente todas as ações educativas que objetivam a emancipação humana serão contraditórias quando realizadas no contexto do capitalismo. Se o conhecimento acerca de uma nova perspectiva em torno do trabalho, situada histórica, política e socialmente permite ao trabalhador vislumbrar um novo horizonte para a realização humana,

as condições objetivas e reais da atualidade exigem o acesso ao emprego para garantir as mínimas condições de sobrevivência. Nesse sentido, assume-se a contraditoriedade desse material que se ocupa em refletir com aqueles que integram a escola pública sobre um outro sentido do trabalho enquanto que, também, necessita atentar-se para as demandas da juventude no contexto do capitalismo no século XXI.

O novo contexto do capitalismo é marcado pela reestruturação econômica a partir dos anos de 1990 quando, de acordo com Harvey (1992), surgem as Ideologias de "livre comércio e liberdade individual", privatizações, descentralização e abertura do mercado para o capital estrangeiro. Nesse contexto a classe trabalhadora sofre as consequências através do desemprego, terceirização, subcontratação, precarização e, sobretudo, perda dos direitos sociais e trabalhistas. (ANTUNES, 1997)

O novo mercado de trabalho, tendo como referência o modelo de produção taylorista passa a exigir um perfil de trabalhadores polivalentes e flexíveis (ANTUNES, 2005), além de criar, também, uma infinidade de competências essenciais para a inserção no mercado de trabalho competitivo. Inserida nesse contexto está a juventude que inicia as incursões no campo do trabalho por vezes com poucas experiências e com a necessidade financeira de manter o seu sustento ou de contribuir com a renda da família.

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Se o desemprego estrutural que afeta todos os trabalhadores, sejam eles experientes e "competentes" sejam trabalhadores mais jovens que anseiam por uma oportunidade, não pode ser solucionado a partir de ações desenvolvidas na escola, tampouco baseado nos esforços individuais, uma vez que a existência do exército industrial de reserva é um dos alicerces de manutenção do próprio modo de produção capitalista. A discussão em torno das possibilidades de construção de trajetórias dignas para a juventude da escola pública parece entrar novamente em um caminho sem saída.

Enquanto projeto, enquanto desenho do "mundo diferente", menos feio, o sonho é tão necessário aos sujeitos políticos, transformadores do mundo e não adaptáveis a ele, quanto, permita-se-me a repetição, fundamental é, para o trabalhador, que projete em seu cérebro o que vai executar antes mesmo da execução. (FREIRE, 1997, p. 47)

Podemos recorrer a Freire (1997, p.47) quando diz que "Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança" (p. 47).

portanto se, por hora, não é possível uma mudança estrutural, a partir de pequenas ações educativas, é importante acreditar que essas práticas podem significar transformações coletivas.

Desse modo, aposta-se no protagonismo da juventude em construir trajetórias possíveis mesmo em meio as iniciativas do capital em manter a classe trabalhadora à margem do sistema de garantias de direitos. Um dos instrumentos disponíveis para os trabalhadores e para os filhos da classe trabalhadoras buscarem condições dignas de trabalho é o conhecimento acerca dos percursos que podem ser traçados a partir da conclusão do ensino médio.



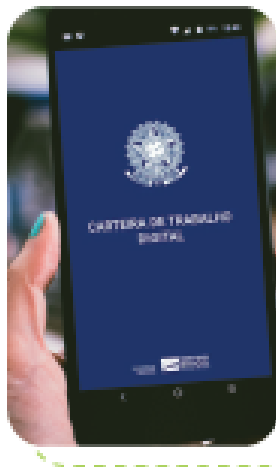
unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

As relações de trabalho no capitalismo

O modo de produção capitalista abarca diferentes relações de trabalho. É importante pontuar que, dentre elas, possuem aquelas em que os vínculos de trabalho são fragilizados e outras em que há maiores garantias trabalhistas.

Trabalhador Assalariado	Trabalhador Autônomo	Trabalhador Cooperado
O trabalhador assalariado ou empregado de acordo com o artigo 3º da Consolidação das Leis do Trabalho é o trabalhador que mantém vínculo com o empregador tendo como instrumento de referência a carteira de trabalho.	O trabalho autônomo se materializa pelo contrato individual de trabalho que não gera vínculo empregatício, entretanto ao final de cada período de prestação de serviço o trabalhador tem direito a remuneração, férias e 13º proporcionais e repouso semanal remunerado de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho. É importante pontuar que o trabalhador autônomo pode contribuir com o Instituto Nacional de Seguro Social – INSS através da inscrição como contribuinte individual no Programa de Integração Social- PIS.	O trabalhador cooperado está associado a uma cooperativa de mesmas que compartilha da mesma profissão ou da mesma classe e a prestação de serviço se dá por intermédio da cooperativa. É importante pontuar que o trabalhador cooperado não possui estatuto de empregado de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho, entretanto, a cooperativa deve repassar uma contribuição dos trabalhadores para o Instituto Nacional de Seguro Social – INSS.

unidade 2 : Diferentes realidades, diversos caminhos



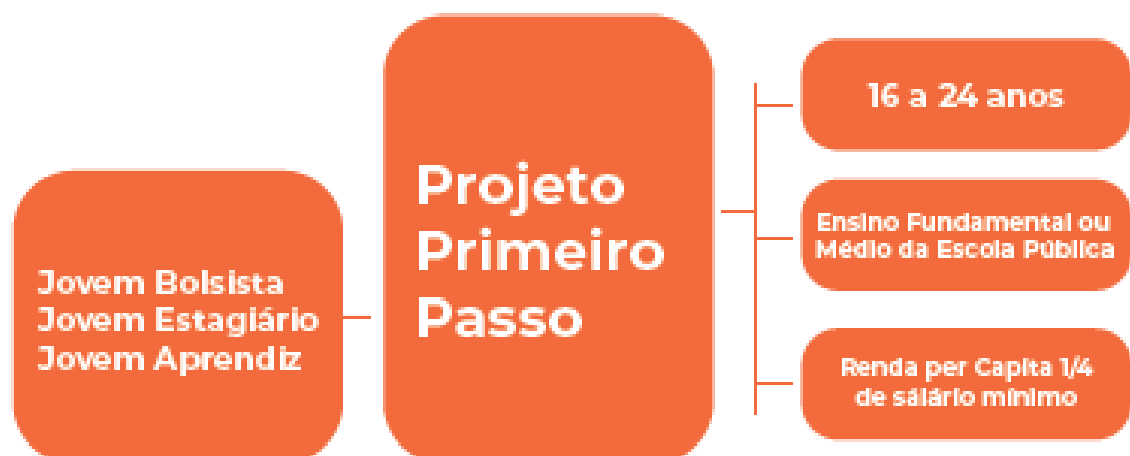
A carteira de trabalho é um instrumento fundamental para o trabalhador, pois permite o acesso a direitos trabalhistas como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço- FGTS) e aposentadoria, por exemplo. Atualmente a CTPS física está sendo substituída pelo modelo virtual que pode ser solicitada pelo link <https://servicos.mte.gov.br/>). Também é importante saber que alguns documentos são fundamentais para acessar direitos e benefícios sociais como:

- Carteira de Identidade
- Cadastro de Pessoas Físicas
- Título de Eleitor

Essa relação de trabalho permite ao trabalhador o acesso à férias, 13º salário, licença maternidade, aviso prévio e ao seguro desemprego. No contexto do modo de produção capitalista esse vínculo garante maiores benefícios ao trabalhador.

Os caminhos possíveis para o primeiro emprego

O Estado do Ceará conta com uma iniciativa que visa promover a capacitação e a inserção dos jovens no trabalho, o Projeto Primeiro Passo (PPP). O projeto foi implantado no Ceará em 2007 e realiza-se através da Secretaria do Trabalho e Desenvolvimento Social- STDS.



unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Feiras de emprego

As feiras de empregos são eventos que oferecem aos estudantes o conhecimento sobre empresas e profissões. Esses eventos são organizados por universidades, centros de integração empresa/escola e pelo conjunto de organizações que compõem o Sistema S – SENAI, Sesi, SENAC, SESC.

Dentre essas instituições é válido mencionar o Centro de Integração Empresa Escola- CIEE que conta com programas de aprendizagem e estágio. É possível realizar o cadastro na plataforma virtual do CIEE pelo link:

<https://web.ciee.org.br/estudante/novo-cadastro-basko?v=2>

Você sabia?

No site do Ministério do Trabalho e Emprego existe um documento que apresenta informações sobre as profissões brasileiras chamado de Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). O documento pode ser acessado pelo link <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>

Compartilhando experiências

O mundo do trabalho para os filhos da classe trabalhadora geralmente se inicia bem antes da conclusão da educação básica, seja por demandas em contribuir com a renda familiar ou por necessidade em possuir dinheiro para comprar aquilo que deseja. De todo modo, muitos jovens já possuem experiências na realização de algum trabalho e o compartilhamento dessas vivências pode auxiliar aqueles que ainda não iniciaram esse percurso a compreender os desafios dessa etapa. Portanto, os jovens são convidados a construir o Trabalho: o Mural das Experiências.

Em uma roda de conversa, os estudantes que trabalham ou já vivenciaram alguma experiência no mundo laboral devem falar sobre o assunto a partir de algumas perguntas norteadoras e, desse modo, construir um mural que consiga reunir os principais pontos debatidos no momento da conversa.

- Como você procurou o primeiro trabalho?
- Você se sente ou sentiu realizado nessa experiência?
- Como essa experiência foi importante para você?



unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos



Luta de classes Cidade Negra

Tudo que eu posso ver é essa
neblina
Cobrindo o entardecer em cada
esquina
Tudo que eu posso ver é essa
fumaça
Cobrindo o entardecer em cada
vidraça

Mas eu quero te contar os fatos
Eu posso mostrar fotos pra
você
É só ter um pouco mais de tato
Que fica claro pra você
Desde a antiguidade
As coisas estão assim, assim
Os homens não são iguais,
não são
Não são iguais, enfim!

Dai toda essa história
Dai a história surgiu
Escravos na Babilônia
Trabalhador no Brasil

Tudo que eu posso ver é essa
neblina
Cobrindo o entardecer em cada
esquina
Tudo que eu posso ver é essa
fumaça

Cobrindo o entardecer em cada
vidraça

Mas veio o ideário
Da tal revolução burguesa
Veio o ideário, veio o sonho
socialista
Veio a promessa de igualdade e
liberdade
Cometas cintilantes que se
foram pela noite
Existirão enquanto houver um
maior!

Dai é que veio a história
Dai a história surgiu
Escravos na Babilônia
Trabalhador no Brasil

Do antigo Egito à Grécia e
Roma
Da Europa feudal
Do mundo colonial
Do mundo industrial
Na Rússia stanilista e Wall
Street
Em Cuba comunista
E no Brasil?
E no Brasil, hein?

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Daf é que vem a história
Daf é que o homem serviu
Escravo, pária, servo
Trabalhador no Brasil

Daf é que veio a história
Daf a história surgiu
Escravo na Babilônia
Trabalhador no Brasil

Baixada!
(Essa neblina)
Chega junto, baixada!
(Essa esquina)

Cobrindo o entardecer em cada
esquina
Tudo o que eu posso ver é essa
fumaça
Cobrindo o entardecer em cada
vidraça



unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

2.2 Continuando os estudos após o Ensino Médio

Dentre os caminhos possíveis para os jovens estudantes após a conclusão do ensino médio também está a possibilidade de ingressar em uma universidade ou curso técnico e profissionalizante para prosseguir os estudos. Essa alternativa pode ser acompanhada ou não do ingresso simultâneo no mundo do trabalho e, as condições objetivas da família podem determinar essas escolhas.

Assume-se que o acesso às instituições de ensino superior ainda não encontra-se democratizado. Entretanto, conseguir continuar estudando após a conclusão da etapa básica da educação pode significar melhores condições de vida para a classe trabalhadora. É importante salientar que "a educação não é o único passaporte para o emprego, mas permanece como requisito capaz de evitar os piores constrangimentos impostos pela marginalização juvenil" (POCHAMNN, 2007, p. 40)

É fundamental o papel ativo do estudante para a decisão em relação a sua trajetória após o ensino médio, uma vez que a realidade não é autodeterminada. Desse modo, ainda que as oportunidades pareçam escassas, é possível traçar metas para um futuro.

Se o acesso ao mundo do trabalho parece tortuoso e, por vezes, quase inalcançável para a juventude trabalhadora egressa da escola pública, optar por continuar estudando também carrega alguns desafios. É preciso pontuar que, ainda que as dificuldades em acessar a universidade seja pelas condições socioeconômicas ou pelo número de vagas incompatível com as demandas, existem problemáticas próprias da constituição da educação básica no Brasil que distanciam os filhos da classe trabalhadora de uma trajetória acadêmica.

Historicamente, o Ensino Médio no Brasil enfrenta a dualidade entre ofertar uma formação geral ou ensino propedêutico que prepara para a continuidade dos estudos em nível superior -este destinado às classes dirigentes, e a preparação para o trabalho, destinada aos filhos da classe trabalhadora. (KUENZER, 2000).

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

A separação entre instrução e trabalho, a discriminação entre a instrução para os poucos e o aprendizado do trabalho para os muitos, e a definição da instrução "institucionalizada" como institutio oratoria, isto é, como formação do governante para a arte da palavra entendida como arte de governar (o "dizer", ao qual se associa a arte das armas, que é o "fazer" dos dominantes); trata-se, também, da exclusão dessa arte de todo indivíduo das classes dominadas, considerado um "charlatão demagogo", um meduti. A consciência da separação entre as duas formações do homem tem a sua expressão literária nas chamadas "sátiras dos ofícios". Logo esse processo de inculturação se transforma numa instrução que cada vez mais define o seu lugar como uma "escola", destinada à transmissão de uma cultura livresca codificada, numa áspera e sádica relação pedagógica. (MANACORDA, 1989, p. 356)

Certamente, o acesso a níveis de educação superior a educação básica não se configuram, isoladamente, como garantias de ascensão social. Entretanto o acesso à educação pode

representar a ampliação das possibilidades de reprodução da vida social, novas vivências e relações sociais. De acordo com Pochmann (2007), é fundamental o fortalecimento da distribuição de renda, do crescimento socialmente justo e de melhores conjunturas educacionais e culturais para que os jovens tenham a possibilidade de construir um futuro. No contexto atual, a escolaridade, a experiência profissional, a certificação e o acesso a informação têm um grande significado na busca de um emprego. (CORROCHANO, 2007).

A trajetória da juventude no Brasil é permeada por problemáticas que incidem na construção dos seus projetos de vida, se o objetivo é o acesso ao trabalho o mais rápido possível, encontra-se um cenário de crise estrutural do trabalho; se a demanda é por dar continuidade aos estudos, as condições de acesso ao ensino superior ou técnico colocam em situação desigual os estudantes do ensino público e particular que disputam uma vaga. Além disso, as condições objetivas da família acabam por dificultar a dedicação exclusiva a fase acadêmica. É possível que uma das alternativas para a juventude, considerado o modo de produção capitalista, seja a implementação de políticas públicas voltadas para a geração de oportunidades e capacitação para o ingresso do trabalho e de, sobretudo garantia de acesso a quaisquer níveis de educação.

unidade 2 : Diferentes realidades, diversos caminhos

Conhecendo as possibilidades para continuar estudando

» ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

O que é?

O Enem é uma prova realizada anualmente e que possibilita o ingresso no ensino superior. A prova é gratuita para estudantes matriculados no 3º ano do ensino médio e para aqueles que comprovem situação de vulnerabilidade econômica.

Qual o conteúdo?

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Matemática e suas Tecnologias

Ciências Humanas e suas Tecnologias

Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Quando ocorre?

Geralmente a prova ocorre entre outubro e novembro, mas as inscrições são feitas antecipadamente de maneira virtual.

» SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA- SISU

O SISU é um sistema de seleção no qual universidades públicas ofertam vagas para aqueles que fizeram o ENEM. Algumas universidades determinam nota mínima para concorrer a uma vaga, entretanto todas exigem que o candidato não tenha zerado a redação.

» PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS- PROUNI

O PROUNI permite que os candidatos concorram a vagas em universidades particulares oferecendo bolsas de estudos parciais e integrais. Um dos critérios para acesso às bolsas integrais, além da nota, é a comprovação da renda familiar de até um 1/5 de salário mínimo e para bolsas parciais a renda familiar é de até 3 salários mínimos.

» FUNDO DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL - FIES

O fundo de financiamento estudantil é um programa de financiamento da graduação que funciona como um empréstimo com juros baixos. O estudante pode solicitar o empréstimo em qualquer período do ano.

<https://sisfiesportal.mec.gov.br/index.php?pagina=inscricao>

unidade 2: Diferentes realidades, diversos caminhos

Universidades Públicas no Ceará

Universidade Federal do Ceará UFC

ENEM/ SISU

UFC VIRTUAL oferta educação a distância e tem polos de apoio em diversas cidades sendo a forma de ingresso por ENEM/SISU.

Universidade Estadual do Ceará UECE

Vestibular próprio duas vezes por ano para cursos presenciais

Vestibular para cursos na modalidade distância

ENEM /SISU

A UECE/ UAB tem polos em diversas cidades cearenses e oferece uma variedade de cursos, sobretudo de licenciatura. A forma de ingresso é por vestibular. <http://www.uece.br/ata/>

Universidade Vale do Acaraú UVA

ENEM/ SISU

Universidade Regional do Cariri URCA

Vestibular próprio

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE

ENEM/ SISU

Cursos Técnico Subsequente

processo seletivo específico

O IFCE também conta com a modalidade de educação a distância através do Centro de Referência em Educação a Distância (CREaD). A forma de ingresso é através de edital específico.

Universidade Federal do Cariri UFCA

ENEM/ SISU

Universidade de Integração Internacional de Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

ENEM/ SISU

unidade 2 : Diferentes realidades, diversos caminhos

Cursos preparatórios para o vestibular

Academia ENEM	O Curso é oferecido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza preferencialmente aos alunos que concluíram o ensino médio ou estão cursando o 3º ano na escola pública. As inscrições são realizadas virtualmente pelo link https://portaldajuventude.fortaleza.ce.gov.br/academiaenem/sobre.html . As aulas ocorrem aos finais de semana, portanto fica mais fácil de encaixar na rotina dos estudantes que necessitam trabalhar.
SESC Pré Universitário	O Serviço Social do Comércio também oferece curso preparatório para o ENEM gratuitamente para estudantes da escola pública que comprovem renda familiar de até três salários mínimos. A primeira etapa de inscrição ocorre de maneira virtual, sendo necessária a confirmação presencialmente. As aulas ocorrem semanalmente à noite.
Pré Vestibular Paulo Freire UFC	A Universidade Federal do Ceará oferta no prédio da Faculdade de Direito um curso preparatório para o vestibular e ENEM destinado, prioritariamente, aos alunos de escola pública. O curso exige uma contribuição mensal de R\$ 25,00 para os custos com material didático. As inscrições ocorrem de maneira virtual através do preenchimento do formulário eletrônico. É possível acompanhar o andamento das inscrições pela página nas redes sociais https://www.instagram.com/cursopaulofreire/?hl=pt-br
TRANSPASSANDO	O curso preparatório para o ENEM Transpassando é um programa da Universidade Estadual do Ceará voltado, prioritariamente para o público LGBTQIA+. As aulas ocorrem de segunda a sexta no período vespertino no Centro de Humanidades da UECE. Para acompanhar informações sobre o projeto é interessante acompanhá-los na redes sociais https://www.instagram.com/transpassando/
Projeto Alcance ENEM	O Alcance ENEM é um projeto desenvolvido pela Escola de Ensino Superior do Parlamento Cearense (UNIPACE) que oferta preparação gratuita para o ENEM voltado para os estudantes da escola pública. As inscrições ocorrem virtualmente. As aulas ocorrem presencialmente aos sábados na UNIPACE- Assembleia Legislativa no horário de 8 às 12:30. O projeto também disponibiliza aulas virtuais e reprisa aulas aos domingos no canal da Assembleia Legislativa.



**Outra vez a esperança
na mochila eu ponho,
quanto tempo a gente
aindatem pra realizar
os nossos sonhos.**

Emicida

Referências

- ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 4a . ed., São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. Os sentidos do Trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CORROCHANO, Maria Carla. Trabalho e educação no tempo da juventude: entre dados e ações públicas no Brasil. In: FREITAS, Maria Virginia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil. São Paulo: Petrópolis, pp. 45-72, 2011.
- FALEIROS, Vicente. Juventude: trabalho, escola e desigualdade. Educação & Realidade, v. 33, n. 2, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 1997.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: avanços e entraves nas suas modalidades. Educação & Sociedade, [Campinas], v. 32, n. 116, p. 619-638, jul./set. 2011.
- HARVEY, D. A condição pós-moderna São Paulo: Loyola, 1992.
- HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 1986.
- KUENZER, Acacia Zeneida. O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. Educ. Soc., Campinas , ano XXI, nº 70, abr. 2000.
- _____. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. Capitalismo, trabalho e educação, v. 3, p. 77-96, 2002.
- LIBANEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LUKÁCS, György. Ontologia do Ser Social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.
- MANACORDA, Mario Alighiero. História da educação: da Antigüidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
- MARX, K. O Capital. São Paulo: Abril, Cultural, 1983. v.I.
- _____. Manuscritos econômico-filosóficos. Boitempo Editorial, 2015.
- MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. Boitempo editorial, 2015.
- POCHMANN, Márcio (2007): A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro, 2. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.



SAVIAN, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, p. 422-433, 2010.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista brasileira de educação*, v. 12, n. 34

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO E DEPOIS DO 3º? PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO

**Bruna Carneiro de Oliveira
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima**

Este documento destina-se aos responsáveis legais dos estudantes do 3º ano do ensino médio da Escola de Ensino Médio Edson Correa que serão convidados a integrar esta pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Este estudo faz parte do curso de mestrado do Programa de Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE) – campus Fortaleza e tem como justificativa a necessidade de dialogar com os estudantes do 3º ano do ensino médio em relação categoria “Trabalho” a partir da perspectiva onto-histórica, além de discutir sobre os projetos de vida após a conclusão do ensino médio. A pesquisa contará com um encontro virtual e aplicação de questionário contendo 4 perguntas. O encontro será fundamentado no *e-book* desenvolvido especialmente para abordar essa temática com os jovens estudantes, o mesmo é o resultado do produto educacional exigido neste curso de mestrado.

Procedimentos:

Intencionamos aplicar na Escola Edson Correa o encontro virtual com os alunos do 3º ano do ensino médio. O objetivo do encontro é possibilitar que os estudantes reflitam sobre o mundo do trabalho e vida acadêmica após a conclusão do ensino médio e possam ter mais clareza acerca das futuras escolhas e projetos de vida. Os dados serão coletados através de material manuscrito.

O material coletado ficará em posse apenas dos pesquisadores e ao final da pesquisa, será descartado, ficando sob a posse dos pesquisadores por um período não superior a 12 meses.

Observações:

- Os dados coletados não serão divulgados com seu nome ou imagem, toda a pesquisa contará com a descrição de sua identidade

Desconfortos e riscos:

Você **não** deve participar deste estudo caso sentir algum tipo de desconforto dentro das dependências da sala de aula ou não se sentir confortável em seguir as orientações do pesquisador, pois essa pesquisa envolve a participação em aulas que

exigem a participação do estudante e que estão inseridas no componente curricular da disciplina em que será desenvolvido o estudo.

Ao estar dentro da sala de aula, para a realização das aulas expositivas dessa pesquisa, o sujeito está exposto aos seguintes riscos:

Riscos de origem psicológica, intelectual ou emocional - ao participar da pesquisa, o estudante estará sujeito a possibilidade de:

- Constrangimento; visto que pode não se sentir confortável em responder algum questionamento do pesquisador, neste caso, haverá a possibilidade do estudante apenas escrever todas as suas conclusões, informando previamente que não se sente confortável em falar para toda a turma, seus escritos serão considerados e as anotações feitas com base no texto entregue, este risco é considerado mínimo pois o pesquisador avisará com antecedência que o estudante não será obrigado a responder caso não se sinta à vontade.
- Desconforto; este risco é considerado médio visto que estudantes em meio a grandes cobranças em outras disciplinas, podem sentir-se desconfortáveis com o pesquisador que não é o professor titular da disciplina, neste caso o estudante deverá avisar que não deseja participar da pesquisa.
- Medo ou Vergonha; este risco é considerado moderado visto que é normal sentir vergonha de falar em público, neste caso o pesquisador deverá ser avisado que o estudante deseja participar da pesquisa apenas com seus dados escritos, o pesquisador não fará perguntas e todos os dados vindo deste estudante serão coletados de seus escritos
- Quebra de anonimato; este risco é considerado mínimo, posto que o pesquisador irá anexar todos os documentos de cada estudante separadamente, e seus nomes serão retirados para a análise, sendo assim, o pesquisador saberá que os documentos pertencerão a uma mesma pessoa, mas não saberá que é.

Riscos de origem física - o estudante pode sentir problemas físicos como:

- Desconforto físico local: esse risco pode ser causado por esforço repetitivo como escrever muito ou passar um longo tempo falando, para a pesquisa este risco é considerado mínimo já que os escritos são feitos de modo compartilhado e os comentários serão breves. Para diminuir estes riscos, caso o aluno não esteja se sentindo bem fisicamente poderá retomar a pesquisa no encontro seguinte já que a análise de um encontro não sofre interferência
- Lesões: podem acontecer por conta de algum acidente dentro do ambiente em que se desenvolve a pesquisa, este risco é mínimo na referente pesquisa uma vez que a sala de aula usada dispõe apenas de cadeiras e mesas, espaçadas e confortáveis.

Benefícios:

A pesquisa possibilita conhecer as demandas e expectativas em relação ao mundo do trabalho a partir das experiências dos próprios estudantes, fornecendo, desse modo, um material didático que ficará disponível na escola para usos posteriores.

Acompanhamento e assistência:

Caso o participante necessite de algum acompanhamento ou assistência psicológica ou médica em geral, poderá solicitar aos pesquisadores responsáveis pela

pesquisa. Se for de sua vontade, poderá solicitar a interrupção da participação na pesquisa, se a mesma estiver lhe estiver confortável. Caso aconteça algum acidente na sala de aula, o participante será encaminhado à diretoria da escola para receber o atendimento de primeiros socorros, e a depender da avaliação realizada, uma ambulância será acionado caso o acidente possua maior gravidade.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e Indenização:

Você terá direito ao ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa e à indenização pelos danos resultantes desta, nos termos da Lei.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores: Bruna Carneiro de Oliveira, e-mail: brunacarneirossocial@gmail.com, fone: (85) 988967873 e Patrícia Ribeiro Feitosa Lima, e-mail: patriciafeitosa@ifce.edu.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFCE das 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs as 17:00hs no IFCE Reitoria - R. Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426; fone (85) 34012332 e-mail: cep@ifce.edu.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do(a) participante:

Contato telefônico (opcional):

e-mail (opcional):

(Assinatura do RESPONSÁVEL LEGAL)

Data: ____/____/____.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma

via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Nome do(a) pesquisador(a):

[Assinatura do(a) pesquisador(a)]

Data: ____/____/____.

ANEXO A - RESPOSTAS DOS ESTUDANTES AO QUESTIONÁRIO

Nome: [REDACTED]

Questão 01
Sim, pois nos mostra uma visão contrária a da qual vemos na sociedade, que nos mostra uma nova forma de pensar.

Questão 02
Sim, um dos temas que mais me chamou a atenção foi sobre os "Caminhos possíveis para o primeiro emprego, pois me ajudou a ter uma base sobre o que procurar após o término do Ensino Médio.

Questão 03
Sim, pois nem sempre eu tive um tempo pra poder pensar em o que eu iria fazer depois que eu terminasse os estudos.

Questão 04
Relevante, acho que a escola deveria ouvir mais os alunos em relação aos assuntos citados no E-BOOK.

PanAmericana

1- Não

2- Sim, Muitos jovens hoje em dia tem a mente muito bloqueada para o trabalho e seria interessante discutir sobre isso.

3- Sim, porque muitos alunos ficam sem saber o que fazer depois do ensino Médio.

4- Relevante. Pois os jovens devem ter a mente aberta para o trabalho.

Nome: [REDACTED]

- ① Sim, compreendo que o trabalho não deve ser uma forma de exploração e que não conseguimos sobreviver sem trabalhar.
- ② Sim, os que falam e apresentam informações importantes do trabalho.
- ③ Sim, pois nós da uma perspectiva de vida melhor para nós no futuro, através dessa informações.
- ④ (X) irrelevante

Aluna: [REDACTED]

- 1- Sim, o E-book é abordado de forma clara e objetiva, mostra que o trabalho não deve ser somente explorado.
- 2- Sim. O que me chamou atenção foi a qualidade do E-book, pois mostra todas as informações que um estudante precisa saber com linguagem simples e objetiva.
- 3- Sim, pois dá aos estudantes chances para compartilhar uns com os outros os planejamentos e ideias pós-ensino médio.
- 4- Conteúdo relevante. Nem todos os estudantes do ~~ensino~~ 3º ano, tem acesso às essas informações, que torna o E-book como uma rede de auto-ajuda.

① - FOI IMPORTANTE APRENDER QUE O TRABALHO É MUITO MAIS QUE UMA COISA CANSATIVA, E NA VERDADE NOSSA FORMAÇÃO HUMANA, POR ISSO DEVEMOS REALIZAR DE FORMA DIGNA.

② - ACHOU IMPORTANTE A PARTE DO E-BOOK QUE DIRECIONA PARA O PRIMEIRO EMPREGO. É FOI DE GRANDE RELEVÂNCIA PODER CONVERSAR COM O GRUPO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS.

③ - PERMITIU, POIS NÃO EXISTE ESSE ESPAÇO NA ESCOLA E FOI MUITO IMPORTANTE CONVERSAR, COMPARTILHAR E TROCAR EXPERIÊNCIA.

④ - RELEVANTE PORQUE CONVERSAR E TROCAR IDEIAS SOBRE COMO SERÁ O POI ESCOLA É NECESSÁRIO PARA SE PREPARAR PARA ELE.

Nome: [REDACTED]

Questão 1

Sim, o trabalho humaniza o homem, não sendo apenas explorado.

Questão 2

Sim, é bom ter informações sobre trabalhos.

Questão 3

Sim, o que fazes após o término era um assunto relevante para mim, o livro ajudou a falar sobre isso na aula.

Questão 4

Relevante, além que a escola deveria auxiliar nestes assuntos.

① Sim, que o trabalho não é só aquele que ganha dinheiro ou ter uma profissão, e sim que faz parte da natureza humana, e por isso não devemos compreender de como exploração.

② Sim, perceber o trabalho de outra maneira, e o parte do e-book que fala das universidades, pois isto organizado por universidades, cursos e cursinhos grêmios.

③ Sim, porque é preciso fazer planos para depois do ensino médio, fazer cursos, continuar estudando, como o e-book orienta.

④ É muito relevante pois deve falar mais sobre como será o vida depois da escola. Sem as pressões de falar sobre vestibulares.

DOM DOM SEG LUN TER MAR QUA MIE QUI JUE SEX VIE SÁB SÁB

Escola: Emanoel Carneiro

Nome: [REDACTED]

① O conteúdo do e-book possibilita uma nova compreensão acerca da categoria trabalho?

Não, eu já sabia que trabalho era isso

② O e-book trouxe conteúdos que você considera importantes para debates em sala de aula?

Não, porque eu normalmente não fala e com gosto de falar sobre em sala de aula

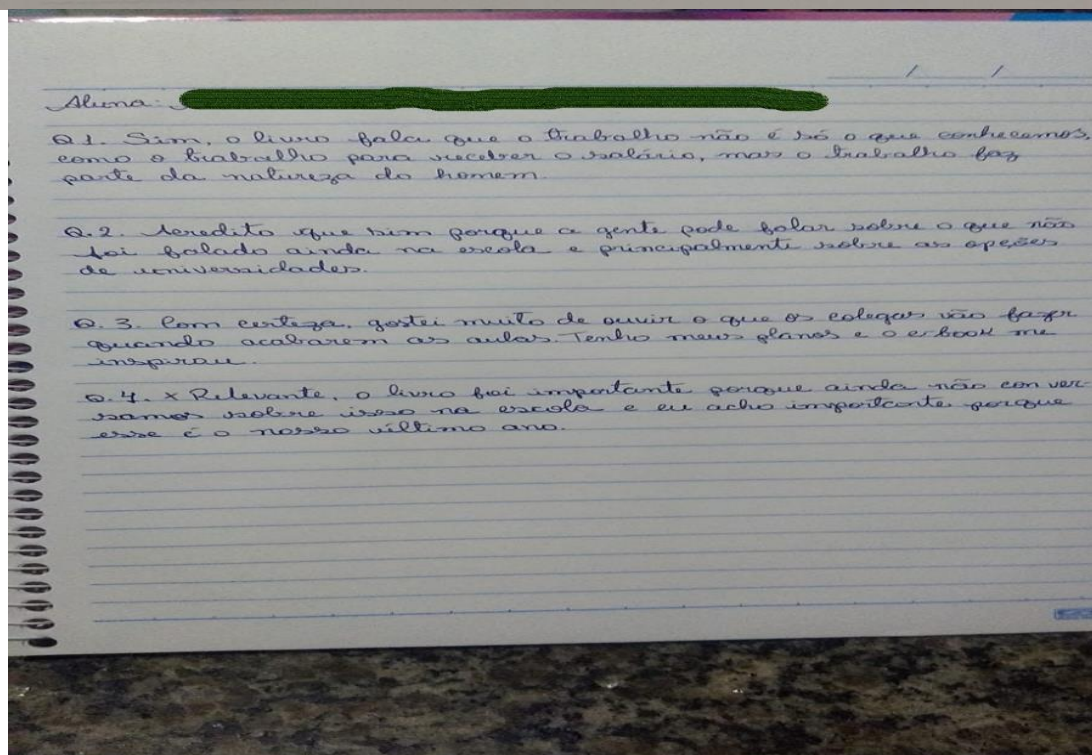
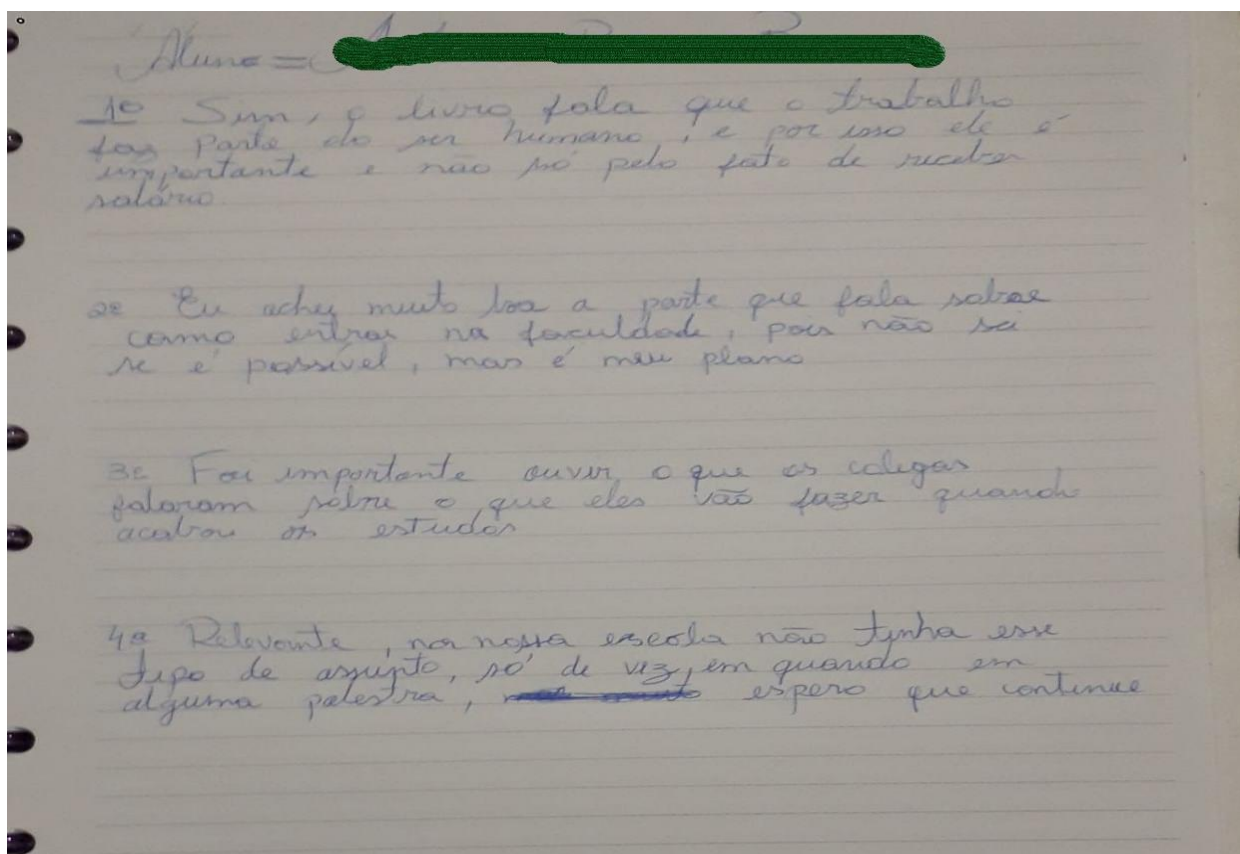
③ O conteúdo do e-book permite a você a refletir e dialogar com os colegas acerca do projeto de vida para depois do 3º ano?

Não, pois não fala sobre com os meus amigos e colegas, mas, se eu falasse com colegas

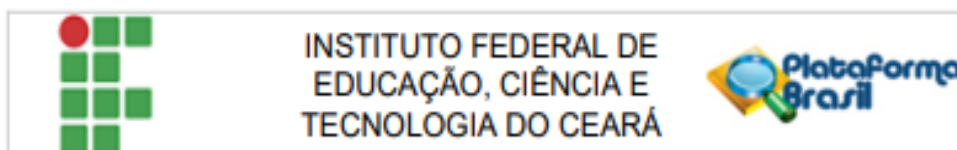
④ Qual a relevância do e-book para os estudantes que estão cursando o 3º ano do ensino médio?

1) Pouca relevante 2) Relevante 3) Dispensável

Pois ajuda muito os estudantes emendo mais sobre trabalho, porque os vejo a gente pensa que trabalho é uma coisa ruim, e não



ANEXO B - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ensino Médio, Escola e Trabalho- as demandas e perspectivas da juventude.

Pesquisador: Bruna Carneiro de Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 49246820.2.0000.5589

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO CEARA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.910.942

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem caráter qualitativa, mais especificamente se enquadrando em uma pesquisa-ação, visto que o pesquisador irá a campo e realizará intervenções junto aos participantes objetivando instigar uma reflexão coletiva juntos destes. o estudo tem como público estudantes de ensino médio de uma escola de caucaia-CE, e pretende realizar um curso para abordar questões que envolvem a juventude e o mercado de trabalho. o curso será aplicado em módulos ao longo das aulas de sociologia. a pesquisa será realizada com 30 estudantes do 3º ano da Escola Pública de Ensino Médio Edson Correa, localizada em Caucaia- Ceará. ao longo dos módulos, os estudantes serão provocados a dialogar sobre suas dúvidas, medos e sobre questões diversas acerca do mercado de trabalho. os encontros serão registrados por meio de gravações, vídeos e fotos, analisados posteriormente pelo pesquisador.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender as perspectivas dos estudantes em relação ao trabalho após a conclusão da última etapa da educação básica, além disso, pretende-se desenvolver um produto educacional em forma de cartilha que aborda os temas: trabalho e educação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Como riscos apresentados, a pesquisa poderá expor os estudantes a situações de vergonha ou desconforto por envolver questionamentos pessoais, porém os mesmos estarão cientes da

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

CEP: 60.410-426

E-mail: cep@ifce.edu.br



Continuação do Parecer: 4.910.942

possibilidade de abster-se de continuar contribuindo com a pesquisa a qualquer momento. Além disso, também será dada a garantia de sigilo dos dados levantados ao longo da pesquisa.

Como benefícios elencados, a pesquisa possibilita conhecer as demandas dos jovens em relação às expectativas sobre o mundo do trabalho e quais as ações que eles esperam que a escola ofereça.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa atende aos requisitos éticos para sua realização. A metodologia está clara, objetiva e não apresenta nenhuma questão que possa ferir os princípios éticos necessários para uma pesquisa com seres humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE está adequado para o andamento da pesquisa. Todos os elementos obrigatórios foram contemplados no referido documento, assim como também no termo de assentimento.

Recomendações:

Como sugestão, seria interessante que a pesquisadora explicitasse mais objetivamente no TCLE as temáticas a serem abordadas ao longo dos módulos. Pode ser algo que instigue uma maior participação dos estudantes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências que comprometam a aprovação do projeto por este comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1624971.pdf	09/07/2021 10:00:43		Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	09/07/2021 10:00:08	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	07/07/2021 17:12:27	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Outros	TCLERESPONSABLEIS.pdf	28/01/2021 12:22:48	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Outros	declaracaodecompromisso.pdf	19/10/2020	Bruna Carneiro de	Aceito

Endereço: Rua Jorge Dumar, nº 1703

Bairro: Jardim América

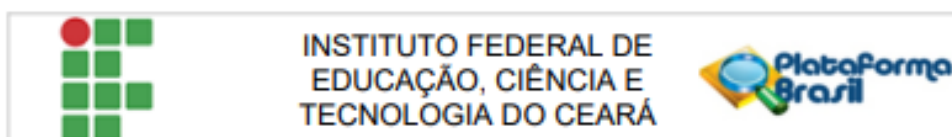
CEP: 60.410-426

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3401-2332

E-mail: cep@ifce.edu.br



Continuação do Parecer: 4.910.942

Outros	declaracaodecompromisso.pdf	17:14:15	Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEeconsentimento.pdf	27/09/2020 11:51:37	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Outros	regressobeneficio.pdf	13/09/2020 19:36:55	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	infraestrutura.pdf	13/09/2020 19:35:19	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	13/09/2020 19:34:54	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	13/09/2020 19:32:20	Bruna Carneiro de Oliveira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 17 de Agosto de 2021

Assinado por:
Jeffé Ferreira da Silva
(Coordenador(a))

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Ceará

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Eu, Antônio Luiz da Costa Carvalho, diretor da Escola de Ensino Médio Edson Correa autorizo a realização do projeto intitulado “Ensino Médio, Escola e Trabalho- as demandas e perspectivas da juventude” pelos pesquisadores Bruna Carneiro de Oliveira e Patrícia Ribeiro Feitosa Lima, que envolverá a realização de um encontro abordando a temática trabalho e projetos de vida com os estudantes do 3º ano do ensino médio realizando a coleta de dados através de registros manuscritos dos estudantes e será iniciado após a aprovação pelo Sistema CEP-CONEP.

A Escola de Ensino Médio Edson Correa está ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la em conformidade às diretrizes e normas éticas. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas aos estudantes do 3º ano do ensino médio que não desejarem ou desistirem de participar do projeto.

Declaro, outrossim, na condição de representante desta organização, conhecer e cumprir as orientações e determinações fixadas nas Resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 07 de abril de 2016, e Norma Operacional nº 001/2013, pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), e disponíveis no Regimento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa do IFCE.

Fortaleza, 13 de setembro de 2020

Antônio Luiz da Costa Carvalho

Antônio Luiz da Costa Carvalho
Diretor Escolar
Mat. 30151615 D.O.E. 18/05/2018